



**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação Profissional em
Patrimônio Cultural**

Dissertação de Mestrado

CARIJO: A CRIA DOS FESTIVAIS

Jaqueline Alessandra Domanski Ribeiro

Orientador: Prof. Dr. Saul Eduardo Seiguer Milder

Santa Maria, RS, Brasil.

2013

Jaqueline Alessandra Domanski Ribeiro

CARIJO: A CRIA DOS FESTIVAIS

**Dissertação de Mestrado, apresentada como requisito para
obtenção de Título de Mestre em Patrimônio Cultural na
Universidade Federal de Santa Maria, pelo Departamento
de História.**

Orientador: Prof. Dr. Saul Eduardo Seiguer Milder

Santa Maria, agosto, 2013.

Universidade Federal de Santa Maria
Departamento de História
Programa de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural

A Comissão Examinadora, a baixo assinada,
Aprova a Dissertação de Mestrado

CARIJO: A CRIA DOS FESTIVAIS

Elaborada por
Jaqueline Alessandra Domanski Ribeiro

Como requisito parcial para a obtenção de grau de
Mestre em Patrimônio Cultural

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Saul Eduardo Seiguer Milder
Orientador

Prof. Dr. Júlio Quevedo dos Santos – UFSM
Examinador

Prof^ª Dr^ª Dinara Xavier da Paixão – UFSM
Examinadora

Santa Maria, agosto, 2013.

AGRADECIMENTO

Ao mestre dos mestres, Deus, por ter me dado todas as possibilidades, a inteligência, o discernimento e a alegria de seguir sempre adiante.

A minha mãe, fonte de luz, paz e força. Mulher guerreira que sempre será exemplo para mim.

As fontes de sabedoria sobre cultura gaúcha e festivais: Ieda Brandão Bueno, Wilmar Winck de Souza e a Henrique Lima. Obrigada pelas longas conversas e sempre compartilharem de suas sabedorias comigo.

Aqueles que me auxiliaram nesta conquista, com sua paciência e dedicação de amizade. A Camilla Rodrigues Milder por sempre me apoiar e incentivar nos estudos. A amizade alegre e fiel de Laize Zanon Turra e a amizade e paciência de Mayara Andressa Bonn e Rossana Zott Enninger.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é a divulgação da história de idealização e um ciclo de história do festival Carijo da Canção Gaúcha da cidade de Palmeira das Missões, no norte do Rio Grande do Sul. Será utilizado embasamento teórico juntamente com pesquisa empírica, através de entrevistas com as pessoas que fazem ou fizeram parte da realização do festival assim como utilização de documentos existentes que possam servir de fonte histórica para esta dissertação. O embasamento teórico se fundamenta em literaturas referentes a cultura, cultura gaúcha, assim como antropologia e métodos de pesquisa. Embora seja necessário este viés teórico, o trabalho se debruçará em pesquisa empírica, onde “as vozes” contarão a história, fatos e relembração momentos importantes do festival que pela sua importância na preservação da música gaúcha é patrimônio do Estado. Pesquisa empírica baseada em entrevistas e busca de informações em documentos como atas, jornais, acervos particulares e no próprio livreto do festival. Foi a aproximação afetiva que me levou a escolha do objeto a ser analisado, e, portanto, poderá ocorrer certo brilhantismo dos momentos e entrevistas. Abordaremos um ciclo de Festival: Jubileu de Prata, contando da primeira edição até a vigésima quinta. O estudo será embasado em nomes consagrados quando nos referimos à Cultura Gaúcha como Ruben Oliven, Luiz Carlos Barbosa Lessa, João Paixão Côrtes, Sandra Pesavento, entre outros estudiosos que acabaram optando por analisar outros temas dessa cultura e também conceitos relacionados a cultura em geral, como Roque Laraia.

Palavras-chave: Cultura Gaúcha - Patrimônio Cultural - Festival Carijo da Canção Gaúcha - Regionalismo.

ABSTRACT

The objective of this research is a dissertation of the history of the idealization and a wide look into the festival's history of Carijo Da Canção Gaúcha that takes place in Palmeira das Missões, in northern of Rio Grande do Sul. This dissertation will be used along with theoretical foundation and empirical research, through interviews with people who are or have been part of the festival as well as the use of documents available that can serve as a historical source for this dissertation. The theoretical foundation is based on literature related to culture, gaúcho culture, as well as anthropology and research methods. Although this theoretical view is necessary, the dissertation will work in empirical research, where "voices" tell the story, facts and important moments of the festival which is the state's patrimonial because the preservation of the gaúcho music. Empirical research based on interviews and searching for information in documents such as protocol, newspapers, private collections and in the actual booklet of the festival. Was the affective reactions that made me choose the object to be analyzed, and therefore, may occur some moments of brilliance and interviews. We will cover a course of Festival: Silver Jubilee, counting from the first to the twenty-fifth edition. The study is grounded in established names when referring to Gaúcha Culture as Ruben Oliven, Luiz Carlos Barbosa Lessa, João Paixão Côrtes, Sandra Pesavento, and other scholars who eventually opted to analyze other subjects of this culture and also concepts related to general culture, as Roque Laraia.

KEYWORDS: Gaúcho Culture - Cultural Patrimony – Festival Carijo da Canção Gaúcha - Regionalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capas livro Santo Antônio da Palmeira	24
Figura 2 – Figura do domínio dos ervais da década de 60	27
Figura 3 – Gráfico de porcentagem nacional de exportação	29
Figura 4 – Relação de cidades que mais produziram	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO II – O CRESCIMENTO DA CULTURA E A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE	14
2.1 Cultura “geral” e Cultura Gaúcha	14
2.2 A lendária Palmeira	23
2.3 A Erva-mate na economia Estado/município	26
2.4 O Festival como Cultura Musical	30
2.5 O Tombamento	31
CAPÍTULO III - DA METODOLOGIA E CONCEITOS DE GRANDE-REPORTAGEM	36
3.1 Da metodologia	36
3.2 Da proposta prática	39
LIVRO – REPORTAGEM	42
CONCLUSÃO	100
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	101
ANEXO	104
APÊNDICE	109

INTRODUÇÃO

A globalização tem feito com que as culturas existentes se modifiquem a cada instante, surgindo um esforço de não “morte” dessas. Elementos são necessários para a formação de identidades: memória, imaginário, oralidade, símbolo, fronteiras. Cada qual com seu objetivo, mas todas em um único caminho: fazer com que um povo se diferencie do outro. Dessa maneira, o estado do Rio Grande do Sul tem elementos fundadores oriundo de cultura platina, lusitana e espanhola, e também formas de identificação: cultuar guerras, heróis, mitos, estância, onde através de sua forte cultura musical, vem passando de geração para geração os dogmas impostos pelos fundadores do Movimento Tradicionalista Gaúcho – MTG.

Na segunda metade do século XX, observou-se a necessidade de firmar os costumes rio-grandenses através da música. Então surge em Uruguaiana o primeiro festival de música que representasse os costumes e cultura do território gaúcho: a *Califórnia da Canção Nativa*. Naquela época, o Estado estava passando por período de afirmação de identidade, em que os símbolos e os demais elementos precisavam firmar-se ou moldar-se de acordo com a necessidade para melhor representar. Também foi nesta ocasião em que se solidifica o que podemos chamar de vertentes da nossa cultura: o tradicionalismo e o nativismo.

O festival de música, como evento cultural, seria uma forma de promoção de ideias – que nesse caso seria a Cultura Gaúcha- em que podemos expor culturas e costumes, para ser difundido em massa através da música. As músicas que estão de acordo com a proposta do festival, serão selecionadas e defendidas geralmente em palcos com uma seletiva plateia, que muitas vezes expressa seu gosto ou desgosto pela música que está se apresentando. E, através dos festivais que hoje ainda existem, possuem forças para prosseguirem seus “ideais” perante a tantas mudanças e avanços que acabam fazendo com que as culturas se percam pelo caminho, se não houver seguidores. Nos acervos de festivais podemos ter uma vasta coletânea de uma cultural musical forte, trazendo todos os elementos necessários para representar a Cultura Gaúcha: heróis, lida de campo, estância, o imaginário, a fronteira e os *inimigos*. Elementos construídos através da uma fronteira imaginária e móvel em que a memória

os transformou em símbolos e sendo institucionalizados, os transforma em identidade cultural de um povo: os sul-riograndenses.

Atualmente um dos caminhos para a preservação de determinadas formas culturais em nosso país é o tombamento, transformando-o em patrimônio daquela população. Esse tipo de preservação tem a importância à memória social, onde os bens culturais se tornam um conjunto tanto no setor histórico (no caso deste trabalho), belas artes, paisagístico, transformando assim a construção de um povo, em que o patrimônio tem por conceito “[...] resistir ao passado, transpor as cadeias do presente e ultrapassar as barreiras do futuro, tendo valor para o povo [...]” (BRITO, 2009, p.4). Nesse sentido, o MTG preserva a Cultura Gaúcha através de regras já institucionalizadas e que a cada assembleia analisa essa Cultura pra que não haja perda dos elementos mas que ao mesmo tempo, se adapte as condições dos que a cultuam.

Dentro deste conjunto de patrimônio que contam as histórias dessa Cultura, incluímos a música, tipo de propagação de ampla divulgação e facilmente aceitável. Os ritmos instituídos pelo MTG, além de aproximar as pessoas pela identificação dos temas abordados, também tem função de “fazer” os bailes renderem e as pessoas se encontrarem. Os ritmos são geralmente dançantes e contagiantes, portanto a absorção, seja da letra ou do ritmo, é muito simples. E por essa “simplicidade” a música, a nosso ver, acaba sendo uma das melhores maneiras de disseminar a Cultura Gaúcha em todos os cantos do Estado e Nação. Na contramão, mas ainda colaborando com a Cultura Gaúcha, os ritmos que encontramos com mais facilidade em festivais são ritmos mais calmos, em que a letra ganha mais destaque. Esses ritmos são: milonga, canção, mazurca e toada.

Tendo essa visão, a criação dos festivais é de suma necessidade. Ouvimos defesas de músicas apenas inéditas e com temas que possuem ligação total com a Cultura. Nesse ponto Palmeira das Missões, no norte do Rio Grande do Sul, tem como fruto dessa ideia um dos festivais tombados pelo Estado: o Carijo da Canção Gaúcha. O município foi fundado em maio de 1874 e teve por muitos anos a cultivo e comercialização da Erva-Mate nativa como fonte econômica, lucrando mais que a soja em muitos momentos. Por esse motivo que era econômico hoje se torna uma representação forte para os mais de 36mil habitantes que durante os dias de festival se somam aos tantos que prestigiam a Cultura Musical Gaúcha. Em 2010 o Festival Carijo da Canção Gaúcha completou sua 25ª edição, ininterrupta desde o ano de 1985. Festival que desde seu início segue a mesma linha musical, nativista, música de raiz e temas que

contem as lides de campo ou até mesmo os romances e entreveros da vida. Atualmente, possui uma noite especial onde apenas sobem ao palco palmeirenses para defenderem suas obras, que ao final do Festival estarão concorrendo de igual para igual com as demais músicas classificadas. E é com essa simples “pomposidade” e importância que o trabalho contará a história de criação, fundação, e o ciclo de seu Jubileu de Prata deste Festival.

O **Objetivo Geral** da pesquisa é realizar uma retomada histórica sobre a criação e idealização festival Carijo da Canção, um ciclo de história [Jubileu de Prata] e o tombamento do objeto pesquisado como parte da cultura gaúcha preservada, utilizando-se de documentos, entrevistas, fotografias e publicações em periódicos locais e estaduais.

Como **Objetivos Específicos**, a pesquisa propõe:

- Buscar através deste resgate a construção deste festival;
- Entender como surgiu e porque surgiu este festival;
- Explorar o significado do nome do festival;
- Explorar as histórias contadas pelas pessoas que idealizaram este festival;
- Contar através das músicas, fatos e livretos a história do primeiro ao vigésimo quinto festival;
- Aprofundar conhecimentos sobre os festivais e esta cultura musicada;
- Verificar a importância deste festival dentro do contexto rio-grandense já que o mesmo é tombado pelo Estado.

Para tanto, para o avanço teórico do trabalho, é preciso contribuições teóricas para o segmento da pesquisa. Então decidimos estruturar o trabalho da seguinte forma:

No primeiro capítulo, a **introdução**. Nela poderemos observar breves apontamentos do que será explicado no decorrer das próximas páginas do trabalho, além da síntese do referencial teórico, a justificativa, a metodologia de pesquisa e os objetivos.

No segundo capítulo, teremos a **revisão bibliográfica**, com autores abordando sobre Cultura Gaúcha, música gaúcha, cultura, o Festival, e uma síntese da história de Palmeira das Missões.

Terceiro capítulo será apresentado a **metodologia** utilizada no trabalho e o **objeto da dissertação**, que será a elaboração de uma grande reportagem.

Dando sequência, no capítulo seguinte será mostrado o objeto executado para a dissertação, o **livro reportagem**. Visto que o mestrado em Patrimônio Cultural, tem por

objetivo fazer com que o aluno tenha um objeto ao final do curso, o objeto desta dissertação segue os padrões de livro reportagem com busca de vozes, documentos, fotos e pesquisa nos arquivos do próprio Festival [chamados aqui de livretos].

O país dos horizontes sem-fim, das silenciosas lonjuras, dos gritos sem ressonância. (LESSA, 2002, p.9)

2 O CRESCIMENTO DA CULTURA E A TRANSFORMAÇÃO DA SOCIEDADE

O objetivo do capítulo é fazer uma simples discussão sobre as definições de cultura, de Cultura Gaúcha e dos elementos que nela estão inseridos. Da mesma maneira que servirá como guia de apresentação do objeto pesquisado neste trabalho.

2.1 Cultura “geral” e a Cultura Gaúcha

Foi comprovado que o ser humano é incapaz de viver sozinho, sem a ajuda ou sustento de outro alguém. Por esse motivo, por essa incapacidade de isolar-se, acaba se incorporando em algum grupo que compartilhe dos mesmos gostos, das mesmas características que ele. A necessidade se torna uma reformulação do “eu” e uma reconstrução da identidade ficando dinâmica e flexível “[...] composta de mecanismos de diferenciação e identificação que são acionados conforme os interesses dos indivíduos em questão, assim como o momento histórico no qual estão inseridos” (LUVIZOTTO, 2009, p.29-30). Sendo a identidade de um povo algo completamente plural, sua tarefa se torna dinâmica e flexível, no momento em que a cada dia se incorpora novos elementos, novos símbolos, novas regras, novos membros. Neste ponto, não devemos levantar diferenças quantitativas mas sim qualitativas, já a cultura faz-se de pontos diferentes do “outro” para entrelaçar suas características.

Que o homem depende de outro para existir não temos dúvidas, mas e para se conhecer? Já dizia Rousseau: o homem precisa do outro para conhecer a si próprio. Embarcando neste pensamento, podemos discutir como esse *outro* - o diferente – acaba sendo fonte basilar para a construção de identidades e culturas. Embora, a evolução da humanidade ainda esteja caminhando, a situação do homem perante sua autonomia e legitimação de território está muito bem demarcada. Tudo isso “graças” ao que

podemos chamar de progresso que deu passagem para a nomenclatura globalização. Entenderemos aqui a globalização como um fenômeno (que de certa forma já criou raízes em nosso “solo diário”) em que deixamos de ver o modelo clássico de sociedade que vinha sendo imposta nos últimos séculos, e passamos a ver o mundo através de perspectivas de distanciamento entre comunidades e organizações e uma vida social com tempo e espaço ordenados.

Nesta questão de pensamento do homem ter que se ver através do outro, deixa-se de lado o “eu=eu” e dá-se início ao olhar o “eu=nós”, surgindo assim à cultura. Ao olhar o outro como um ser/algo necessário para seu desenvolver e caminhar, ele, apesar de sempre apontar as suas reais diferenças assim como suas dependências, passa a aceitar como parte de seu mundo, não por acaso, mas muitas vezes por questões de subordinação. Dessa forma o pessoal e o coletivo tornam-se uma técnica em que cada indivíduo se diferencia do *outro*, porém se definindo em relação a um *nós*.

Muitos afirmam que foi junto com a globalização que as confusões de conceitos e dúvidas múltiplas acabaram surgindo, principalmente no âmbito da sociologia e da história. Trabalhar com questões sociais sempre foi um desafio para o homem, pois a sociedade está em constante metamorfose, e tudo isso acontece para que ela própria possa se aceitar “abraçar” o *outro*.

Já a história, que desde sua “fundação” é oriunda da tradição oral, se modifica a cada dia, a cada minuto, a cada instante. Para muitos, precisamos dela para “sobreviver” ou para fazer com que haja o amanhã. E foi com este último pensamento que a história é tema de muitos congressos, mesas, seminários e livros, tentando discutir e analisar uma comparação entre a evolução da humanidade com a evolução da história. Resumidamente, Hartog explica:

Quando, no século XIX, a história torna-se ciência, *ciência do passado*, só lhe resta declarar que se faz com “documentos” [...] A história é a *ciência dos vestígios escritos*. A partir da linha do presente, o historiador ausente não passa de um olho leitor de arquivos. [...] os fatos falam, o historiador [...] deveria ser [...] um copista. (HARTOG, 2001, p.34 – grifo nosso)

E continua afirmando que esta Ciência História sempre foi contestada por ser pura, crítica e positivista, onde

Foi recusada, mas também substituída por uma ciência que buscava em profundidade, em estruturas invisíveis a olho nu, a apreensão mais verdadeira do movimento real das sociedades. História que conta e que mede, história anônima das forças produtivas, história arqueológica, até mesmo

arquitetônica das longas durações. As verdadeiras testemunhas são índices a calcular e os testemunhos, curvas a construir. (HARTOG, 2001, p.34)

Com toda essa evolução e estudos, muito já se fez com a história e muito ainda está para se fazer. Para historiadores e pesquisadores o ganho é muito. De uns tempos à atualidade a história se permitiu usufruir de materiais que até então não poderiam ser usados como válidos, como a oralidade, fotografia, e a memória. Quando a oralidade pode ser vista como “documento oficial” aos olhos da Ciência História, quem mais saiu ganhando com isso foi a humanidade, pois muitas histórias e fatos estavam comprimidos em poucas bocas por essa “invalidade oficial”. Hoje, essas histórias podem virar livros com toda a segurança de retorno histórico e reconhecimento científico.

Mais árdua ainda deve ter sido aceitar a memória nesta categoria. Valer-se de nossa capacidade mental é discutida e analisada desde Freud com suas teorias para entender a histeria, e de lá pra cá muita coisa aconteceu e muitos “achados” foram expostos. Muitos outros nomes poderiam ser citados e cada um com sua parcela de contribuição, ou na área da saúde ou na área das ciências sociais, e apesar de tantos estudos ainda se discute se nossa capacidade mental deve ser “levado a sério”.

Como já mencionado, para o homem reconhecer-se como tal, vale-se do *outro*, o estranho e/ou diferente, e nessa dialógica é que inicia-se uma identidade, principalmente no âmbito da cultura. Temos que ter o diferente – o outro- para alegarmos que somos diferentes dele e por isso somos *outros*. Para tanto, a identidade é uma construção social que desde o final do século XX, vem transformando a estrutura da sociedade moderna em fragmentos, principalmente no que diz respeito em divisões sociais e econômicas. A formação das identidades serve para autoafirmação de um povo, comunidade, nação, cada um com suas características, seus ritos, seus costumes. Para muitos, identidade e cultura são a mesma coisa, ou pouca coisa as diferencia.

Cultura é um termo de amplos conceitos, muitos autores discutem sobre ele, porém não há uma definição exata. Para Renata Lyra (2002) que resenhou sobre a obra de Canclini sobre cultura e comunicação, afirma que cultura é um processo que está sempre em transformação, diferente dos conceitos de imobilidade. Já para Martin-Barbero (1999) a cultura está paralela a cidadania, e assim sofreu transformações em que passamos de submissos para tomarmos nossas próprias decisões, mas que ainda há uma confusão de conceito. Com esta mesma visão, Prux afirma que a cultura está ligada a “língua falada por um povo, no relacionamento entre cada membro de uma

comunidade, no preparo de uma receita, na construção da moradia, nas crenças e ritos de uma sociedade” (2005, p.23).

Desde o nosso descobrimento nos é introduzido culturas diferentes como forma de socialização de padrões de vida: o início foi dado na religião introduzida pelos jesuítas nos séculos passados, e seguiu-se com o convívio com diversas outras culturas que foram sendo agregadas ao país. Por sua vez, a cultura brasileira é constituída por vários elementos, portanto não somos possuidores de uma cultura feita por nós (DIAS, 2008). O principal elemento que forma esta cultura vem da cultura popular, da cultura do conviver do dia a dia, da forma de ver as coisas simples, das crenças e credices; já o elemento secundário, porém o mais visto pelos estudiosos, a cultura letrada, a cultura erudita, que vê esse elemento como o mais expressivo e é elitizado. Segundo Azevedo, “a cultura popular revela de forma geral a sobrevivência de elementos ancestrais, muitas vezes de tal forma antigos que não lhes podemos localizar com exatidão as origens” (AZEVEDO, 2000, p.72-73). Então temos, segundo Chartier,

[...] de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente, e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada. (CHARTIER, 1995, p.179-180)

Diásporas entre culturas e costumes são casos novos no quesito dos estudos da sociedade. Confrontar cultura local com a cultura vinda dos imigrantes que ali se “aprochegam”, faz com que essas discussões sejam produtivas e amplas. Ao falar de gaúcho e seus costumes esta diáspora se aumenta.

É logicamente entranho afirmarmos que a cultura gaúcha é algo sólido, visto que é formado de anacronias e diásporas. Diásporas no sentido de conflitos étnicos, de ideias, de possessão territorial, e anacrônica pois a mesma história que ocorreu a anos atrás é um passado-vivo, um ontem que é hoje. Não fecha cronologicamente, não há um *chronus* completo. Além do mais, em meio a essa “colcha de retalhos” a Cultura Gaúcha foi construída com elementos oriundos dos imigrantes que vieram para colonizar e formar as regiões do Estado, da mesma forma que houve uma colaboração dos elementos de nossos países vizinhos, que foram incorporados ao passar do tempo e que mais tarde vieram a se tornar principais representantes, como o chimarrão.

Luvizotto (2009) e Laraia (2009) nos apresentam em seus estudos algo em comum no que se referem na identidade de um povo. Ambos concordam que além de flexível uma identidade é uma questão de organização social podendo ocorrer certa

hierarquia – onde a pessoa é classificada de acordo com a sua função ou representação na cultura em questão. Enquanto a primeira autora se embasa nos estudos de Frederick Barth ou até mesmo o teórico cultural Stuart Hall, o segundo autor trás uma citação do antropólogo Lévi-Strauss (1976): “o sábio nunca dialoga com a natureza pura, senão com um determinado estado de relação entre a natureza e a cultura, definida por um período da história em que vive, a civilização que é a sua e os meios materiais de que dispõe” (Lévi-Strauss apud LARAIA, 2009, p.88), onde podemos observar que a formação dos elementos de uma identidade ou cultura, está completamente ligado ao período da história, os elementos que este acaba por transmitir e que só assim o completará. Portanto, tratar cultura como objeto de estudo a torna “[...] sistemático, pois trata-se de um fenômeno natural que possui causas e regularidades, permitindo um estudo objetivo e uma análise capazes de proporcionar a formulação de leis sobre o processo cultural e a evolução” (TYLOR apud LARAIA, 2009, p.30).

Portanto, as identidades culturais são um conglomerado de culturas que estão em transformação constantemente.

Dentro deste mesmo caminho, temos elementos que formam as identidades onde podemos dividi-las em: memória, imaginário e elementos simbólicos. A memória podemos dizer, é algo subjetivo e munida de esquecimentos. A memória nos remete ao passado, muitas vezes um passado somente nosso, o nosso modo de ver aquele fato ou aquela pintura, ou até mesmo aquele cheiro do perfume do primeiro namorado, que era um pouco assim ou talvez de outro jeito. Por ser um relato pessoal algumas vezes não temos documentos plausíveis à comprovação, e além do mais, a memória somente existirá se houver o esquecimento, pois é do esquecimento que provem muitos de nossas recordações. Sabe aquela frase clássica: recordar é viver? Fato! A memória se faz disso. Ao esquecer, recordaremos. Estudos afirmam que em nossa sociedade temos o que denominaram de memória controlada, em que é direcionada a um objetivo maior através de um processo seletivo de reconstrução do passado, seja este completo ou não.

Outro elemento que forma a identidade é o imaginário. Tomaremos por base que não é uma construção neutra nem muito menos transparente, que assim como a memória controlada, tem um objetivo final. O imaginário se abastece de significados simbólicos que depois de institucionalizados e aceitos pela comunidade, são tratados como única forma de tratar/trazer/falar aquele fato ou objeto. As culturas atualmente se protegem através desse recurso: eu lhe apresento uma história, que contem heróis e fracassados, lhe apresento fatos, faço criar-se um lugar detalhado em sua cabeça, e tudo

acaba bem, pois, a história geralmente é positivista, então não haveriam mortes neste imaginário. E assim se faz uma identidade: alguém traz um fato, o molda (quase como um sonho) e transmite aos demais com convicção e retórica. É como diria Pesavento: “Toda construção imaginária de uma sociedade traz, pois, no seu bojo, uma vontade e uma ação de construir um poder simbólico, que responde a interesses de grupos sociais preciosos” (1980, p.386).

Outro elemento importante nessa construção é o símbolo. Toda cultura é recheada de simbologias, cada uma com uma finalidade, cada uma com uma bagagem cultural por trás, ou sem, pois muitas vezes se fala que uma faca é uma faca e ninguém mais discute ou discorda daquilo. Sendo assim, o simbólico “[...] exploram os limites do racional e do objetivo e comportam dimensões de sonho, utopia, inconsciente coletivo” (PESAVENTOS, 1980, p384).

A Cultura Gaúcha está praticamente firmada em símbolos (palpáveis ou não), institucionalizados e aceitos (de certa forma forçados a serem aceitos) pela comunidade sul-riograndense. Foi em 1947 que a sociedade tradicionalista sentiu a necessidade ter no Rio Grande do Sul um instituto que fosse responsável pelo resguardo da cultura. Embora tenha se passado dezoito anos, foi em 1966 que o instituto teve sua criação no XII Congresso Tradicionalista e foi denominado *Movimento Tradicionalista Gaúcho* – MTG. Atualmente o maior catalizador e disciplinador ao se tratar de elementos/símbolos da Cultura do Rio Grande do Sul. O órgão tem como norteador a *Carta de Princípios*¹, aprovada em 1961, cinco anos antes da fundação do MTG.

A Carta de Princípios possui 29 objetivos que servem como base para as atividades da Cultura Gaúcha. Objetivos como:

[...]

II – Cultuar e difundir nossa História, nossa formação social, nosso folclore, enfim, nossa Tradição, como substância basilar da nacionalidade.

XVIII – Incentivar, em todas as formas de divulgação e propaganda, o uso sadio dos autênticos motivos regionais.

XXVI – Revalidar e reafirmar os valores fundamentais da nossa formação, apontando às novas gerações rumos definidos de cultura, civismo e nacionalidade.

¹ Disponível em: http://ideiailtda.com.br/clientes/mtg/pag_cartadepincipios.php

[...]

Apesar de não estar expresso a palavra música ou derivação, podemos também encontrar na Carta objetivos ligados ao patrimônio e a musicalidade da Cultura, observe:

[...]

VI – Preservar o nosso patrimônio sociológico representado, principalmente, pelo linguajar, vestimenta, arte culinária, forma de lides e artes populares.

XIX – Influir na literatura, artes plásticas e populares e outras forma de expressão espiritual de nossa gente, no sentido de que se voltem para os temas nativistas.

[...]

Como exemplo visível podemos analisar a Cultura Gaúcha que com o imaginário criado pelos fundadores do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho) contempla muitos símbolos, regidos ou não por leis: a mulher na figura da prenda, o cavalo e o “cusco” (cachorro) como símbolos de confiança e amizade do peão, a estância – morada do gaúcho, o chimarrão, a ave Quero-Quero – símbolo representativo do Estado, entre outras formas de representação.

Isso entre outros tipos de ritos foram institucionalizados por um grupo de pessoas criadoras do chamado Movimento Tradicionalista Gaúcho, órgão responsável também por conduzir e vigiar todas as normas impostas para a “melhor” preservação da Cultura Gaúcha, criando assim “não um complexo de comportamentos concretos mas um conjunto de mecanismos de controle, planos, receitas, regras, instruções [...] para governar o comportamento” (GEERTZ apud LARAIA, 2009, p.62). Esse controle e revisão de conduta são analisados de tempo em tempo no chamado Congresso Tradicionalista, que embasado na Carta de Princípios avalia o comportamento das ações da Cultura Gaúcha e o futuro desta cultura, para que não caia no esquecimento ou no temido “modismo”.

A representatividade expressiva à formação da nossa Cultura é oriunda de elementos que foram agregando-se através das batalhas, “birras”, controvérsias e uma vontade imensa de sermos únicos, certo ego, como diria Freud, alimentado com heróis e conquistas. E foi essa a maneira encontrada para fazer o RS (*eu*) se diferenciar do resto

do país (Brasil) ou dos países/culturas que o rodeiam (*outro*). A dialógica entre o diferenciar do *eu* e do *outro* é característico desde a formação de nosso Estado, que como muitos sabem foi através de batalhas, acordos, mortes entre os países do Sul: Argentina, Uruguai, Paraguai e o próprio Brasil. Não que a Cultura Gaúcha seja única, seja “pura”, mas fez-se um grande esforço para que entendêssemos assim, esforço este feito pelos fundadores dos dogmas e ritos instaurados em livros, cartas de regulamentação e conduta.

Trazendo esta explicação, estes conceitos para a Cultura Gaúcha, ressaltamos que esta cultura é composta de inúmeros elementos que representam cada momento histórico vivido no Rio Grande do Sul. É de conhecimento de muitos que esta cultura foi criada através de elementos oriundos do imaginário campeiro sulista, em que temos a adoração por grandes heróis, inenarráveis batalhas e rituais ainda vividos todos os anos. A “honra” é tamanha que no Estado há até uma data (20 de setembro) em que acontece grande festa alusiva a maior batalha representativa para a construção territorial: Revolução Farroupilha. Essa Revolução é ainda comemorada hoje, como se tivesse ocorrido ano passado ou em um passado próximo, o que nos leva a conceituar esse ritual como algo anacrônico, visto que não há uma sincronia de passagem de tempo e os fatos ainda estão “frescos” na memória do povo. Outro exemplo de elemento que constitui a Cultura Gaúcha é seu linguajar próprio, ou como muitos repetem “sua língua”. O Rio Grande do Sul possui uma mistura de raças e etnias e seu linguajar obteve influência muito forte principalmente da língua espanhola.

A Cultura Gaúcha tem como base muito mais elementos da cultura platina do que imaginamos. Um exemplo disso é o Chamamé. Este ritmo de música é dos países andinos, principalmente da Argentina, que culturalmente é conhecida como inimiga, arque rival do Brasil e do RS, porém foi um dos países que mais “colaborou” com a formação da nossa Cultura, em grande peso na categoria musical. Outro gênero que podemos citar é a milonga, que foi uma “(...) novidade aportada pelo Nativismo dos anos 80, e representa o reconhecimento consciente de certa identidade cultural com os países vizinhos, em tempos de MERCOSUL. A milonga, sobre cuja origem platina não pairam dúvidas, impôs-se ao gosto do público gaúcho num movimento que dificilmente se poderá reverter” (SANTI, 2004, p.95). Outro exemplo é o mate ou chimarrão, que vem primeiramente do costume dos índios e depois o aperfeiçoamento dos paraguaios que já exaltavam esta erva a muito tempo.

Os índios já consumiam a erva em suas atividades de cura. Era muito usada para dar ânimo e revigorar as forças, e foi nesse ponto que os Jesuítas quando aqui chegaram estranharam, mas depois “caíram na graça e poder da folha” quando observaram que seu consumo crescia e poderia virar moeda econômica. Podemos observar um pequeno fragmento dos estudos de Ricardo Arthur Fitz no texto publicado com o título *Os jesuítas no território gaúcho*:

A “*Ilex Paraguariensis*”, por estar associada às atividades xamânicas dos pajés, foi inicialmente proibida pelo governo espanhol e seu uso punido com excomunhão pela Igreja. Ainda assim, seu uso se tornava cada vez mais difundido a ponto de a proibição ser revogada e as reduções jesuíticas tornarem-se os principais produtores de erva-mate. Mais do que isto, a erva-mate tornou-se o principal produto de exportação das reduções e sua principal fonte de recursos (FRITZ, 2011, p. 55-56).

Como podemos ver nesses dois simples exemplos, a Cultura Gaúcha é formada por pequenos fragmentos da cultura dos nossos vizinhos, nossos fronteiriços, e foi por causa da fronteira, essa peça imaginária, que proporcionou essa mobilidade às culturas. Como exemplo de uma fronteira solidificada, trago palavras de Lurdes Grolli Ardenghi em que podemos observar no texto um resumo do que foi a fronteira na parte econômica do Estado, e que em consequências das batalhas, os militares acabaram tomando posse de muitas terras nessas regiões para guardar fronteira:

Cabe destacar as características peculiares da formação do Rio Grande do Sul, como zona fronteira que colocava em confronto permanente, portugueses e espanhóis e cujo primeiro fator de atração econômica foi a preia ao gado xucro. Tanto a atividade de preação quanto o caráter de região fronteira plasmaram a formação de um povo com valores próprios em que o militarismo é uma marca, acentuada, sobretudo, nas regiões de atividade pastoril (2007, p.67).

Não nos referimos a miscigenação, longe disso. Referimos-nos ao aproveitamento ou até mesmo apropriação de certas características, não a miscigenação por si própria, pois não foi realmente, em nosso ver, uma mistura, mas sim um moldar do elemento de acordo com o meu querer e o meu ponto de vista (fundadores), excluindo uns e agregando outros, pois como sabemos a Cultura Gaúcha é formada pelo positivismo: os caminhos que deram-se as guerras eram a única forma, por isso somos vencedores, guerreiros, heróis de uma pátria pura e verdadeira. Incrementando, podemos observar uma análise que traz exemplos de como essa cultura positivista é, ainda hoje, mostrada aos demais:

Era necesario dotar a la ciudad y al país todo de lugares de identificación y de culto: plazas con monumentos recordatorios de héroes y batallas que aludieran al “origen” e a la “esencia” de la nación. Pero que a la vez contribuyeran a “borrar” de la memoria aquellos episodios que habían obstaculizado esa identificación colectiva.(FREGA, 1995, p.125)²

É como expressa Ana Frega, em que “[...] las fronteras y los limites fueron esgrimidos desde los centros de poder como *espacios de exclusión, de diferencia, de cierre*” (FREGA, 1995, p.122)³, sendo assim, o espaço de exclusão também é visto como um espaço de trânsito, de modificação que permite ver a evolução humana.

As mesmas fronteiras que separam (territorialmente/fisicamente) os países do sul do RS (Argentina, Uruguai, Paraguai) não foram o suficiente para a formação única musical do Estado. Já mencionamos o chamamé, música originária (à nossa Cultura) dos Andes, mas há outros ritmos, outras formas, e não somente desses países, como também espanholas e lusitanas. Mas tomemos as do Sul. A formação da Cultura Gaúcha é amparada pela musicalidade, e por esse motivo, temos muitos festivais que tem por objetivo por transportar essa cultura para novas gerações ao mesmo tempo preservá-las, fazendo com que as pessoas cultuem-nas cada vez mais. A música é uma forma simplificada de disseminação de uma cultura ou costumes, por estar acessível a todos, sem precisão de ter certos conhecimentos, por isso os festivais e artistas ligados a música conseguem sua consagração. Santi (2004) nos fala do momento histórico em que a música gaúcha começa a ser moeda econômica no Estado: “Era verdade. O surgimento do Nativismo coincidia com a explosão da indústria fonográfica no Brasil, fato que lhe possibilitaria tornar-se um fenômeno de massa, cujo produto principal – inclusive em termos de impacto econômico- seria não a bombacha nem a erva-mate mas...a canção!” (p.92). A canção se torna, então, um objeto de massa, o que facilita a distribuição para as pessoas.

2.2 A lendária Palmeira

² Era necessário para fornecer a localização da cidade e país em torno de identificação e de culto: memoriais praças com de heróis e batalhas que aludiu à "origem" bis "essência" da nação. Mas, ao mesmo tempo contribuir para "apagar" a memória daqueles episódios que teria dificultado a identificação coletiva.- (FREGA, 1995, p.125).

³ “[...] As fronteiras e os limites foram apresentadas a partir dos centros de poder como espaços de exclusão, de deferença, de fechamento.” (FREGA, 1995, p.122).

A literatura é escassa quando se fala no tema Palmeira das Missões. O que encontrei, são os mesmos disponíveis para consulta-local na biblioteca municipal. São eles: *Caboclos, ervateiros e coroneis*, de Lurdes Groli; *Viajando no tempo*, Velci Nascimento; *Nossa terra é Palmeira das Missões*, organizado pela Secretaria de Educação do município, datada de 1986; *Pastoral Missioneira*, e o mais famoso, senão o mais adorado: *Santo Antônio da Palmeira*, que recebe este nome em honra ao padroeiro da cidade, ambos do autor Mozart Pereira Soares. A última edição deste livro data de 2004 publicado pela Editora Age, todavia trata-se de um livro comemorativo do primeiro centenário político-administrativo da cidade.

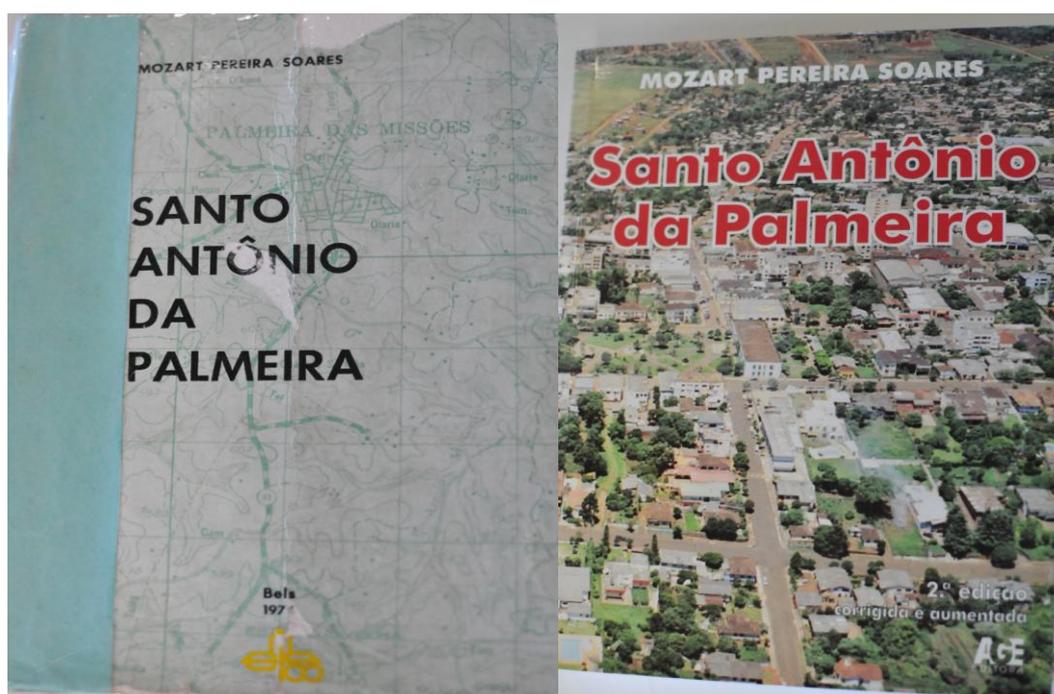


Figura 1 – Capas do livro Santo Antônio da Palmeira edição 1° [e] e 2ª [d].

Abro um parêntese para citar outro livro *Paróquia Santo Antônio da Palmeira – 150 anos de vida e evangelização*, que foi organizado por padres da paróquia. Como podemos observar pelo título da obra, trata-se da história da Paróquia, e na contramão, faz relações entre religião católica e:

- as batalhas ocorridas no RS – Revolução Farroupilha, Revolução Federalista, entre outras de menores repercussões;
- a colonização, tanto do RS quanto do município;
- a política;
- o social.

Mozart Pereira – ou Seu Mozart, como é carinhosamente conhecido e reconhecido na cidade - aborda a criação da Palmeira sob vários ângulos e em vários contextos.

Nessa formação contada por Mozart, os índios que habitavam as terras (que hoje são o município) no século XVIII eram oriundos de Santa Catarina ou, até mesmo, São Paulo, e se hospedavam no que hoje é a cidade de Nonoai. Segundo Soares (2004), a plantação de erva-mate em terras palmeirenses havia antes mesmo da época das Missões no RS, ou seja, século XVII. E ao chegar em Palmeira, os índios que aqui moravam cultivavam a erva-mate e, segundo o autor, “(...) a bebida que viria ocupar tão destacado posto nos usos e costumes dos gaúchos, pelas suas extraordinárias qualidades, muito custou para se prestigiar entre os missionários” (2004,p.83), que eram recém chegados por aquelas bandas. E essa prática, que de início foi dos índios e mais tarde dos agricultores, era da seguinte forma: “(...) coletavam as dádivas de natureza, especialmente folhas de erva-mate, que, desidratadas e trituradas, resultavam numa bebida tônica preventiva do cansaço (...)” (LESSA, 2002, p.7).

O autor, em sua empolgação, cita uma descrição de como seria “ver” a Velha Palmeira: “(...) o local de velhas moradas, na região da Palmeira, ao invés de ser marcado por figueiras, umbus ou cinamomos, como noutras regiões do Estado, assinalasse, mais comumente, por alguns pés de erva, até mesmo um só” (2004, p.87). E foram com esses pés de erva-mate, nativos, *Ilex Paraguaniensis* de qualidade pura, que o município sustentou o título de “Capital da Erva-Mate” do Rio Grande do Sul até 1933. No Livro Tombo da Paróquia, podemos observar como essa economia trouxe os moradores para esta região:

A erva-mate constitui-se, pois, na atração econômica para os primeiros exploradores da região, que passaram a explorar o produto “de mão comum”, o que estabeleceu umas características econômicas iniciais da região: ervais públicos explorados coletivamente pelos primeiros habitantes. Informa (Livro Tombo) também sobre a negociação do produto com a chegada de “muitos comerciantes com suas carretas de negócios para permutarem por erva” (ARDENGHI, 2007, p.60)

Palmeira está situada geograficamente “(...) no dorso de um dos divisores de águas entre as vertentes do (rio da) Várzea e do (rio) Guarita” (SOARES, 2004, p.19). Podemos encontrar em muitas músicas que compõe o acervo do Festival a denominação “Vilinha” ao se referir ao município, pois os ervateiros se referiam a pequena vila onde moravam e como tudo que é pequeno é elevado ao diminutivo, a chamavam de “Vilinha da Palmeira”. Tomando as palavras de Lurdes, podemos observar essa ligação entre a

formação da vilinha com o extrativismo da erva: “A “Vilinha” era constituída, inicialmente, por arranchamentos de ervateiros oriundos do município-mãe, que era Cruz Alta, e apresentou um lento crescimento populacional, pois o extrativismo ervateiro se caracterizava pela mobilidade constante” (ARDENGHI, 2007, p.60).

Já “Palmeira” não é tão difícil de explicar também. Reza a lenda que havia um suposto pé de Palmeira (*Syagrus romanzoffiana*), muito robusto no alto de uma coxilha que servia de referência aos tropeiros.

Sua emancipação política-administrativa ocorreu em 6 de maio de 1874. Até então, Palmeira das Missões tinha 15mil quilômetros de território: a norte o estado de Santa Catarina, leste Passo Fundo, Cruz Alta (município “Mãe”) ao sul e a oeste Santo Ângelo. Possui aproximadamente trinta e nove mil habitantes e está distante da capital Porto Alegre, quase 380km.

2.3 A Erva-mate na economia Estado/município

Não podemos deixar de falar sobre a erva-mate ao falar sobre este município, ou até mesmo deste Estado, que tem como uma das bebidas mais famosas e para alguns “estranha” do sul do país: o chimarrão, ou mate se preferir. E para desenrolar este assunto, iremos usar duas fontes: uma revista *Globo Rural* e informações do site do Sindicato da Indústria do Mate do Estado do Rio Grande do Sul – SINDIMATE/RS.

Apesar de a revista ser do ano de 1996, podemos observar o quanto a erva-mate já no século passado, estava sendo novamente valorizada. Em uma matéria assinada por Carlos Stegemann, a erva-mate se transforma em “ouro verde” que no sul do Brasil acaba se constituindo uma importante renda na agricultura. Segundo a matéria, a comercialização da erva-mate teve um novo reconhecimento a partir da década de 60 do século passado, em que houve uma mudança de plantio para outras culturas, e que depois “(...) Com a expansão dos mercados consumidores e novas aplicações industriais na fabricação de tintas, resinas, medicamentos, desinfetantes e outros produtos, foi preciso fazer plantios e submeter os ervais nativos a manejo, para aumentar a produtividade” (STEGEMANN, 1996, p.27). Podemos observar na figura que mostra a expansão das terras com ervais no século passado, que abrange: no Brasil – Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso do Sul e São Paulo; na Argentina; e no Paraguai.



Figura 2 – Figura do domínio dos ervais da década de 60.

No ano de publicação da revista (1996), a erva-mate retornava a ganhar nova visão de mercado e lucro bom, pois, naquela época, segundo um agricultor entrevistado o plantio da erva-mate compensava pois não carecia de muito cuidado, já que os pés eram nativos. Para isso, os agricultores, assim como hoje, precisam se adaptar as exigências da indústria, pois o mercado também é exigente, e podemos observar isso nos dados apresentados no site da Sindimate.

Antes disso, fazemos uma ressalva aos dados históricos que encontramos no site. O Sindimate foi criado em maio de 1942 e tem por objetivo atender as demandas da indústria na cadeia produtiva da erva-mate, e também mostra a importância de sabermos a trajetória da erva-mate em nosso Estado.

Segundo dados apresentados, a erva-mate (*Ilex paraguariensis*) era usada por índios Quichuas que viviam no Peru, e sustentavam o vício buscando a erva em terras brasileiras. No Brasil o uso começou com os Guaranis e os Caigangues. Entre 1610 e 1768, os padres Jesuítas, que depois de estudos e melhoramento do consumo, espalharam pela Europa e acabaram tornando um comércio do produto, que logo ganhou outras partes do mundo, e “(...) no ano de 1804, há registros do Porto de Paranaguá, da intensa exportação brasileira de erva mate, que passaram a ocupar os

porões de navios, viajando milhares de quilômetros até atingir mercados europeus, americanos e principalmente os países do prata”. Apesar de os índios já possuírem o conhecimento dos benefícios os “brancos” ainda não tinham essa sábia experiência. Depois de algum tempo, os benefícios medicinais da “santa e milagrosa erva” se espalhou, e com isso a inclusão do ritual do chimarrão na cultura gaúcha trouxe um “novo gaúcho”, acelerando até mesmo os festivais de músicas nativistas, “(...) que atraíam milhares de jovens em busca de sua identidade de gaúcho”.

O autor do texto, consegue resumir o que significa a planta erva-mate dentro de um contexto tanto econômico quanto histórico, observe:

Todavia, esta planta que é um laboratório vivo, reserva outras surpresas esplêndidas. Numa interação entre clima, solo e genética vegetal, existem regiões no Rio Grande do Sul contempladas com um produto de características de gosto e paladar fraco e suave aos apreciadores do chimarrão. Além, de ser berço natural deste exuberante e magnífico cidadão vegetal. Trata-se de uma planta endêmica, que só existe mundialmente e naturalmente no sul do Brasil, noroeste da Argentina e a parte oriental do Paraguai.

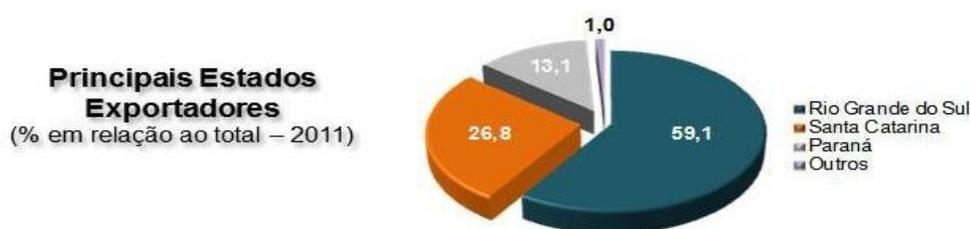
Voltando a matéria da revista Globo Rural, para fechar esta discussão, em outro feliz resumo, podemos observar como eram (e algumas partes ainda acontece assim) a extração e o beneficiamento, através do carijo (jirau de varas que serve para a secagem dos feixes de erva-mate) e o soque, que no texto apresenta algo mais moderno, mas não tendo tanta diferença no resultado final.

(...) começa com a colheita no mato. Os galhos mais grossos são cortados e imediatamente, antes que as folhas murchem, submetidos à sapecada. Esta consiste em colocar os ramos para desidratar, por alguns segundos, sobre fogo muito forte, numa caieira com paredes de lenha verde e massa de barro, para proteger as pernas de quem trabalha. Os ramos estalam ao calor das chamas. As pontas de algumas folhas chamuscam e ficam encrespadas e quebradiças. A erva é reunida num feixe de 40 quilos, prensada com o peso do corpo, amarrada com bambu fino e levada para um carijo ou jirau (armação de varas), num rancho, para secar na fumaça por três dias. Dali é levada para um cilindro de 3 metros de diâmetro, com fundo de chapa perfurada, onde é moída e triturada por maça de madeira dura em forma de cone, chamada de ouriço por ter saliências pontiagudas (STEGEMANN, 1996, p.28).

Claro, que atualmente a demora da ronda de três dias é muito para o mercado, e esse processo muitas vezes se resume a um dia apenas, e o consumidor já tem erva nas prateleiras dos mercados. E é essa economia que podemos observar através dos dados estatísticos de 2010, apresentados pelo Sindimate.

Segundo os dados, no ano de 2010 o Brasil produziu mais de 425 mil toneladas de erva-mate, que obteve R\$ 159mil , representando um aumento de 33,8% segundo o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo-IPCA que indica a variação dos custos com os gastos na produção do produto. Na mesma ordem de dados, o Rio Grande do Sul fica da seguinte maneira em números: produção em toneladas foi de mais de 260mil e i lucro da produção foi de 109 mil reais- aumento de 13,2% na produção.

No gráfico à baixo podemos observar a exportação do produto erva-mate nos principais estados produtores (RS, SC, PR), dados de 2011.



Fonte: MDIC. Ano de 2011: acumulado jan-nov.

Figura 3- Gráfico de porcentagem nacional de exportação de erva-mate.

Automaticamente, a quantidade produzida de erva-mate no Estado aumentou. No parâmetro dos dez municípios que mais produziram entre o ano de 1990, 2000 e 2010, Palmeira das Missões aparece de oitavo, no primeiro ano analisado, para terceiro lugar no ranking estadual, dando um lucro de PIB de 7% apenas, com 18.200 toneladas de erva-mate produzida em 1.300 ha.

10 maiores municípios em quantidade produzida no RS (em ton.)

1990			2000			2010		
	ton	%		ton	%		ton	%
1º Venâncio Aires	30.375	22,3	1º Fontoura Xavier	23.400	9,6	1º Ilópolis	53.100	20,4
2º Seberi	9.000	6,6	2º Venâncio Aires	20.790	8,5	2º Arvorezinha	38.000	14,6
3º Arvorezinha	8.200	6,0	3º Arvorezinha	18.900	7,7	3º Palmeira das Missões	18.200	7,0
4º Erechim	6.500	4,8	4º Itapuca	10.500	4,3	4º Venâncio Aires	14.125	5,4
5º Boqueirão do Leão	5.250	3,9	5º Palmeira das Missões	9.800	4,0	5º Fontoura Xavier	13.230	5,1
6º Barão de Cotegipe	4.750	3,5	6º Ilópolis	8.640	3,5	6º Itapuca	8.100	3,1
7º Santa Cruz do Sul	4.500	3,3	7º Erebangó	6.076	2,5	7º Barão de Cotegipe	6.685	2,6
8º Palmeira das Missões	3.984	2,9	8º Barracão	6.000	2,5	8º Anta Gorda	6.300	2,4
9º Áurea	3.420	2,5	9º Nova Prata	5.220	2,1	9º Áurea	4.950	1,9
10º Ilópolis	3.200	2,4	10º Erechim	4.380	1,8	10º Soledade	4.200	1,6
Total do Grupo	79.179	58,2	Total do Grupo	113.706	46,5	Total do Grupo	166.890	64,1
Demais Municípios	56.791	41,8	Demais Municípios	130.771	53,5	Demais Municípios	93.523	35,9
Total Geral	135.970	100	Total Geral	244.477	100	Total Geral	260.413	100

Fonte: IBGE.

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

Figura 4- Relação de cidades que mais produziram erva-mate no Estado.

Podemos observar um crescimento no plantio/cultura da erva-mate em nosso estado. Analisando a relação do quadro, temos que Venâncio Aires na década de 90

estava em primeiro lugar na produção estadual enquanto Palmeira das Missões ocupava a oitava colocação em quantidade produzida em toneladas. Vinte anos depois, a cidade de Venâncio Aires, estaria com uma produção menor do que Palmeira das Missões, ocupando a quarta colocação em produção. Mostrando então, que apesar de ser uma cultura de produção de longo prazo, não sendo possível sua colheita de ano em ano, os municípios ao longo dos últimos vinte anos, optaram também por esse plantio, que contribui para o PIB interno. É bom também lembrarmos que antigamente o beneficiamento da erva-mate era puramente artesanal, o que não desestimulava sua produção, e agora, com a vinda das máquinas, muitos daqueles processos foram substituídos por aparelhos que facilitam o procedimento e a indústria transformou em produção de larga escala.

Para fechar essa discussão econômica, o último dado (dados do ano de 2011) apresentado pelo Sindicato é que os consumidores compradores do produto extraído desses ervais são, além do Brasil, exportados para a Espanha (1,1%), Chile (2,2%) e o maior comprador em 2011 foi o vizinho Uruguai com 94,8% de compra de nossa erva-mate beneficiada.

2.4 O Festival como Cultura Musical

A cultura de festival no Rio Grande do Sul foi iniciada no ano de 1971 com a criação do festival *Califórnia da Canção Nativa*, em Uruguaiana. Ali cria-se um novo modo de apresentar a música nativista no estado, ditando regras que por muito tempo depois outros festivais seguem da mesma maneira. Foi através deste festival idealizado por Colmar Duarte que foram criadas linhas temáticas que são expressas nas poesias cantadas no palco. Essas linhas servem de fio condutor para que não percamos a nossa identidade, nossa forma preservada de lida no campo, ”lembrança” das guerras e pessoas que nos foram importantes, tudo isso somado ao culto as nossas tradições de séculos passados. Depois deste primeiro festival, outros festivais foram surgindo, um deles na cidade de Palmeira das Missões.

Em janeiro de 1986 estava acontecendo na cidade de Palmeira das Missões um encontro tradicionalista muito importante no que diz respeito ao culto as tradições gaúchas- 31º Congresso Tradicionalista-, e observando a estrutura física do parque de

exposições que lá existe, sugeriram que a cidade poderia ter um festival de grande porte, já que o município tinha o tradicionalismo fortemente cultuado.

Então, alguns tradicionalistas se reuniram e observaram com mais cautela a ideia sugerida pelo pessoal. E decretaram que naquele mesmo ano, 1986, o festival aconteceria. Pensaram no mês de maio, pois é um mês importante para a cidade e que daria tempo para acontecer uma divulgação de certa forma boa. Decidiram naquelas reuniões o nome do festival (Carijo da Canção Gaúcha) e a linha que seguiria o festival: nativista campeira. O nome do festival (Carijo) traz consigo uma atividade muito forte naquela época para a economia municipal. Palmeira das Missões já foi o berço da soja, trigo e erva-mate do Estado. E naqueles anos de glória, a secagem da erva-mate através do carijo era uma atividade muito comum, e hoje o que um dia foram as rondas de carijo são as rondas de um festival que é tombado pelo estado como Patrimônio Histórico Cultural (de acordo com a lei nº 12.282, de junho de 2005), e um orgulho para muitas gerações.

2.5 O Tombamento

Baseado em um contexto histórico-cultural do município, o então Festival tornou-se Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul pela iniciativa do Projeto de Lei 100/2005 do então deputado estadual na época, Jerônimo Goergen.

O tombamento do Festival é baseado na Constituição do Estado do Rio Grande do Sul da Assembléia Legislativa do Estado⁴, datado de 3 de outubro de 1989, e atualmente documento com alterações adotadas pela Emendas Constitucional – nº36/03 e nº 45/04. Com embasamento, de certa forma, na Lei de Incentivo à Cultura do Estado do Rio Grande do Sul, sob nº 10.846 de agosto de 1996.

O Deputado Jerônimo Goergen é palmeirense e creio que seja por esse motivo, somado a seu amor pelo Festival, em seu Projeto de Lei justificou pomposamente por quais motivos o Festival deveria ser tombado, para continuar tornando-se fonte “inesgotável” da Cultura Gaúcha.

São palavras dele, no segundo parágrafo do PL:

O evento, de inspiração nativista, visa resgatar e valorizar os costumes e as tradições do povo do Rio Grande do Sul, através da música gaúcha primando pelo enfoque da linha campeira nas composições que desde dos primórdios

4

Disponível

em:

<http://www2.al.rs.gov.br/dal/LinkClick.aspx?fileticket=nbSDRAho1L4%3d&tabid=3683&mid=5358>

caracterizou-se como a sua referência fundamental, o que lhe conferiu a credibilidade quanto a fidelidade as origens e a preservação da sua essência.

Imagino que o ano de 2005 possa não ter sido escolhido por acaso. Naquele ano o Festival completou 20 edições ininterruptas [um dos motivos pelo qual escolhi como objeto para a dissertação], ou seja, de sua primeira edição em maio de 1986 até o ano de 2005 todos os anos aconteceu no Parque Municipal de Exposições Tealmo José Schardong o Carijó da Canção Gaúcha, que sempre tem sua razão de existência as manifestações artísticas culturais que sobem ao palco. No ano de 2012, o Festival se abrilhantou com sua 27ª Edição.

Neste mesmo documento, há a menção de uma premiação vinda da Secretaria de Cultura do Estado, do ano de 2004, denominado “Troféu Cultura Gaúcha” que durante a pesquisa não obtive nenhum conhecimento. Da mesma maneira, o Deputado fala que o Festival é conhecido no Estado e no Brasil - “[...]todos os recantos do Rio Grande do Sul e também de outros estados do Brasil [...]”- e também da América Latina. Porém, chamo atenção para o fato de o mesmo não ser tão reconhecido assim. É um Festival com divulgação para campos específicos, o que não é um erro, todavia não há um reconhecimento tão grandioso assim nem mesmo no RS quanto no resto dos lugares citados. Como pesquisadora, consigo verificar que o Festival é algo mais regional [cidades que abrangem a grande região], dentro dos segmentos musicais onde atinge pessoas ligadas a música ou a festivais, porém não todos. É um Festival que por mais “tombado que esteja” não há uma divulgação e conhecimento das pessoas em geral.

O Projeto de Lei do Deputado, foi sancionado pelo Palácio Piratini no mesmo ano, 2005. A lei nº 12.282 é baseada na Constituição do Estado, e faz-se valer do inciso IV do artigo 82 que diz:

“Art. 82 - Compete ao Governador, privativamente:

...

IV - sancionar projetos de lei aprovados pela Assembléia Legislativa, promulgar e fazer publicar as leis;”

Da mesma maneira, o Festival torna-se Patrimônio Cultural do Estado do Rio Grande do Sul de acordo com os artigos 221,222 e 223:

Art. 221 - Constituem direitos culturais garantidos pelo Estado:

I - a liberdade de criação e expressão artísticas;

II - o acesso à educação artística e ao desenvolvimento da criatividade, principalmente nos estabelecimentos de ensino, nas escolas de arte, nos centros culturais e espaços de associações de bairros;

III - o amplo acesso a todas as formas de expressão cultural, das populares às eruditas e das regionais às universais;

IV - o apoio e incentivo à produção, difusão e circulação dos bens culturais;

V - o acesso ao patrimônio cultural do Estado, entendendo-se como tal o patrimônio natural e os bens de natureza material e imaterial portadores de referências à identidade, à ação e à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade rio-grandense, incluindo-se entre esses bens:

a) as formas de expressão;

b) os modos de fazer, criar e viver;

c) as criações artísticas, científicas e tecnológicas;

d) as obras, objetos, monumentos naturais e paisagens, documentos, edificações e demais espaços públicos e privados destinados às manifestações políticas, artísticas e culturais;

e) os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, científico e ecológico.

(Redação dada pela Emenda Constitucional n.º 36, de 12/12/03)

Parágrafo único - *Cabem à administração pública do Estado a gestão da documentação governamental e as providências para franquear-lhe a consulta.*

Art. 222 - *O Poder Público, com a colaboração da comunidade, protegerá o patrimônio cultural, por meio de inventários, registros, vigilância, tombamentos, desapropriações e outras formas de acautelamento e preservação.*

§ 1º - *Os proprietários de bens de qualquer natureza tombados pelo Estado receberão incentivos para preservá-los e conservá-los, conforme definido em lei.*

§ 2º - *Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.*

§ 3º - *As instituições públicas estaduais ocuparão preferentemente prédios tombados, desde que não haja ofensa a sua preservação.*

Art. 223 - *O Estado e os Municípios manterão, sob orientação técnica do primeiro, cadastro atualizado do patrimônio histórico e do acervo cultural, público e privado.*

Parágrafo único - *Os planos diretores e as diretrizes gerais de ocupação dos territórios municipais disporão, necessariamente, sobre a proteção do patrimônio histórico e cultural. (Redação dada pela Emenda Constitucional n.º 45, de 11/08/04)*

Na lei apresentada, o Festival se enquadra nos incisos I, III e IV do Art. 221. Principalmente o inciso IV, em que é mencionado os termos “difusão” e a “circulação” que é o objetivo de qualquer festival, fazer circular e difundir a cultura, a ideia, o tema pelo qual aquele festival se manifesta.

O artigo que julgo mais justo às razões do Tombamento é sem dúvida o Art. 222 no qual menciona que o Poder Público protegerá o patrimônio então tombado, que se por acaso houver dano ao patrimônio, este será punido por lei. Esse Artigo faz-me pensar a respeito de quanto o próprio cidadão acaba não cuidando ou preservando a sua cultura ou de seu patrimônio cultural. Pois afinal, aquilo não existiria senão fosse a nossa existência ou de ancestrais. Olho este Artigo como forma de último recurso para o Poder Municipal de ter uma forma de preservar, visto que a própria comunidade, culturalmente e acomodadamente, não a faz. Então cabe ao Poder Público punir o responsável pela “desordem” do patrimônio. Do outro lado, temos a forma grandiosa do Tombamento. Do “olhar” por outro ângulo. Que é uma coisa boa, tanto para a tradição dos festivais, no caso, como para a própria sociedade se enxergar como tal. Apesar de ficar “em cima do muro” quando se trata do Tombamento nesses quesitos apresentados, sou à favor da preservação e o Tombamento, esse resguardo Público, é o caminho mais correto para se ter esse objetivo.

Para finalizar, uso das palavras, também finais, do PL100/2005 do Deputado, para fechar esta discussão teórico-legal:

Verdadeiro salão social dos ervateiros, o Carijo desde suas origens, foi um ritual festivo e competitivo, em que as noites de ronda se encurtavam com anedotas, chistes, causos, assombrações, os desafios rimados e os descantes ao som do violão ou da acordeona, animados a tragos de canha. Tudo isso agora revive simbolicamente no Carijo da Canção Gaúcha, com o concerto de artistas de todo o Brasil.

Apresentados contextos históricos e teóricos referentes a Cultura Gaúcha, e muito além disso, os argumentos históricos e culturais que levaram o festival Carijo da Canção Gaúcha e ter sua existência e sua importância, damos sequência ao trabalho com um conglomerado de informações, vozes e documentos que poderão acrescentar mais história e brilhantismo ao objeto estudado.

3 DA METODOLOGIA E CONCEITOS DE GRANDE-REPORTAGEM

Como havíamos mencionado, o trabalho versará no viés da pesquisa empírica, em que as próprias pessoas participantes do Festival estarão contanto a história deste. Também contaremos com o “apoio” de materiais outros para darmos tanto mais ênfase, como ter outras fontes concretas, como: fotografias, LP’s, atas, acervo de jornais locais e estaduais, livreto do próprio festival – da mesma forma que poderão servir como ilustração para certos temas.

Desta maneira, faremos uma breve exposição dos conceitos que julgamos próprios ao que entendemos de pesquisa empírica. Pesquisa esta muito utilizada entre acadêmicos, porém pouco conceituada. Não cabe aqui apontarmos qual das melhores formas de classificar/definir o que é pesquisa empírica num trabalho de grande-reportagem, mas sim trazermos como justificativa de um ponto de vista nosso: apontar a oralidade somada a memória como fonte de fatos vivos e seguros.

3.1 Da metodologia

A escolha correta do procedimento para realização da pesquisa tornará o trabalho menos árduo e menos propício a erros. Uma sistematização e um “roteiro” de tudo que deve ser feito é um bom caminho. Muitos métodos nos são apresentados por diferentes autores para inúmeras formas de pesquisa, mas é a forma do problema ou o nível de aprofundamento no assunto que fará com que esses métodos sejam devidamente encaixados.

Para começar esta explanação, tomaremos estudos de Richardson (1985) que classificada a pesquisa deste trabalho como *estudo descritivo*, pois visa esclarecer um estudo de uma sociedade. Segundo Richardson, as pesquisas empíricas são em sua grade maioria qualitativas e possuem um ganho muito grande pois são descritas em linguagem livre, o que facilita o acesso de todas as pessoas ao resultado final.

De acordo com propostas de classificações do autor para pesquisas, o presente trabalho se ajusta ao que denomina *análise de conteúdo*, pois teremos como base, além das vozes, material como periódicos impressos que circulam na cidade e no estado, observe a explicação:

A análise de conteúdo utiliza como material de estudo qualquer forma de comunicação, usualmente documentos escritos, como livros, periódicos, jornais, mas também pode recorrer a outras formas de comunicação, como programas de radiofusão, música e pintura. (RICHARDSON, 1985, p. 44-45)

Segundo análise apresentada por Silva (2011), em seu trabalho baseado no livro *Métodos de pesquisa para internet*, na pesquisa empírica deve-se levar em consideração com o problema e objetivo da pesquisa procedimentos muito bem pensados nessa relação. Também faz um brevíssimo relato sobre a Teoria Fundamentada, ou simplesmente TF, que trata sobre o a análise sistemática de dados coletados e sistematicamente analisados, em que teorização e pesquisa empírica se entrelaçam. Então, “a ação do pesquisador, que vai ao campo e deixa que os dados empíricos lhe forneçam as hipóteses e delimitação do problema de pesquisa, é tratada como parte do processo investigativo” (SILVA, 2011, p.289).

Na pesquisa empírica é de suma importância ser o mais neutro possível na busca das fontes e dos meios de pesquisa. Por mais que tenhamos um pré-conhecimento do objeto estudado, precisamos ter em mente que nem sempre o que desejamos é o que será realmente alcançado. A pesquisa empírica vai além das amarras da chamada pesquisa científica acadêmica, mas possui regras próprias e é aconselhável possuir uma linha de raciocínio condizente para não prejudicar o objeto social estudado.

E a maior colaboração vem do livro de Antônio Carlos Gil, livro inteiramente explicativo das definições sobre as inúmeras formas de pesquisas.

Para Gil, o conceito de pesquisa se resume em um “(...) processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico” (2008, p. 26), e esse processo decorre de razões de vontade de conhecer mais o objeto, ou o problema social a ser pesquisado. Assim, o relacionamento entre o pesquisador e pesquisado não se dá como mera observação do primeiro pelo segundo, mas ambos "acabam se identificando, sobretudo quando os objetos são sujeitos sociais também, o que permite desfazer a ideia de objeto que caberia somente em ciências naturais" (Demo apud GIL, 2008, p. 31).

Antes de tudo, começando a classificação apresentada por Gil, a pesquisa apresentada neste trabalho se encaixa em *estudo de caso*, em que se investiga um fenômeno dentro da realidade em seu contexto, e por utilizar várias evidências como fonte, se torna uma pesquisa empírica.

Neste mesmo raciocínio, Gil nos apresenta uma classificação de duas maneiras de pesquisa: a pura e a aplicada. Neste trabalho será utilizado a classificação de

pesquisa aplicada, segundo a qual, são descobertas que enriquecem o desenvolvimento da sociedade como um todo (assim como a pesquisa pura) e não está desligada à construção de teorias, mas sim de uma aplicação das práticas do conhecimento adquirido. É preciso ressaltar que a “(...) realidade não é fixa e o observador e seus instrumentos desempenham papel ativo na coleta, análise e interpretação dos dados” (GIL, 2008, p. 31).

No capítulo sexto do livro, há uma outra classificação de pesquisa a qual não poderíamos deixar de comentar, visto que a pesquisa deste trabalho se encaixa nas definições propostas pelo autor: *pesquisa bibliográfica*. Os estudos históricos tem como fonte basilar fatos passados que em muitas situações, a única fonte inesgotável, além das vozes, são arquivos bibliográficos que servirão como base secundário. Observe a explicação do autor para a utilização desse tipo de fonte:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço (GIL, 2008, p.50).

Assim como Richardson classifica análise de conteúdo como um método importante para as pesquisas, Gil nos fala sobre a *pesquisa documental*, em que a utilização de documentos, oficiais ou não, servem como base para pesquisa pois permite a obtenção de dados com menor custo e acrescenta-se também a possibilidade de conhecimento do passado. Será utilizado neste trabalho: registros institucionais escritos (atas, projetos de lei) e os de comunicação de massa (jornais, revistas).

Gostaria muito de ter conseguido apresentar, através desta pesquisa, informações dos fatos ocorridos na elaboração do Festival através das atas, fotos ou até mesmo de desenhos do parque da época, mas pouco encontrei disso. O acervo fotográfico que consta sob guarda da Secretaria de Cultura possui boas fotos, mas na contramão encontrei o vazio da presença das atas e dos “mapas”, esses perdidos com o tempo e o descuido das administrações. E por isso concordo plena mente com uma frase do autor: “Sem contar que em muitos casos só se torna possível realizar uma investigação social por meio de documentos” (GIL, 2008, p. 147). Não digo que minha pesquisa ficou muito prejudicada com a falta desses documentos, mas há, de certa forma, um vazio de ilustrações, pois “(...) são considerados documentos não apenas os escritos utilizados para esclarecer determinada coisa, mas qualquer objeto que possa contribuir para a investigação de determinado fato ou fenômeno (GIL,2008,p.147).

E como último método utilizado neste trabalho, o autor define a *entrevista* como uma forma de interação social, onde a busca de dados é obtida através de um diálogo assimétrico que será a fonte de informação. Para o trabalho foi utilizado um meio tecnológico para realizar determinadas entrevistas: o e-mail. E a outra forma foi a entrevista tradicional, com uma conversa informal, em que a pesquisadora permitiu ao colaborador falar livremente sobre suas memórias e fatos sobre o assunto pesquisado, porém ao se desviar do assunto fazia-se uma retomada do mesmo, tornando-se assim uma *entrevista focalizada* de acordo com os estudos de Gil.

Exposto as definições que se encaixam a forma de pesquisa utilizada neste trabalho, segue as definições à proposta prática empregada no trabalho.

3.2 Da proposta prática

A reportagem traz nas veias a forma de transformar o jornalismo em algo plural com a polifonia das vozes. Isso, de certa forma, nos remete a muitas questões de complexidade, principalmente entre o real e o imaginário e o contemporâneo. Esse tipo de trabalho, a reportagem, aprofunda mais o assunto se debruçando em interesse social.

Na contramão de conceitos fixos, a grande-reportagem muito se assemelha com conceitos de Teoria Literária, no que se refere a construção de personagem, narrativa e possui semelhanças com o romance, se analisarmos seu desenrolar interno. No caso da proposta prática deste trabalho, será incorporado, além dessa polifonia, outros materiais como fonte para contarmos a história do Festival.

Historicamente, a grande-reportagem surgiu nos EUA, entre as décadas de 60 e 70 do século XX. Surgiu com a denominação de *New Journalism* - ou Novo Jornalismo – com refinamentos das características literárias, e marcou no contexto cultural do país, pois viviam momentos de exaltação da cultura, do social e questões de comportamento, já que o movimento *hippies* estava em ‘alta’ se transformando numa revolução dos costumes.

Segundo Criado, “(...) a grande-reportagem tem a pretensão de mergulhar na realidade, aprofundando a compreensão de fenômenos que o jornalismo cotidiano não consegue (2006, p.34)”, portanto, é um informar em profundidade. Será através deste conglomerado de informações e fontes que pretendemos fixar mais a identidade cultural que o Festival deixa na cidade e à Cultura Gaúcha Musical.

No mesmo trabalho, Criado consegue expressar as várias vantagens de se elaborar uma grande-reportagem, não somente como fonte de conhecimento, mas como resgate histórico e preservação de fenômenos ocorridos na sociedade trabalhada, observe:

Metodologicamente, a grande-reportagem se vale da contextualização socioeconômica, do resgate histórico, do debate conceitual e da construção do protagonistas. Contextualiza quando traça a rede de forças que interagem sobre determinado acontecimento. Faz o resgate histórico quando busca os antecedentes, as origens daquele fenômeno. Realiza o debate conceitual quando se sustenta em suporte especializado, que não dá veredictos sobre o tema, mas oferece visões inovadoras acerca do assunto. E, finalmente, constrói protagonistas porque são eles que, no cotidiano, dão significado a toda teia de acontecimentos (2006, p. 36-37).

A propósito dos protagonistas, a fala será de suma importância à participação de cada um na proposta prática deste trabalho. Apesar de atualmente haver a legitimação da oralidade como fonte oficial, isso aconteceu com certo atraso. Foi no século XVII, quando a Europa vivia uma convulsão cultural que foi chamada de Iluminismo, que se começa a pensar a oralidade como fonte legal. E nesse momento a História Ciência começa a ser questionada também.

Até então,

Apenas os documentos oficiais passaram a contar com legitimidade. Em decorrência, a História passa a narrar exclusivamente a história do poder, pois somente as classes dominantes produziam tais documentos considerados válidos. O enfoque da História é a luta política e as grandes transformações econômicas (CRIADO, 2006, p.41).

E foi apenas no século XX, dois séculos depois, que a oralidade se tornaria fonte documental legal para incluímos nos trabalhos, assim como cartas, documentos não oficiais, diários e tantos outros meios muito utilizados atualmente como fonte. Seria, então, a partir deste momento, em que muitas histórias poderiam se tornar conhecidas e contadas de pessoas anônimas em páginas de livros.

Na contramão, os linguistas afirmam que a transcrição dos depoimentos nunca devem ser chamados de fala, mas sim uma cópia, uma reprodução imperfeita, um simulacro: “A passagem da fala para a escrita (processo de retextualização) sempre produz alterações em algumas das especificidades da língua falada (CRIADO, 2006, p.24)”.

De acordo com classificação apresentada por Lage (2001), a forma de entrevista utilizado neste trabalho é chamada de entrevista *testemunhal*, pois trata-se do relato do entrevistado sobre algo que ele participou ou que assistiu, e da mesma maneira que

podemos encaixa-la na classificação de *temática*, visto que há um tema específico a ser abordado com o entrevistado.

Para encerrar este assunto, uso das palavras de Miranda e Toledo (2007) que ao finalizar também o capítulo abordando grande-reportagem, nos fala que

(...) esse gênero jornalístico apresenta dados reais sobre um determinado assunto, traz informações e opiniões por meio de personagens que estão diretamente relacionados, e a partir de diferentes visões tenta contribuir para que o leitor forme a opinião dele sobre o assunto em questão (p.23).

Terminado o tópico teórico-metodológico, podemos analisar com mais perspicácia as escolhas feitas à elaboração do trabalho.

LIVRO - REPORTAGEM

As páginas a seguir serão da proposta prática dessa dissertação. Lembrando que o trabalho é um pequeno fragmento de uma grande história. Tem como base teorias já apresentadas de livro-reportagem, como fonte “*Deu no New York Times*” de Larry Rohter, e como fonte de exemplo para a diagramação o livro historiográfico “*O guia politicamente incorreto da história do Brasil*” de Leandro Narloch e o livro de história social “*De pernas pro ar – a escola do mundo ao avesso*” de Eduardo Galeano.

As páginas, devidamente diagramadas, poderão se encontradas no

<http://issuu.com/jakedomanski/docs/livro-reportagem.carijo>

1986 - O ano.

O Parque de Exposição Tealmo José Schardong acolheu entre os dias 9 a 12 de janeiro de 1986 cerca de mil tradicionalistas no 31º Congresso Tradicionalista Gaúcho. Sabe-se bem que naquela data, estavam reunidos os mais importantes do Movimento, como Mozart Pereira Soares e Antônio Augusto Fagundes. O Tradicionalismo Gaúcho estava brilhando naqueles dias, e o que viesse para acrescentar seria bem-vindo.

Nessa época, tanto Palmeira das Missões quanto o estado do Rio Grande do Sul estava se estabilizando na economia e a estabilizar-se como sociedade, visto que a Ditadura Militar ainda estava “fresca no ar”. Palmeira das Missões já tinha sido “sede” da soja, do milho, da erva-mate, dos tropeiros. Apesar de não se ter muitas bibliografias sobre isso, Palmeira já teve em sua história grandes nomes “trepereados” por aí, principalmente guerreiros nas lutas travadas em São Paulo conhecidos como “Pé-no-chão”. Conta-se também que na sombra da velha e robusta Timbaúva no caminho para o cemitério, foi aconchego para muitos tropeiros que vinham de São Paulo, Belo Horizonte, Paraná com rumo a outras fronteiras ou para o Uruguai, ou vice-versa. Aconchego também para lindos romances entre donas prendadas e tropeiros em busca de aventuras.

No meio de uma discussão e outra, Antônio A. Fagundes, ou “Nico”, acaba comentando que Palmeira das Missões tinha uma estrutura maravilhosa no parque e uma região abençoada para abraçar um festival de música gaúcha.

Nesses tempos, a música gaúcha estava precisando se “reinventar” e se firmar como cultura. E por isso os festivais cresceram e ainda crescem muito em nosso Estado.

Isso era janeiro. E as pessoas que escutaram isso, resolveram levar fé na ideia. No mesmo instante começaram a matutar, planejar e comprar carne. Sim, foi em uma janta na propriedade do então prefeito da cidade, Lourenço Ardenghi Filho, que pessoas ligadas ao Tradicionalismo e a Cultura Gaúcha se reuniram para começar a debater essa possibilidade. Nessa reunião estavam presentes apenas pessoas convidadas, pessoas de confiança, pessoas que dariam “vida” ao projeto, este mal planejado ainda, pois antes dele pouca coisa se tinha para se embasar.

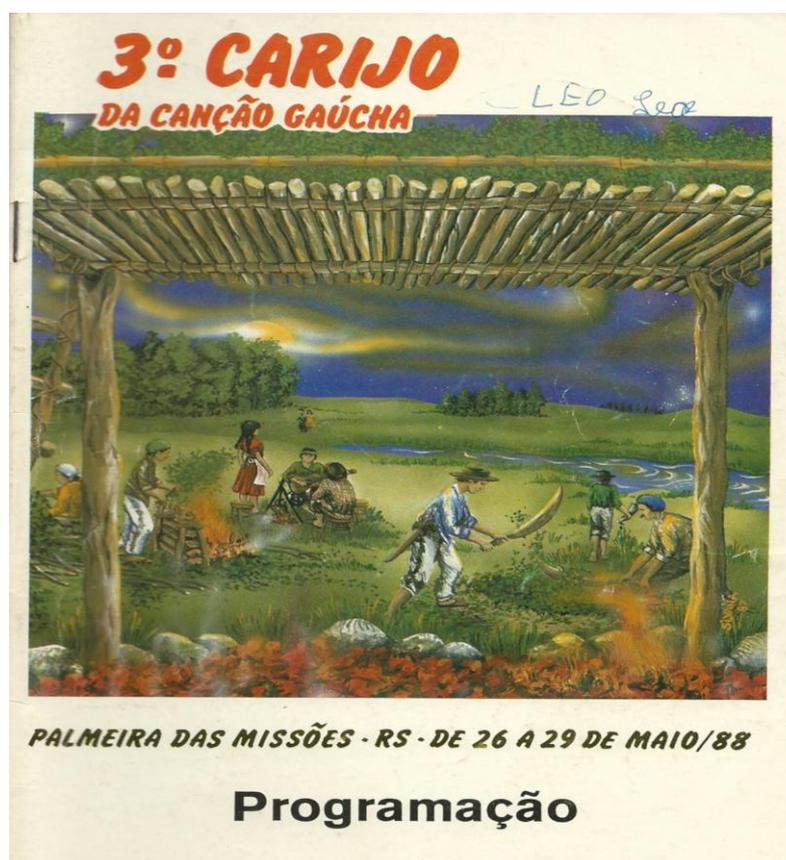
- Não houve ata da primeira reunião, pois foi uma coisa muito espontânea. O Lourenço que era prefeito na época pretendeu criar o festival, e também estava na Palmeira o Antonio Augusto Fagundes, e aí nos reunimos lá na casa dele, juntamente com o Dr. Mozart Perreira Soares. E o Dr Mozart logo já foi dizendo: “- Bom, se nós vamos criar um festival, ele deve se chamar Carijo da Canção. Pois a Palmeira é filha da erva-mate, porque tudo aconteceu aqui, na presença daqueles homens que chegaram para buscar erva!” O “ritual” do Carijo era muito comum de ser encontrado antigamente em solo palmeirense, pois, conta-nos Wilmar, era a única maneira que se tinha de secagem da erva, para depois levar a erva pro soque. – WILMAR WINCK DE SOUZA, O Provisório.

Por isso muita coisa foi discutida, arquitetada, montada. Os participantes não sabiam por onde começar, confessam, mas isso não tirava a vontade de Palmeira das Missões ter um festival para abrilhantar o Estado e encher de orgulho seus munícipes. Muitos modelos foram pensados, mas uma coisa era certa: seria música nativista, que tratasse sobre o campo, a lida, a vida campeira. Essa linha temática segue-se até hoje, sem mudanças ou modificações. Juntamente com a linha temática, foi pensado os ritmos que seriam aprovados neste festival. Esses foram escolhidos de acordo com as normas já estabelecidas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, que seriam o guia-mestre para as músicas nativistas: Canção, Bugio, Vaneira, Milonga, Chote, Valsa, Chamamé, Vaneirão, Rancheira, Marcha, Chamarrita, Rasguido Doble, Zamba, Mazurca, Toada e Chamarra. Todo o evento recebe um nome, algo que o represente em si, que expresse muitas coisas ao dizer. E com o Festival não poderia ser diferente: tinha que ter um nome representativo que ao mesmo tempo pudesse lembrar a Cultura Gaúcha. O Sr. “Doutor” Mozart Perreira Soares, com toda a sua inteligência, explicou que o nome que o festival deveria ser batizado é: Carijo. Não é qualquer nome ou qualquer parte da Cultura Gaúcha. Mozart afirmava que o nome era significativo tanto para a cidade quanto para o Estado, visto que o Carijo fazia parte do processo de beneficiamento da erva-mate, e como a erva-mate já tinha feito história na velha Palmeira, nada mais justo do que agradecer por tanto prestígio.

Carijo.

Carijo é um aramado feito de madeira que está dentro do processo de beneficiamento da erva-mate como um todo. A utilização do jirau, seguindo a ordem do

beneficiamento é a terceira: posterior pelo corte da erva, o sapeco, e anterior ao cancheir, ao soque e ao acondicionamento. Esse aramado era geralmente montado perto de um riacho ou córrego, para que caso acontecesse alguma coisa, haveria água por perto. A estrutura deveria ficar a um metro e meio ou mais do solo, em forma de cumeeira rasa, cercado de pedras grandes para quando a brasa saltar não saísse do cercado. Dentro desse cercado a brasa deveria ser controlada pela água do riacho para não subir muito, não atingido os feixes de erva. O braseiro era abastecido muitas vezes de plantas aromáticas como Cabreúva, pitangueira ou guabiroba, em que o aroma fosse transferido à erva. O Carijo também teve seus romances, há algo lindo nas rondas de Carijo. Como esse trabalho deveria ser com cautela, e isso levaria dias para estar completamente seca os feixes de erva, essa tarefa recebeu o nome de 'ronda', e rondar é vigiar. E nessa vigília, muitos romances se aqueceram, muitos gaiteiros e violeiros se consagraram entre os trabalhadores. Sem dúvida as rondas de Carijo foram lindos encontros musicais em que a música embalava amores, trabalho e erva-mate da boa.



Decididos esses três quesitos, que eram os mais importantes para se ter um norte, a data de quando este festival iria acontecer foi o item complicado. Estávamos em janeiro, e pela euforia dos participantes/organizadores esse festival teria que ser no

mesmo ano. E assim se fez. Planejam para que o festival acontecesse em maio. Maio? Sim. Para isso acontecer mesmo, de acordo com o plano, a divulgação deveria ser séria e objetiva. Findado essa etapa primeira, um grupo saiu pela região e pelo estado divulgando o Festival Carijo da Canção Gaúcha. Conversaram com representantes da administração estadual, foram em eventos ligados ao tradicionalismo, falaram com pessoas ligadas a música e até mesmo que pessoas que participaram do primeiro festival do Estado, Califórnia da Canção Nativa.

Os troféus.

Enquanto o grupo saía para divulgação, Mozart via a necessidade de também ter troféus personalizados ao Festival. Chamou Hermes Garcia do Santos para juntos pensarem em algo. Hermes lembrou de um artesão que trabalhava com madeira, que poderia quem sabe dar vida as ideias. Procuraram Júlio César da Rosa e expuseram as necessidades. Prontamente, Mozart fez questão de dar aulas de história e cultura para o bom artesão como forma de justificar e transmitir as ideias dos troféus. Dessa forma simples e objetiva, Júlio conta que Mozart nunca se incomodou de explicar e dividir sua inteligência e conhecimento com outras pessoas, principalmente quando se tratava para um bem coletivo. Dessa maneira, Júlio ouviu como era o processo de beneficiamento da erva-mate e em cima disso criou um a um os troféus que iriam premiar as primeiras vozes do Festival.

- Como eu trabalhava com o Jaime Ghelen, daí ele sabia que eu fazia camas entalhadas, móveis trabalhados naquela época, Daí ele foi lá e me disse: “Eu vejo você entalhando várias coisas, tu não queria fazer uns troféus pra um festival? Eu não queria comprar troféu pronto, eu queria uma coisa de Palmeira, uma coisa característica daqui, eu já tenho até os motivos. Como vai ser Carijo o nome, eu tenho até os motivos”. E assim fomos pensando. JULIO CÉSAR DA ROSA, O artesão.

Portanto temos os seguintes troféus:

1º lugar temos o troféu **Pé-no-Chão**,

- O troféu do Pé-no-Chão , ele surgiu depois de uns dias que ele estava pensando em fazer o primeiro lugar, não seria o troféu pé-no-chão. Seria um outro. Mas daí, o

Hermes falou que Seu Mozart tinha comentado com ele sobre o pé-no-chão, que foi um soldado numa época lá, foi um cara que lutou. - JULIO CÉSAR ROSA, O artesão.

Pé-no-Chão foi o nome dado ao pelotão que litava de pés descalços, que saiu de Palmeira das Missões para lutar na Revolução de 1932 em terras paulistas.

Os soldados por ele comandados
Acostumados aos pés descalços em seu rincão,
Não se acertaram com as botinas de sua farda
E acabaram por pelear de pés no chão.

Wilmar Winck de Souza, 17º Carijo

2º lugar recebeu o troféu **Tarefairo**,

3º lugar o troféu **Erva-Mate**.



Da esquerda para direita: *Troféu Pé-no-Chão*, *Troféu Erva-mate* e *Troféu Tarefairo*.

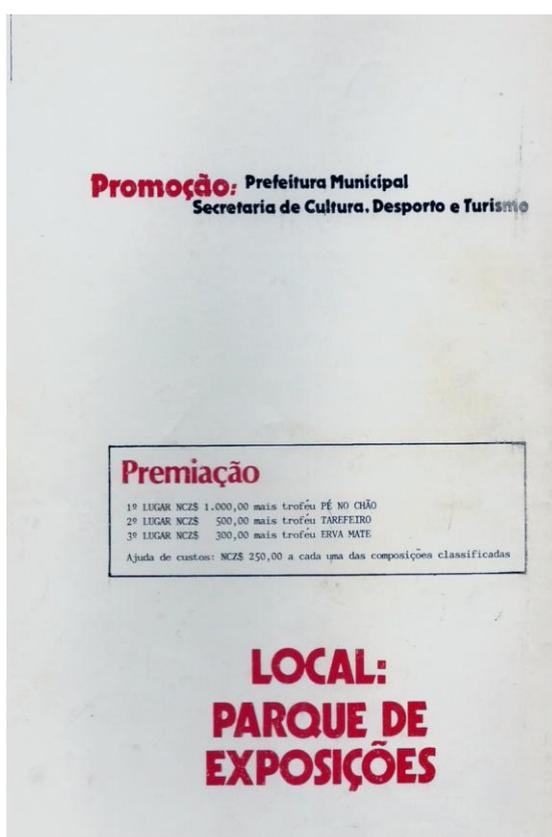
A esposa do artesão, a Sra Noeci Rosa, nos conta que para mostrar a ideia para Mozart e Hermes, ela ajudou o marido a fazer os protótipos de Durepoxi, que realmente foi um sacrifício, mas que no fim valeu a pena.

- Foram quase 40 pacotes do produto para poder fazer o troféu Pé-no-chão. Foi praticamente a madrugada inteira fazer e amassando a massa. NOECI ROSA.

As cifras\$.

Apesar de os troféus de madeira serem sempre os mesmos, os valores em dinheiro iam mudando. Atualmente ver cifras da época em que a espécie monetária que circulava no Brasil era o Cruzeiro ou o Novo Cruzeiro é uma maravilha, pois podemos observar muitos zeros, números extensos e valiosos.

Observe as cifras extraordinárias das premiações, abaixo:



4º Carijo – 1989



6º Carijo - 1991

Lindos não?! Realmente, para os mais novos esse exagero de zero é uma maravilha, mas para época era um valor razoável. Atualmente, os zeros diminuíram assim como a espécie também. Das variações de Cruzeiro passamos para o Real e nessa mudança os valores a serem pagos no ano de 2005 [20ª edição] foi de: R\$ 2.500,00 para o primeiro lugar; R\$ 1.500,00 para o segundo; e R\$ 1.000,00, terceiro.

Na 25ª edição o primeiro lugar ganhou em espécie R\$.

Os dias iam seguindo e se aproximava do mês de maio. O mesmo grupo que se reuniu no começo da história, monta a Comissão Organizadora, que na época foi chamada de Comissão Central. Da primeira edição à vigésima quinta, poucos cargos mudaram, na verdade o que aconteceu foi a evolução do festival e a adaptação de dificuldades encontradas.

Seguindo a lista temos: Vice-presidente: José Gomes Cezar e Renato Nicolau Müller; Coordenação Artística Cultural: Dr. Mozart Pereira Soares e Dr. Antonio Augusto Fagundes; Prefeito da Cidade de Lona Sr. Ademar Canavezzi; Tesoureiro: Sérgio Tadeu Westphalen; Secretário Geral: Sr. Antonio Léo Rodrigues; 1º Secretário: Sr. Angelino Alves; Coordenador de Infraestrutura do parque: Dr. Euzébio Dalagnol; Coordenação de divulgação e artes gráficas: Hermes Garcia dos Santos; Recepção: Grupo de Escoteiros “Cacique Sepé Tiarajú” e Coordenadoria da 17ª Região Tradicionalista; Copa e Bolicho: Veríssimo Santos Cavaleiro Ávila; Hospedagem: Odone Burtet Ghisleni.

Como o planejado, o novo Festival teve bom mercado e recebeu muito mais inscrições do que a própria comissão esperava. Ao total foram 251 canção inscritas, com nomes de grande prestígio como João Chagas Leite, Adão Quintana, Juliano Javoski, Sérgio Napp, Jaime Caetano Braun, Apparicio Silva Rillo, Luiz Carlos Borges, José Ataide Sarturi, o Nenito Sarturi, pessoas que colocaram fé no novo projeto. Realmente era para ser um evento que iria marcar.

- Na época, não me lembro o número exato, mas perto de 217 inscrições. Mas para a época era um grande número de inscritos até porque nós lançamos um festival no final de janeiro e ele já aconteceu em início de maio. Então ele foi criado e divulgado e concluído em noventa dias. O impacto do festival causou no RS no mundo cultural, envolvendo os artistas mais importantes do nativismo, do tradicionalismo foi muito grande. – ANTONIO LEO RODRIGUES, muitas vezes presidente.

Sabe-se que desde a primeira edição, criou-se padrões que deveriam ser seguidos. Alguns se modificaram, como a divisão dos ingressos dentro do pavilhão, mas outras continuaram intactas: desde a primeira edição há um acampamento de lona nas dependências do parque, a linha musical e temática não mudou, a roupa padrão para estar no palco deveria ser a pilcha gaúcha instituída pelo Movimento e que dentre o

corpo de jurados sempre deveria conter um membro da sociedade palmeirense que entendesse de música e/ou cultura musical gaúcha.

Em muitas das edições, essa regra foi levada em consideração, em outras, apenas serviu como forma de homenagear algum cidadão do município.

Na primeira edição, o festival contou com sete jurados para avaliar as músicas concorrentes.

Esse número se repetiu na segunda edição; terceira teve seis jurados; e da quarta edição até a vigésima quinta, o corpo de jurados foi composto por cinco membros.

Foram eles: Professora Rose Marie Reis Garcia, Milton Souza, Honeide Bertussi, João Carlos Paixão Côrtes, Professor Mozart Pereira Soares, Edison Otto, Professor José Roberto Diniz de Moraes.

Nessa etapa foram selecionadas 36 canções que iriam subir ao palco principal dentre os dias 22, 23,24 e 25 de maio do ano de 1986. Realmente tinha dado certo o cronograma estipulado lá por meados de janeiro: o Festival iria acontecer em maio. A ideia dos organizadores foi fazer uma espécie de acampamento dentro do parque, visto que o mesmo tem uma boa estrutura para. Os terrenos demarcados foram vendidos de forma simbólica e as pessoas puderam montar suas casas de lona e ficar quatro dias morando no parque. E tudo seria feliz! Quase. O temporal que ocorreu na primeira edição é praticamente uma lenda já. Todos, que moravam em Palmeira ou que estavam no parque, contam que a tormenta foi muito feia, pegou todos de surpresa. Para quem estava dentro do pavilhão foi uma sensação, para os que estavam acampados, foi outra. Por o pavilhão ser, até hoje, coberto por zinco, qualquer barulho, por mais singelo que seja, acaba ressoando muito dentro do ambiente. Então naquele temporal, muito vento e chuva grossa, era como se estivesse muito mais forte e grave para quem estava lá dentro: as abas do zinco batiam com o vento e as gotas grossas pareciam granizo. Já para quem estava acampado viu as lonas subirem, ou até sumirem, por causa do vento e um certo pânico tomar conta.

Passado o susto e a tormenta o festival seguiu tranquilamente, e a primeira música a subir ao palco veio de Uruguaiana, intitulada *Carijo*, com letra de João Batista Machado e música de Júlio Neto e Eduardo. E traz como versos:

(...) Onde o batismo de uma cevadura
Se fez com água benta da ribeira...
Quero viver os noites no Carijo!

O palco neste ano foi ornamentado como se estivéssemos numa espécie de galpão de palha. Foi uma inspiração mais rural do que urbana, mas o festival tinha mesmo este objetivo: lida campeira, vida no campo. O acervo fotográfico desta época é escassa, mas podemos observar o palco nestas fotos.



Acervo da Secretaria Municipal de Palmeira das Missões

A emoção foi grande aos primeiros participantes. Não há como deixar fora a emoção de ser também pioneiro desse novo festival do Estado. O instrumentista Marcello Caminha esteve naquela noite,

- O Carijo é um dos primeiros festivais que eu participei. Eu tinha 14 anos, era bem novo. Me lembro que foi uma peleia lá em casa para me deixarem ir sozinho, pois

eu era menor de idade, e não estava acostumado a sair de casa sem o pai ou a mãe junto. Daí tem um poeta lá em Bagé chamado Luiz Godinho que era autor da letra da música que a gente ia tocar lá no Carijo, e ele foi lá em casa para conversar com a mãe e o pai para ser liberado para ir com ele. Não somente para me liberarem para ir, mas também para emprestar o carro para irmos pois ele não tinha carro. Fomos entre uns 6 ou 7 pessoas dentro de uma Caravan dourada. – MARCELO CAMINHA, um dos tocadores.

Mas, a música vencedora foi um vaneirão puramente palmeirense, apesar de letra e música estar representando a cidade de Cruz Alta, mas Angelino Rogério é da velha Palmeira, e o intérprete também. E traz como estribilho:

Velhito! Esta gaita
Há de ecoar pelo pampa,
Enaltecendo a estampa
De quem na lida foi taita.

O livreto.

Não sei dizer se acabou se tornando um costume, mas nas edições do Festival que estive presente, era conhecido quem havia ganhado o prêmio pois era chamado ao palco o representante daquela empresa. O livreto que aqui falamos, possui uma grande utilidade. Nele encontramos as letras das músicas que se apresentarão, com o nome do autor da letra e o responsável pela música. Podemos encontrar também notas de explicação de palavras de outra língua ou até mesmo a história simplificada dos personagens utilizados na música. Além disso, é uma forma de interação entre palco e público presente no pavilhão, e nesse ponto, tendo uma utilidade social e histórica, como fonte de pesquisa e informação. Como todos sabemos, os festivais culturais e a maioria das atividades culturais nesse país são patrocinadas ou apoiadas financeiramente por empresas particulares, e o Carijo não sairia tão fora deste caminho. Todas as músicas são amadrinhadas por alguma empresa local. *Empresas de conhecimento nacional ou estadual acabam patrocinando ou apoiando o Festival como um todo.* O que chamo a atenção para analisarmos é que no primeiro festival o “bebida e cultura não combinam” não deu muito certo. No livreto (23x16cm) da primeira edição das 44 páginas internas, 20 páginas foram patrocinadas por “Beba Skol – Cerveja Pilsen”.

3ª RONDA - SÁBADO - 24 DE MAIO DE 1986

09H - Hastearamento dos Pavilhões Nacional, Estadual e Municipal, respectivamente pelo:
- Associação Comercial Agroindustrial
- Clube dos Diretores Logistas
- Loja Maçonica Estrela da Palmeira

12H - Almoço oferecido aos concorrentes e imorensa com Show da Invernada Artística do C.T.G Galpao da Boa Vontade

15H - Jogo de confraternização entre artistas e imprensa, na pista de provas campeiras

18H - Arriamento dos Pavilhões Nacional, Estadual e Municipal, respectivamente pelo:
- C.T.G Carijo das Missões
- Grupo de Danças Os Missioneiros
- C.T.G Querência da Palmeira

20H30Min - Apresentação das doze músicas concorrentes da noite

22H30Min - Show de Telmo de Lima Freitas e Lúcio Yanel

23H15Min - Proclamação das músicas finalistas do Festival

23H30Min - Baile do 1º Carijo da Canção Gaúcha, no Clube Centenário

24H - Início da Tertúlia livre na pista de provas campeiras

4ª RONDA - DOMINGO - 25 DE MAIO DE 1986

09H - Hastearamento dos Pavilhões Nacional, Estadual e Municipal, respectivamente pelo:
- Juiz de Direito
- Presidente da Câmara de Vereadores
- Prefeito Municipal

09H30Min - Gravação ao vivo do Programa Galpão Crioulo

12H - Almoço

18H - Arriamento dos Pavilhões Nacional, Estadual e Municipal, respectivamente pelo:
- Presidente da Câmara Júnior
- Presidente do Lions Clube
- Presidente do Rotary Clube

20H30Min - Finalíssima do 1º Carijo da Canção Gaúcha

22H30Min - Show com Renato Borghetti e Grupo

23H30Min - Proclamação das vencedoras do 1º Carijo da Canção Gaúcha, com a premiação correspondente.



Beba
SKOL
Cerveja Pilsen

5

Página 5 do livreto do 1º Carijo - 1986

Outro ponto curioso que encontramos no livreto é a publicação do decreto municipal que faz criar o Festival em forma oficial.

DECRETO EXECUTIVO Nº 22/86 DE 14 DE MAIO DE 1986.

OFICIALIZA O 1º CARIJO DA CANÇÃO GAÚCHA DE PALMEIRA DAS MISSÕES.

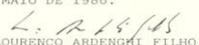
LOURENÇO ARDENCHI FILHO, Prefeito Municipal de Palmeira das Missões, no uso das atribuições legais que lhe confere a Lei Orgânica do Município e CONSIDERANDO a repercussão Turística e Cultural do Município no contexto nacional,

D E C R E T A

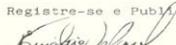
Artigo 1º - Fica oficializado o 1º CARIJO DA CANÇÃO GAÚCHA, a ser realizado neste Município nos dias 22 a 25 de maio de 1986, sendo promovido o evento pela Prefeitura Municipal, através da Secretaria de Cultura Desporto e Turismo, e Comissão Executiva com o apoio das forças vivas da comunidade.

Artigo 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

GABINETE DO PREFEITO MUNICIPAL DE PALMEIRA DAS MISSÕES, EM 14 DE MAIO DE 1986.


 LOURENÇO ARDENCHI FILHO
 PREFEITO
 24/5/86

Registre-se e Publique-se


 GABINETE DO PREFEITO
 SEC. ADMINISTRAÇÃO

Decreto Executivo nº 22/89 - 1º Carijo - 1986

Como podemos observar assinado pelo prefeito em exercício Lourenço Ardenghi Filho e o Secretário da Administração, Euzebio Dalagnol, assinado em 14 de maio. O ofício decreta de 22 a 25 de maio a promoção do festival “(...) com o apoio das forças vivas da comunidade”.

Também achei linda as palavras do Secretário Geral do Carijo, Antonio Leo Rodrigues, em sua mensagem inicial. Antonio Leo trabalha de uma maneira metafórica o processo de beneficiamento da erva com as atividades do festival, onde fazendo essa ligação conseguimos notar uma certa igualdade entre as atividades da erva e do palco. Note essa feliz comparação na primeiro e último paragrafo:

Surgiu a ideia de realizar o Carijo da Canção Gaúcha e iniciamos a construção de um jirau com varas de imaginação, idealismo e de respeito às tradições do pampa.

(...)

Destas 36 arrobas de erva-canção, doze serão escolhidas por sete tarefeiros da cultura gaúcha, e (...) sorvidas ao sabor de doces acordes musicais.

Mensagem da Comissão Central

Surgiu a ideia de realizar o Carijo da Canção Gaúcha e iniciamos a construção de um jirau com varas de imaginação, idealismo e de respeito às tradições do pampa.

Convocamos os tarefeiros da poesia e da canção, sapecamos a ideia em labaredas de trabalho e secamos no braço da cooperação.

Quando as dificuldades naturais surgiram combatemos com água de otimismo e confiança.

Dando continuidade as tarefas, recebemos 251 “arrobas” de erva-canção, que foram entregues, depois de secas, a cinco grandes cancheadores, que com facões de sabedoria e sensibilidade cultural, separaram 36 arrobas de talento para serem levadas ao pilão (palco) e socadas com mãos de poetas em ritmo musical.

Destas 36 arrobas de erva-canção, doze serão escolhidas por sete tarefeiros da cultura gaúcha, e serão distribuídas ao povo gaúcho para serem sorvidas ao sabor de doces acordes musicais.

Antonio Leo Rodrigues
Secretário Geral do Carijo

Os próximos.

Com o sucesso da primeira edição, a segunda edição viria sem muitos problemas. Segundo os entrevistados, depois que passou a primeira edição o pessoal acreditou mais no Festival, acreditou que aquele projeto poderia sim dar certo e trazer bons frutos. Sim, no início a população de uma forma geral, não só os munícipes, não acreditou que aquele festival com nome estranho, em uma cidade pouco conhecida poderia dar certo e ter algum retorno cultural. Foi de certa forma, criando a confiança nas pessoas de edição em edição.

Chamo atenção mais uma vez para a mensagem da comissão organizadora. O Secretário conseguiu conectar em um único parágrafo todos os doze títulos vencedores da edição passada, contanto uma micro história. Em outro parágrafo a reflexão é mais profunda e de certa forma direta a população que não acreditou:

No momento em que iniciamos a segunda safra da erva-canção, neste autêntico “Carijo de emoções”, (...) ratificamos nosso propósito inequívoco e obrigação atávica de preservar a Cultura (...) defendendo-a (...) e com respaldo de grupos não preocupados com a nossa bagagem cultural (...).

Ficou expressado que a desconfiança pelo início de um festival não agradou a comissão. Neste ano nada de temporais nem extranatural! Aconteceram shows de Leonardo e Dante Ramon Ledesma para animar o público neste ano, que também contou com a presença de Telmo de Lima Freitas e Cezar Lindemeyer ao palco. O engraçado ler “Show com Os Garotos de Ouro” grupo que na atualidade acabou indo para uma vertente mais comercial do que cultural, se podemos dizer assim.

A vencedora desta edição foi a última música a subir ao palco. Tem por interprete Daniel Torres, e música de que Lúcio Yanel, e a toada se chama *Fogões de ronda e romance*, e diz:

Arde a chama no braseiro
 Nos florões da madrugada,
 E a erva mate e esperança
 Entre murcha e sapecada,
 Deságua na voz das gaitas
 No recital das ramadas.

Podemos muito bem pegar livreto por livreto e montar conceitos concretos de coisas de nossa cultura. Conseguimos fragmentar músicas que nos trariam o que significa Carijo, como é a lida no campo, como nasce um potro, como é o processo da erva-mate, como lidar na cozinha e até mesmo como cuidar da natureza. São questões que autores de muitos lados trazem para tentar mostrar seus pensamentos, seus conceitos, suas reflexões a respeito. Em muitos casos, a emoção se contempla com o nascimento ou morte do filho, idas e vindas, ancestrais, amigos e batalhas. Todos, claro,

de uma maneira ou outra, desejam as premiações, mas sem dúvida ter no currículo uma música participando do acervo de um festival já é uma grande coisa.

Os temas sobre Carijo ou o beneficiamento da erva-mate tem muito mais opções nas primeiras edições e ao longo da caminhada outros temas foram tomando conta. Lembro de ter alguns anos consecutivos o tema “cavalo” como centro das músicas. E o gênero musical que mais toma conta do Festival é a milonga, responsável por muitos primeiros lugares, segundos e terceiros. Mas músicas com melodias mais alegres como vaneirão, chamamé ou até mesmo uma zamba fazem vibrar o público presente.

Também em 1990, a quantidade de noites que o Festival teve foi menor. Nas quatro primeiras edições o Festival teve 4 noites de ronda, e da quinta edição até a décima primeira [1996], as rondas foram de três noites. Portanto, nessas edições passa a ser sexta, sábado e a grande final no domingo, o que nas rondas de quatro noites, tudo começava na quinta-feira. O que nunca mudou é o mês: maio.

Rui Biriva foi convidado a compor a comissão julgadora no ano de 1992 junto com Adair de Freitas, Dilan Camargo, Luis Bastos e Antonio Leo Rodrigues. Neste ano grandes nomes da música gaúcha subiram ao palco, ou interpretando ou responsável pela música ou letra: Antonio Gringo, João Chagas Leite, Fátima Gimenez, Wilson Paim, Salvador Lamberty, Miguel Marques, Adão e João Quintana, Dorval Dias, Raul Quiroga, Nenito Sarturi, Luiz Marengo, Leonel Gomes. João Quintana Vieira viria a ser parte da comissão de jurados na próxima edição (8ª/1993), juntamente com João de Almeida Neto e Dorval Delgado Dias. Neste ano quem ganhou foi Adair de Freitas, outro nome da nossa música, em todas as “ordens”: é dele a letra, a música e interpretou *Pampeano*, que nos diz:

Nos olhos do pampeano a mesma luz
 Nas mãos a mesma lida, a mesma fé
 Os sonhos são iguais, igual o canto
 Na terra o mesmo rumo prá seus pés.

Atualmente, há um novo reencontro entre conceitos de o que é ser gaúcho e como podemos “reconhecer” um gaúcho “original”. Por isso, ao vasculhar essa mesma edição um título me chamou atenção: *Mateador de apartamento*. Ao ler o título na hora me veio na cabeça uma música do João Luiz Corrêa, *Gaúchão de apartamento* em que fala sobre a discussão dos conceitos abordados no começo do parágrafo. Porém, ao ler

a primeira música, a pessoa apenas mateia dentro de um apartamento, sentindo saudade dos tempos da campanha pois agora vive no meio urbano:

Os recuerdos da querência se achegando
 Há João grandes volejando os arrozais
 Os gemidos das carretas nos ouvidos
 E o tempo a gritar-me: nunca mais.

Diferente é a visão de gaúcho na zona urbana que ocorre na segunda música citada. Nesta, a discussão entre os conceitos de peão de estância, que tem como “roupa” a pilcha tradicional e os que vivem na cidade e usam a pilcha apenas em momentos de festas alusivas, é o que acontece na letra interpretado por João Luiz Corrêa:

Quem vê de longe diz que é um taura da campanha
 Trás na figura a própria estampa do rincão
 Mate cevado e uma matera a meia espalda
 E bem pilchado pra dizer que é gauchão.
 Mas quando está sozinho em seu apartamento
 Esquece o mate e se veste igual maloqueiro
 Só bota a pilcha quando é dia de rodeio
 Estufa o peito e fala alto: *Eu sou campeiro.*

Como podemos notar é um gaúcho da zona rural que por seus motivos vive na zona urbana e no segundo exemplo, é um gaúcho completamente urbanizado.

Segundo Luiz Carlos Borges, *Deus ajuda quem... madruga*. Sim, madrugar! O ditado popular “*Deus ajuda quem: 1. cedo madruga ou 2. não tem preguiça*” se modificou um pouco na letra do próprio interprete:

Eu sempre soube
 Deus ajuda quem madruga
 E eu já tenho alguma ruga
 De acordar de madrugada
 Mas vale a pena
 Pois quem canta para o povo

Chega até ficar mais novo
Toda vez que vai pra estrada.

Ainda em 93, subiram ao palco músicas com letras que nos fazem pensar, refletir, rir e até mesmo que justificam um vício, como *Por que mateio*, de Anomar Danúbio Vieira:

Mateio às vezes pra sorver carinhos
Que o calor de um ninho não consegue dar
Outras no entanto pra chorar a voltar
Daquela china que não quis voltar.

Ou numa milonga nos deixar uma *Mensagem* escrita por Guaraçay:

Escuta meu jovem e bota tenência
Pois minha experiência, agora te diz
Que o crime e o vício, nos rondam de perto
E o rumo é incerto, no nosso país
A fome, a miséria, o roubo, o pivete
Viraram manchete melhores que a guerra
E é triste não ver nosso verde e amarelo
Mostrar o seu belo, aos olhos da terra.

Ou podemos rir com uma vaneira de raiz de Elton Saldanha e *O famoso coisa feia*, que não era feio, mas o feio até pode ser bonito:

Foi na carpa do bigode
Numa noite de São João
Que me depenaram o laço
Com uma sova de facão
A cuscada me agrediu
Grudada no meu garrão
E o povo achando bem lindo
Cantando se “adevertindo”

Caga de laço, esporeia...

Aí que eu me revoltei

E então me transformei

No famoso coisa feia.

(...)

A coisa sendo bem feia

Inté bonita ela fica

O touro cruza o meu rastro

Me olha mas não me intica

O cavalo come milho

Quem quiser coma canjica

Que eu sou galo de terreiro

O mimoso das nanicas.

Também podemos recordar de brincadeiras de infância que ganham um ar mais romântico. Com letra de Vaine Darde e interpretação de Cesar Passarinho *Quem sabe tocar milonga* foi a última música a subir ao palco no ano de 1993:

A saudade pula corda

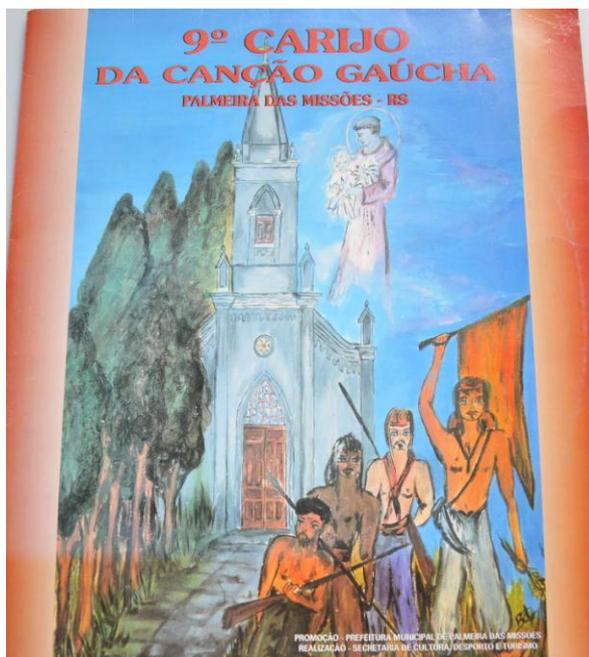
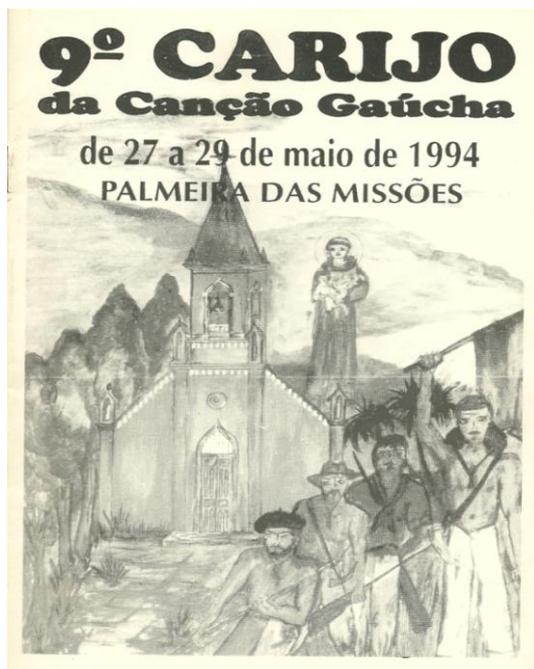
Nos acordes que invento.

O amor brinca de roda

Na ciranda dos momentos.

(...)

Em 1994 a homenageada foi a capela de Nossa Senhora do Rosário, 1872. Em primeiro plano, etnias que formaram os soldados Pé-no-Chão e Santo Antônio padroeiro da cidade, logo à cima. A imagem foi retratada de fundo de palco e no livreto.



Capa do livreto [e] e capa do LP [d] da 9ª edição do Carijo - 1994

Fechamos uma década de festival. Uma década de grandes sucessos, de nomes renomados, de músicas lindas, mas acima de tudo uma imensa contribuição à Cultura Gaúcha. Neste ano a “Mensagem da Comissão” sintetiza muitas coisas que se acumularam nessas dez edições, vejamos:

MENSAGEM DA 10ª EDIÇÃO DO CARIJO DA CANÇÃO GAÚCHA DE PALMEIRA DAS MISSÕES

Chegamos a 10ª EDIÇÃO do nosso festival. Foram-se 10 anos de trabalho intenso, realizado com denodo, coragem e com alegria. Superamos muitas dificuldades, crises e outros obstáculos, mas tínhamos, também, um compromisso com a nossa IDENTIDADE CULTURAL, em nome de nosso centenário e histórico MUNICÍPIO, no contexto de todas as outras comunas do Rio Grande que se preocupam com a nossa cultura

Pelo Carijo passaram nestes 10 anos, os mais renomados talentos de nossa arte: poetas, compositores, escritores e intérpretes, de cujo resultado surgiu o manancial musical que entregamos ao Rio Grande e ao Brasil, através do vinil e que glorificam os cantores, da Querência.

A 10ª EDIÇÃO DO CARIJO, saúda com alegria indistintamente a todos os criadores de nosso festival, marco indiscutível de uma grande caminhada. Saúda e agradece ao grande empresariado de Palmeira das Missões e Região que foi sempre, o sustentáculo do principal evento do município; Saúda a todos que trabalharam e não mais comungam conosco, e aos que continuam a emprestar seu labor no caminho que continuamos a percorrer; saúda a comunidade palmeirense em especial, pelo cariho com que sempre prestigiou o seu festival.

Salve 10 anos de sucesso e progresso cultural de um festival que nasceu grande pelo esforço de sua gente, pela cultura do Rio Grande e do Brasil.

Por tudo e muito mais, o imorredoro reconhecimento da

COMISSÃO ORGANIZADORA
Maio 1995

Mensagem da Comissão Organizadora - 1995

(...) Foram-se 10 anos de trabalho intenso, realizado com denodo, coragem e com alegria. Superamos muitas dificuldades, crises e outros obstáculos, mas tínhamos, também, um compromisso com a nossa IDENTIDADE CULTURAL, em nome de nosso centenário e histórico MUNICÍPIO,(...)

A 10ª EDIÇÃO DO CARIJO, saúda com alegria indistintamente a todos os criadores de nosso festival, marco indiscutível de uma grande caminhada. (...) Saúda a todos que trabalharam e não comungam conosco, e aos que continuam a emprestar seu labor no caminho que continuamos a percorrer(...)

Salve 10 anos de sucesso e progresso cultural de um festival que nasceu grande pelo esforço de sua gente, pela cultura do Rio Grande e do Brasil.

Nesta edição o festival contou com muita poesia e reflexão. Os compositores trouxeram em suas letras reflexões sobre o mundo e seus problemas sociais, desde a fome, a natureza e a vida que chamaram de moderna: o homem fora do campo. O ano que antecede esta edição (1994) foi um ano de mudanças na economia nacional, e fez com que muitos cidadãos brasileiros temessem seu futuro, principalmente os do campo. Talvez seja isso que tenha levado o festival a ter tantas composições referente ao social. Talvez! Pois não sabemos quais foram às inspirações dos compositores ou até mesmo os critérios usados pelos jurados ao escolher determinada música na triagem. Dou como exemplo a vencedora desta edição: cantada por Flávio Hansen e Grupo e letra de José Cezar Matesich Pinto intitulada *Mea culpa*:

Ando com medo de sair à rua
E ser atropelado pelo drama
Da criança faminta e semi-nua
(...)

E esse medo andaré sempre a meu lado
Enquanto evito, fujo e não assumo
Um pouco da miséria, que em resumo,
Se não criei já me tornei culpado.

E o primeiro CD chegou! Mas isso falamos na sequência, agora vamos falar da capa. A capa desta edição nos apresenta uma imagem da antiga cadeia, que se localizava em uma das esquinas da longa Avenida Independência e foi destruída por um incêndio. Sua arquitetura era bonita e imponente, seguindo os conceitos da época arquitetônica do seu século. Segundo os moradores, ocupava grande parte do terreno daquela esquina, mas que com o tempo foi se esquecendo e deixando aquele emaranhado se transformar

em lixo até o fogo tomar conta. E como todas às vezes, o que ainda ficou em pé foi destruído por máquinas da própria prefeitura.



Capa livreto 11º Carijo - 1996

A Comissão Organizadora deste ano, que teve como presidente o Sr. Darci Crestani, saúda, já na primeira página, os participantes do evento com o anúncio de que o Festival teria o seu primeiro CD, saindo do vinil, que para época era uma inovação tecnológica:

Por final, a 11ª Edição do Carijo, oferece aos seus participantes, uma inovação: acompanhando a tecnologia já demonstrada (...) o que antes era registrado no vinil passa a registrar também no alumínio (stamper), no nosso primeiro CD.

Das vinte músicas que subiram ao palco, oito músicas foram do gênero Milonga, cinco do gênero Vaneira ou Vaneirão, duas Chamarras, três Chamamé, uma Polca e uma Guarânia. E a grande vencedora seguiu o gênero mais usado no Festival: Milonga. Na voz do grande César Passarinho interpretou *A outra face de um rude peão* com letra de Joel Freitas Paulo.

As horas consome ao pé do fogão

A ruminar recuerdos de lida e romance

E o coração potro de um rude peão,
Transborda em desejos de viver nuances.

No ano de 1997 o Festival teve duas “cerejas no bolo”: [1] voltou a ter as quatro noites de ronda de Festival [quinta, sexta, sábado e domingo]- que seguem até hoje-, e para abrilhantar mais o Festival cria-se a [2] Fase Local, que sempre aconteceu na primeira noite de ronda. A Fase Local foi criada depois de um estudo e análise dos participantes das muitas Comissões de Organização, e notou-se a dificuldade de pessoas do município estarem representando Palmeira na grande final [domingo].

Cria-se a Fase Local para que seja prestigiada as criações e intérpretes locais da mesma forma que estejam concorrendo na grande final representantes “de casa”. Concorrem nesta fase apenas pessoas que moram em Palmeira ou que nasceram, e por algum motivo não residem mais aqui: a letra, a música e intérprete devem seguir estes critérios. Essas músicas são selecionadas e cantam na última ronda de igual para igual, podendo assim estar concorrendo com grandes vozes do Rio Grande.

A primeira música a subir ao palco abrindo a história da Fase Local, que contou com nove canções, veio das mãos de João Ari Ferreira com música de Luiz Eduardo Braz e João Chagas, na interpretação de Luiz Eduardo Braz, e *Declara ações à terra* nos traz como versos:

Essa terra que me viu crescer
E com a força de meu pai frutificou
Fez de mim um humilde lavrador
(mescla de dor e vontade de vencer)

Foram anos incansáveis de luta,
De labuta em defesa do pão.
O suor escorreu pelo rosto,
Verteu sangue do calo das mãos.

Os pioneiros da Fase Local foram: *Peito campesino* (Milonga-Canção; Letra: Jorge L. B. Malheiros e Carlos A. Dahmer; Música: Sandro Souza; Intérprete: Alexandre Veit), *Carreteando* (Chamarra; Letra: Lauro P. Soares e Nenito Sarturi;

Música: Valter Fiorenza; Intérprete: Nenito Sarturi), *Na multidão dos homens sós* (Milonga; Letra: João A. Ferreira; Música: Luiz C. Ranoff; Intérprete: Juliana Spanevello) e *Como um rio* (Canção; Letra: Antonio A. Korsack Filho; Música: Aurélio Moraes; Intérprete: Aurélio Moraes e Grupo Status).

A primeira música que abriu a Fase Geral foi na voz de Luiz Marengo, com letra de Gujo Teixeira e recebeu o título de *Prá o meu consumo*, mas não passou para a grande final. A música vencedora desta lendária edição foi *Consciência galponeira* que também levou o troféu de melhor tema sobre atualidade. Quem subiu ao palco para defendê-la foi João de Almeida Neto, com letra de José C. M. Pinto e música de Talo Pereira. A milonga nos conta:

Vou ficar por aqui, na retaguarda,
Onde sei que melhor me desempenho,
Que servir como simples cão de guarda,
Contra quem busca o que também não tenho.

Mil novecentos e noventa e oito, na décima quarta página do livreto podemos encontrar um tributo ao cantor Cesar Passarinho, que naquele começo de maio havia falecido. O tributo foi assinado por Guido Alaor Bones que fazia parte da Comissão Organizadora. Nas palavras, o autor consegue juntar um misto de palavras suas com os títulos das obras defendidas no palco do Festival pelo cantor, que ganhou só na obra *A outra face de um rude peão* o primeiro lugar, melhor intérprete, melhor tema campeiro, melhor trabalho poético, na 11ª edição [1996]. Na trajetória do Festival, ele conquistou dois Troféu Tarefaíro [2º Lugar]- *Quem sabe tocar milonga* e *Por esses campos*, e melhor arranjo vocal em *Quintais de luz*. Com certeza, marcou sua participação nos palcos, e quem sabe um dia, se o Patrão Velho não tivesse o chamado, estaria fazendo parte da história do Festival através de sua participação na Comissão Julgadora. Afinal, grandes nomes serão sempre grandes referências e julgadores.

TRIBUTO A UM CANTOR:**AVE, CESAR PASSARINHO!**

Há em nós todo o sentimento pela emoção que te ouviu cantar. E a voz continua a mesma, viva e límpida, perfeitamente audível no estranho sobressalto de uma repentina saudade.

O colibri de vôo manso, de flor em flor, fez colorir Quintais de Luz, refletidos no olhar sereno que estampava *A Outra Face de Um Rude Peão*.

O disco pode quebrar, a fita pode emperrar, mas o timbre dessa garganta soando pungente nos versos, em notas de harmonia e esperança, isso a memória registra e a lembrança não apaga. Porque a gente nunca esquece de *Quem Sabe Tocar Milonga*.

A força do teu canto, Passarinho, ecoa desses palcos que erguemos para ti, tal como as *Rondas do Carijo* que acendemos, nas rodas de mate que nos uniram por aqui.

O teu legado, Cantor, ecoa *Por Esses Campos do Rio Grande*, e em nossa Terra o povo do Carijo te agradece.

(GUIDO ALAOR BONES - Comissão organizadora)

NO CARIJO, UMA PRESENÇA VITORIOSA E INESQUECÍVEL.

⇒ 8ª Edição: "QUINTAIS DE LUZ" - Melhor Arranjo Vocal
"QUEM SABE TOCAR MILONGA" - 2º Lugar

⇒ 11ª Edição: "A OUTRA FACE DE UM RUDE PEÃO"
1º Lugar, Melhor Intérprete, Melhor Tema Campeiro, Melhor Trabalho Poético

⇒ 12ª Edição: "POR ESSES CAMPOS" - 2º Lugar

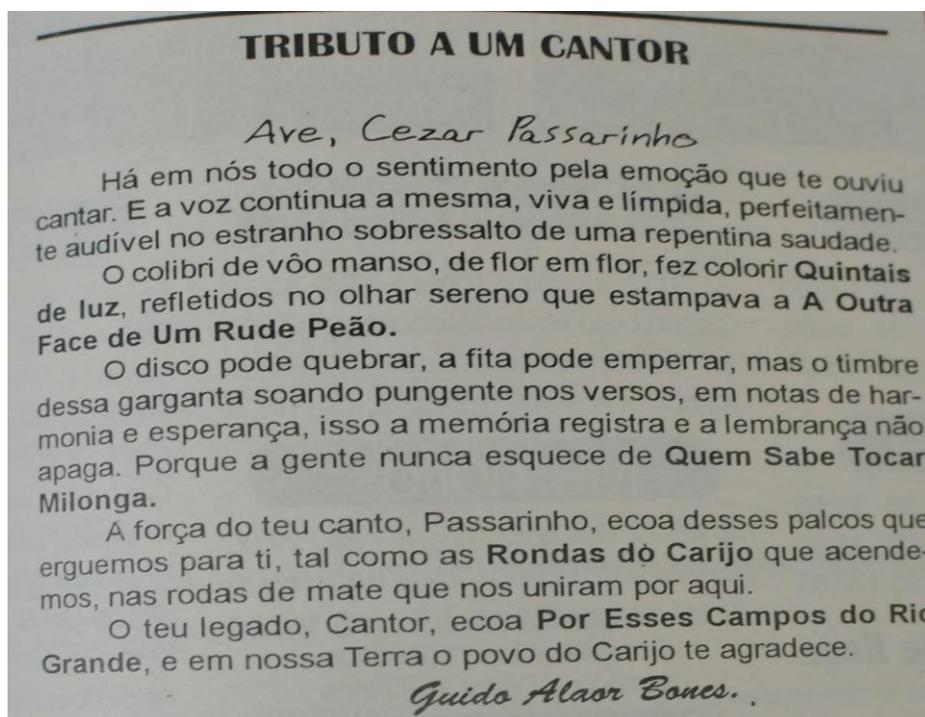


Com o troféu de Melhor Intérprete do 11º Carijo, recebido das mãos do secretário do evento, Guido Alaor Bones.

14

Página 14 do livreto do 13º Carijo - 1998

O Jornal Cidade Regional em sua edição datada de 29/05/1998 nas páginas destinadas ao Carijo, também prestou sua homenagem ao cantor.



Ainda nesta edição, temos a primeira música da Fase Local classificada entre as três primeiras do Festival. *Siá Jusa* conquistou o terceiro lugar e tem letra de Ieda Brandão Bueno, musicada por Luiz Presotto e Aurélio Moraes que também subiu ao palco juntamente com o Grupo Status para defendê-la. A temática da música é o escravo, principalmente as mulheres que cuidavam da casa, da cozinha e de seus donos. Tive o prazer de inúmeras vezes estar conversando com a Ieda, ou Tia Ieda como era conhecida- trabalhou muitos anos no posto de saúde do município na sala de vacinação, então as crianças começaram a chamá-la de tia. Em muitas conversas pude ouvir ela contando coisas que seu pai contava a ela sobre os muitos escravos que Palmeira já teve, uns fugidos outros não, e que o encontro de troca ou compra era na velha Timbaúva que na época era uma das principais entradas da cidade, hoje é o bairro Amaral. Negros esses que ajudaram na produção da erva-mate, do gado e plantação. E nos diz:

Senzala: Senzala

Sinhá tá dormindo

A preta a embalar

O filho de leite

E seu filho agora

Se põe a chorar.

São legados da África

Prá antiga Palmeira

De Siá Carolina

Quitandas das Emilia

Siá Pola, Carlita

Preces benzedeadas.

Senzala:Senzala

Sinhazinha acordou,

Reclama e chama

Siá Jusa, vem cá!

Me faça quitutes

Que o frio já chegou.



Jornal Cidade Regional - 05/06/1998

Na voz de Miguel Marques e Grupo com letra de Lauro Correa Simões, *Orelhana* faturou o segundo lugar.

Talvez porque eu quisesse um título ideal
 Que definisse a alma desta canção cigana
 Um nome que expressasse ternura ao mais bagual,
 Um nome que explicasse porquê é orelhana.

Nenito Sarturi nos trouxe *Da pura cepa crioula* em que conseguiu juntar essências da formação do Rio Grande do Sul em versos belos de um milongão. Aborda sobre os queridos platinos, o Tupi e seus sonhos campesinos e os portugueses, todos desbravaram horizontes para fecundar nosso Estado, transformando e moldando nossa identidade. Para fechar a música, as três vozes que a defenderam - Miguel Marques [Hermanos], Jorge Guedes [Índio], Nenito Sarturi [Portugueses]- encerram com “chave de ouro” explicando que todos foram necessários para nossa raiz estar mais firme:

Índios, lusos, espanhóis,
 Gringos, negros ou mestiços
 Que importa a raiz? É o viço
 Que vai comprovar a “raça”!

Quanto mais o tempo passa
 Mais nos fazemos costado.
 Um ao outro, lada a lado
 Na pampa que nos abraça.

A mensagem que dá início ao décimo quarto Carijo da Canção Gaúcha coloca o festival no topo do calendário das atividades estaduais.

(...) Palmeira das Missões reafirma a sua condição de REFERENCIAL DO NATIVISMO GAÚCHO, o que lhe assegura DEFINITIVAMENTE um lugar de GRANDE destaque no calendário dos MAIORES EVENTOS do gênero no Estado.

Um certo bairrismo rondou a mensagem inicial daquele ano, pois ao afirmar que o Festival é uma forma basilar de referencial é de certa forma trazer, além de um ego, muita responsabilidades à Comissão Organizadora e à Comissão Julgadora, que sempre poderá ser a responsável pela vitrine musical do Estado.

Seu Wilmar Winck de Souza conseguiu emplacar sua música *Um ginete chamado Floriano* no acervo do Carijo. Quem subiu ao palco para defender foi Nenito Sarturi, e o milongão fala: “Foi centauro do Rio Grande/Que domou tantos bagual/Com suas armas de lida/Mango, maneia e buçal”.

Nesta edição foi falado de vida, amores, saudades... de certa forma, podemos dizer, uma edição mais poética do que nunca. A grande vencedora veio na voz do Miguel Marques. A milonga aborda os olhos de um menina/mulher, de um amor, de algo que não volta, em que Nenito Sarturi e Ivo Bairros de Brum assinam a letra, *Aos teus olhos de menina*:

Mesmo longe eu estou perto,
 Através dos olhos seus,
 Será que a menina enxerga
 Tanto quanto enxergo eu?

E quando me encontro assim,
 Peregrinando horizontes,
 Percebo um pouco de mim
 Nesses seus olhos brilhantes.

Ao conversar com algumas pessoas que estiveram presentes nesta noite de apresentação, recordam que o intérprete, Miquel Marques, se emocionou muito ao cantar para sua esposa que estava na plateia. Que de seus olhos puderam ver até algumas lágrimas, ou que depois de interpretar o cantor estava com o famoso “nó na garganta”.

Nenito Sarturi também levou, juntamente com Sadi Machado, o segundo lugar do Festival com a música *Mãos estendidas*, que Analise Severo defendeu e Beto Caetano musicou. A letra nos faz refletir sobre o caminho que a sociedade toma e o quanto nossas mãos são valiosas.

Enquanto o mal, de mãos dadas,
Vai amealhando riquezas,
Aos pobres, de mãos judiadas,
Falta-lhes o pão sobre a mesa.
(...)

A mão que protege o filho
Ou que oferece uma flor
Também aciona o gatilho
Como emissária da dor.

A edição de número 14 foi abrilhantada por shows de renome no Estado. Délcio Tavares cantou para o público presente na noite de quinta-feira (27/5/99)- Fase Local. Na segunda ronda, já na Fase Geral, quem cantou seus grandes sucessos foi o cantor Leonardo, autor de *Céu, Sol, Sul, Terra e Cor* e *Tertúlia*, no show de abertura. O sábado, terceira ronda, se encheu de grandes instrumentistas com Lúcio Yanel, Gilberto Monteiro e a voz de Leonardo Charrua. No fechamento do Festival, subiu ao palco um grupo que já naquele ano tinha muita história para contar, e que atualmente comemora 40 anos de estrada, grupo chamado: Os monarcas.

Ao debutar, o festival fala sobre o Brasil, a saudade, a escola, a seca, a agricultura, filho e luz divina. Na canção Arnildo Merência lembra do tempos de escola, em que um grupo de sete vozes defendem *Lembranças de escola*: “(...) De merenda, rapadura/ Ou amendoim à granel/ E prá minha mestra um punhado/ De caramelos de mel”. De lembrança em lembrança, Antônio Korsack Filho fala sobre os amores, que

ficaram no passado e que Nelson Brasil e Os posteiros transformaram em voz *Lembranças*: “(...) Pois só quem sabe dar vazão aos sentimentos/ Conhece a pena pra curar uma paixão”. Ou quem sabe *Um filho que volta* depois de se afastar do chão que o viu nascer. Lauro Perreira Soares na parceria de Nenito Sarturi e Grupo Legenda, cantaram os versos:

De longe vejo a velhita
 Colhendo frutos da horta
 Vou chegando de mansinho
 E, sestroso, abrindo a porta.
 Bate forte o coração
 Ao ver meu velho no oitão
 Embargado de emoção
 Em ver seu filho que volta.

A grande vencedora do “Debu”, tem uma temática voltada ao Brasil e seus problemas. Com letra, música e voz forte de Maurício Barcellos, *É a voz do Brasil* que leva o troféu Pé-no-Chão no ano de 2000.

Isso que vive na mente e no versar de quem entende o quanto custa colher...
 Tem de sair da poesia, ganhar as luzes do dia pra um dia acontecer!
 É o vento dos novos tempos, que sopra bandeiras e inunda o estio...
 É o canto de toda gente, é a pátria vertente, é a voz do Brasil!

E não haveria “aniversário” sem uma mensagem. E a mensagem inicial escrita por Guido Bones falou sobre o tempo que já se tinha passado, e o quanto o Festival está vivo e vivo em quem participa. Vejamos:

Parece que foi ontem que a semente do sonho foi lançada no solo fértil da “Terra Boa das Missões”, à sombra de um pé de erva-mate. O tempo, que é bom conselheiro, costuma recompensar os bons propósitos, transformando em frutos o esforço das mãos que trabalham. E foram tantos a cultivar o mesmo chão e a acalantar o mesmo sonho, que essa história feita de saudades e esperança, hoje faz parte das nossas vidas.

Em 2001 consagrou-se o “hino” do Festival na voz de Walther Moraes. E nos traz no refrão:

Eu tenho orgulho de ser da Palmeira,
Terra missioneira, que amo e bendigo...
Em cada carijo, o verde tesouro,
Coxilhas de outro, de soja e de trigo.

Na letra de Salvador Lamberty e música do próprio Walther, *Minha terra da Palmeira* atualmente é considerada o “hino oficial” do Festival. A música foi a sétima a subir ao palco da Fase Geral na segunda ronda, mas não apagou o brilho de uma grande música.

O segundo lugar ficou com um dos amigos do Peão: o *Cavalo*. Na voz de Flávio Hansen, e música/letra de Telmo de Lima Freitas, a mазurca consegue mostrar o animal como companheiro nas horas boas e ruins.

Cavalo, Deus botou no mundo

Para ser amigo

De um amigo seu.

Não fala, mas entende tudo,

Quando o dono chega

Para conversar.

(...)

Cavalo, soldado de guerra,

Serviu de trincheira para proteger,

(...)

Cavalo, traz lume nos olhos,

Olfateando a estrada para continuar,

(...)

Cavalo, de cavalaria é estrela guia

Para um pelotão,

(...)

Ao falarmos sobre as Mensagens, tomo nota para algo que nos chamou atenção: na Mensagem do Executivo Municipal temos no último parágrafo o lema da campanha e da administração municipal: “União gera desenvolvimento” muito bem destacada. Não vejo motivos para ter essa frase destacada em algo como esse.

É necessário dar destaque a uma música da Fase Local. Sabemos que na Cultura Gaúcha o homem tem mais destaque do que a mulher, em qualquer tarefa ou área. Mas Antônio Augusto Korsack nos lembra em sua letra que a mulher tem um papel muito importante em uma das áreas que dão sustento ao grande consumo de erva-mate: as rondas de carijo.

Mulher Tarefa foi defendida na voz de Alana Moraes, que também ajudou na música junto com Aurélio Moraes, e que no último verso e refrão mostram a força da mulher:

Era a mulher a encarregada da comida
Da roupa limpa, dos filhos, do chimarrão...
Assim a prenda fez história no Rio Grande
Secando a erva e cultuando a tradição.

Esquecemos da gaúcha tarefaira
Quando cantamos o ritual da carijada
A companheira das rondas ervateiras
Cevava o mate e ninava a gurizada.

A Comissão Organizadora avisa: que a décima sétima edição do Carijo teve “(...) quase seiscentas músicas foram inscritas e trinta fizeram jus aos melhores conceitos dos jurados (...)” – Mensagem Inicial, e por isso vamos comemorar, na *Bailanta da Bastiana*:

Pego a china e “saimo” agarradito
O feio fica bonito quando bem acompanhado,
No pé da orelha ela me disse: Te cuida,
Que o Nico da papuda tá te olhando atravessado.

E nessa bailanta Angelino Rogério e Paulo de Souza nos contam um entrevero bem bonito, entre o “dono” da china e o peão que queria apenas um rabo-de-saia.

Também nesta edição tivemos uma homenagem ao troféu de primeiro lugar (Troféu Pé-no-Chão), que a música não levou. Jorge André Rogério e Grupo Pé no Chão cantaram na Fase Local, e Wilmar Winck de Souza fez a letra para *O Pé no Chão*, contando como foram as atividades dos pracinhas nas batalhas em São Paulo.

Relembrando a Brigada Provisória

E o terceiro Pé no Chão que vem depois,

Com soldados criolitos da Palmeira

Foi pelear em São Paulo em trinta e dois.

(...)

Minha Palmeira hoje portas outra imagem

O teu progresso nas coxilhas se expande,

Pela bravura dos teus homens do passado

Foste inserida na história do Rio Grande.

E a maioria chegou! “Carijo, 18 anos: a gente te viu crescer!” pois “(...) quem nutre esse carinho no peito, nunca mais tira da cabeça”, e essa maioria nos é transmitida através das músicas, do crescimento na organização e respeito ao público. Até mesmo na qualidade dos shows e da estrutura externa, que a cada ano se aprimora.

Nilton Ferreira defendeu a letra de Heleno Cardeal na chamarra *Parteando*. A música nos conta a história de um parto, parto de uma égua estimada pelo seu dono e que estima uma ótima ninhada. Para quem não vive a lida no campo ou a lida com os animais, a música é muito nojenta e estranha, mas é uma união de toda essa ação e os costumes sulinos.

Está nascendo o potrinho

Traz um balde de água fria

Chega ligeiro, guria

Que a tostada está sofrendo.

Não vejo as mãos do bichinho

Deve estar atravessado

Cansou a tostada velha

Pelo jeito está trancado.

(...)

Vou cortar um pouco a égua
 Me prepara agulha e linha
 Traz álcool lá da cozinha
 Achei a mão do safado.

Zulmar Benitez foi feliz ao ser responsável pela música, que acabou trazendo para o grupo o terceiro lugar nesta edição.

Uma das representantes da Fase Local deste ano ficou com o quarto lugar. Com letra de Alberto Rogério de Carvalho e Cléber Borges, a *Velha Timbaúva*. A árvore Timbaúva (*Enterolobium contortisiliquum* (Vell.) Morong) nos é trazida com o símbolo de uma cidade centenária, mas também representação de um bairro [Amaral] e do rumo da “eterna morada”.

Timbaúva da Palmeira
 Sombra amiga adormecida
 Pra muita tropa perdida
 Foi abrigo e parador;
 Servindo sempre de estampa
 Nas tropelias da vida
 Hospitaleira e amiga
 Do caudilho peleador.

(...)

Minha velha Timbaúva
 Sempre firme e altaneira
 Teus galhos contam a história
 Da centenária Palmeira.

Nesta mesma edição, temos *Na ronda do tempo*, defendida por Miguel Marques com letra de Eron Carvalho, que nos fazem refletir:

Assim vou cruzando na ronda do tempo
 A noite me entrega ao canto das rãs
 Mateio em silêncio com meus desenganos

Quando a estrela D'alva traz outra manhã.

E no refrão da *Ciência Campeira*, quantos chás temos? Luís Pereira e Angelino Rogério assinam a letra, onde o último a defende no palco, contam a história de um vendedor e conhecedor das plantas medicinais e receitas caseiras que compartilha com a população. A chamarrita que nos grita: “Óia a erva!”

“Óia” a “Macela!” “Óia” a “Maçanilha”!...
 “Cipó Milome” e a “Carquejinha”
 Tem “Quebra-pedra” e “Pata-de-vaca”
 “Agrião”, “Cidrô”, “Poejo” e “Douradinha”
 Conhece da lida segredos e manhas
 O “Doutor” andejo que vem da campanha.

Apesar de estar encerrando quase outro ciclo, é na 19ª edição que o Festival nos mostra a *Última tarefa*. Valdomiro Maicá sobe ao palco na segunda noite de ronda, para defender a chamarrita de Nabuco Portes, que nos explica em seu refrão como é a sequência do beneficiamento da erva-mate.

(...)
 A transformação dos tempos,
 Veio sulcando de rijo...
 Como eterno mateador
 Tenência agora eu exijo:
 Minha última tarefa,
 É proteger o Carijo!!!
 Um desgalha, outro sapeca.
 Feche feito, pega lá...
 E a Bugrada em formigueiro
 No rumo do barbaquá...

Jean Kirschhoff subiu ao palco naquele 2004 na terceira noite de ronda na Fase Geral, cantando numa zamba um pouco da história das cruzeiras missioneiras e a natureza. Miro Saldanha assina a letra de *Sete Cruzes*, que rendeu o melhor Arranjo Vocal

(Troféu Soque de erva-mate). A música já de início nos desafia a tentar entender algumas palavras em tupi-guarani, e depois nos faz refletir sobre o meio ambiente e nosso cuidado para com ele.

É o índio cantando a guerra!
 Dos Sete Povos, gritou Sepé!
 É o sangue bravo manchando a terra
 Peleando a peito nú, pr'a morrer de pé!
 É a mãe d'água chorando as dores,
 Por entre as flores do aguapé;
 E, à noite, guerreiros com lanças de luzes
 Desenhando no céu as Sete Cruzes
 Da bugra fé!

Mas também nos fala de amores: os “amores tropeiros”. Ieda Brandão Bueno e Luiz Presotto escreveram *Rua das Tropas*, milonga defendida por Genuína Dalberto e Paulo Silva.

A música nos conta a história de um casal que se encontra a sombra da mesma Timbaúva de outras músicas, em que o moço é tropeiro e a prenda, que é filha de carreteiro, deseja realizar o sonho de fazer tropeadas. Para fechar a música: o casal campeirou bastante, e agora velhinhos cuidam dos netos.

Os relinchos e mugidos retumbavam
 Os tropéis! O êra boi! O êra boiada!
 Buenacho acenava para a prenda,
 No entrevero era a prenda que o encantava.

Chico Saga nos faz imaginar como eram nos tempos antigos os bailes de rincão, em que haviam mais mulheres do que homens, e todas querendo dançar. *O xote do sonhador*. Na voz alegre de Lúcio Pereira e do Grupo Chão de Areia e que Mário Tressoldi musicou, nos contam em versos:

Eu tive um sonho tão bonito de sonhar
 Desses que a gente não esquece nunca mais

Sonhei que estava num fandango do passado

Do tempo antigo que meu vô era rapaz.

E era um baile diferente de outros bailes

No jeito simples de dançar e de vestir

Pandeiro e gaita a meia luz do candeeiro

E a jovem face do passado a me sorrir.

E esta edição também nos trouxe tristezas. A morte foi abordada, ambas subiram ao palco na terceira ronda – Fase Geral, no ritmo de milonga e um chamamé.

Aos silenciar das esporas, milonga escrita por Élson Lemos, musicada por ele mesmo, e defendida pela voz forte de Maurício Barcelos, foi a primeira da terceira ronda. O domador Dom Ricardo recebeu de volta as tantas surras que deu nos animais para deixá-los mansos de lombo.

(...)

Na falta de quem se foi,

Um cusco dorme num canto,

A vida perde o encanto

A morte trouxe as razões.

(...)

No galpão resta o silêncio
das esporas garroneiras,
Não chiou cedo a chaleira
prenunciando um mate novo,
resta um laço enrodilhado
areios no cavalete,
uma potra sem ginete
e um funeral lá no povo.

No mesmo tema, Raul Quiroga e Grupo Americanto defenderam Romance dos quatro mates, em que o autor Jadir Oliveira divide nossa vida em quatro partes: guri, mocidade, homem adulto e velhice. Suavemente, nos traduz a morte: “Cada mate representa,/ Uma quadra da existência/ Até que a alma sedenta/ Consiga encontrar querência!!!”

2005- duas décadas de existência e um tombamento a se comemorar. Na última página do livreto, a Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo juntamente com a Prefeitura Municipal, assinam uma mensagem a respeito do Tombamento, que diz no segundo parágrafo: “Este título consagra uma trajetória vitoriosa de um dos maiores festivais nativistas do Estado, e de todas as pessoas que ao longo de duas décadas se empenhara em sua organização”. Em junho de 2005 pela iniciativa do, então, Deputado Estadual Jerônimo Goergen, foi aceito por unanimidade em Sessão Plenária o Projeto de Lei (PL) 100/2005, o direito de o Carijo ser consagrado Patrimônio Cultural do Rio Grande do Sul.

Imagino que o ano de 2005 possa não ter sido escolhido por acaso. Neste ano o Festival completou 20 edições, ou seja, de sua primeira edição em maio de 1986 até o ano de 2005 todos os anos aconteceu no Parque de Municipal de Exposições Tealmo José Schardong o Carijo da Canção Gaúcha, que sempre tem sua razão de existência as manifestações artísticas culturais que sobem ao palco. No ano de 2012, o Festival se abrihantou com sua 27ª Edição.

No PL o Deputado argumenta os motivos que o leva a acreditar num Tombamento necessário, pois

O evento, de inspiração nativista, visa resgatar e valorizar os costumes e as tradições do povo do Rio Grande do Sul, através da música gaúcha primando pelo enfoque da linha campeira nas composições que desde dos primórdios caracterizou-se como a sua referência fundamental, o que lhe conferiu a credibilidade quanto a fidelidade as origens e a preservação da sua essência.

E fecha sua “fala” da seguinte forma:

Verdadeiro salão social dos ervateiros, o Carijo desde de suas origens, foi um ritual festivo e competitivo, em que as noites de ronda se encurtavam com anedotas, chistes, causos, assombrações, os desafios rimados e os descantes ao som do violão ou da acordeona, animados a tragos de canha. Tudo isso agora revive simbolicamente no Carijo da Canção Gaúcha, com o concerto de artistas de todo o Brasil.

A vigésima primeira edição do Carijo da Canção Gaúcha no ano de 2006, teve um acontecimento um tanto que inusitado. Podemos até dizer engraçado.

Nesta edição, além do prêmio de primeiro lugar (Troféu Pé-no-Chão) o ganhador levaria um Fiat Uno 0km pra casa. Recordo que ouvindo uma das rádios da cidade, o repórter pergunta a um dos componentes de “um certo quarteto de ouro” o que eles iriam fazer caso ganhassem o primeiro lugar, e na alegria ele responde: “Vamos dividir. Cada um fica com uma parte: já que é um carro de quatro portas, cada um ficará

com uma. E cada um terá direito a ter um pneu.” E ambos, repórter e músico, caíram na risada. E né que os moços ganharam!

Foi deles o primeiro lugar com a música *Gaúcho, cerne e raiz*, onde o quarteto: Raul Quiroga, Horácio Bitencourt, Nenito Sarturi e Miguel Marques defenderam a letra de Nenito e música de Leonardo Sarturi e Zé Ribeiro. Na música cada uma das vozes representa uma forma de colaboração na formação do Rio Grande do Sul: serrano, fronteiro, missioneiro e pampeano. Em cada parágrafo suas característica e o pampeano, cantado pelo Quiroga, em espanhol. A chamarra vencedora do 21º Carijo tem como refrão:

Pouco importa a origem que trago
 Se é da serra, missões, litoral...
 Se carrego a raiz fronteiriça,
 Da campanha ou da banda oriental.
 O que importa é o amor pela terra
 Que, no mundo não há outra igual;
 O que importa é que sou gaúcho
 E é por isso que sou imortal!



O Patrono do Festival recebeu homenagem na voz de Leonardo Paim na terceira ronda. *Pra ti Mozart* foi escrita por Leonardo Pinheiro e Maurício Silveira, e musicada por Alexandre Scherer e Roberto Carvalho, e conquistou o segundo lugar. A canção faz menção ao saudoso Mozart Perreira Soares na forma poética de uma conversa entre um aprendiz e um grande sábio: “(...) Pois sei que trazer junto ao peito um bom engenho/ E os segredos de matear com a erva buena”.

Outra homenagem foi para a Praça Paulo Ardengui, mas mais conhecida como Praça da Vila Velha, por estar localizada no bairro com o mesmo nome. Wilmar Winck de Souza carinhosamente homenageia a praça com a música intitulada *Praça da Vila Velha*, que foi defendida e musicada pelo também palmeirense, Aurélio Moraes. Na música, Wilmar conta a história dos nomes que a praça já recebeu, dos romances nas sombras das árvores, de fatos que ocorreram, e “O aconchego de tua praça/ Foi recreio pra os guris”, nos conta o refrão.

Ao abrimos o livreto da 22ª edição do Carijo, no ano de 2007, temos de início um texto assinado pela então Secretária do Estado da Cultura, Mônica Leal, que semeia belas palavras ao falar de cultura, Carijo e população.

(...) Mantendo a tradição, obtemos subsídios para conquistar solidez na realização de eventos que cumprem seu papel de divulgadores da cultura gaúcha e por isso alcançam sucesso, têm público cativo e atravessam décadas se realizando ininterruptamente. É o caso do Carijo da Canção Gaúcha, que se funde com Palmeira das Missões e contribui para torná-la município referência em história, tradição, memória, hospitalidade, cultivo de valores e música. (...) Precisamos olhar as cidades do interior como significativos instrumentos fazedores de cultura, que valorizam sua própria produção e o trabalho dos artistas dali oriundos.

A capa do CD desta edição tem algo especial: é alusiva a comemoração dos sesquicentenário da paróquia da cidade.



Capa CD 22º Carijo - 2007

E os agradecimentos foram mesmo para a terra sulina amada. *Mil graças, terra gaúcha!*. Escrita por Paulo Ricardo Costa e Salvador Lamberty a música foi a sétima a ser defendida na segunda ronda na Fase Geral e contém elementos simples que não podem faltar no dia a dia de um gaúcho bueno: violão, cavalo, mate, a terra, e a natureza com toda sua beleza. Musicada e defendida por Nilton Ferreira, na parceria de palco de Jorge Freitas. E o chamamé inicia da seguinte forma:

Um sol se levanta na anca lustrosa de um gateado oveiro...
 E lá no terreiro, rastejam esperas em nacos de grama,
 Tinidos de argola quebrando o silêncio nas loncas em tentos,
 Cantigas do vento recitam seus versos nos furos das tramas;

A música que levou o troféu Chimarrão, como a mais popular da edição, foi a intitulado Baile do Bigode, escrita por Gilberto Lamaison, que assina também a parte da música juntamente com Gabriel Lucas dos Santos. A letra nos guia para um baile e toda a sua alegria e suas peculiaridades, onde o dono do lugar, o Véio Bigode, havia feito um

“puxadinho no assoalho” e estava convidando um povo para um baile de inauguração. E o peão que está contando esse fato para nós nos conta: “Entrada barata e de sobra fartura/ Dizia “nas tábuas” pregada ao moirão(...)”, e que o Grupo Porvadera defende no refrão:

Cinco pila “pros home”, livre “pras moça”
 É de Ibirapuitã o gaitero buerano
 Cinquenta “centavo” o martelo de canha
 E dois “pila” a caneca de vinho serrano.
 “Vendemo” docinho, bolo de milho
 Cerveja, gasosa e “fritemo” pastel
 Favor entregar o revolver na copa
 E aqui não se dança de espora e chapéu.

O segundo lugar ficou com a milonga defendida por Jean Kirchoff, que também levou o troféu Cevadura de melhor intérprete, na música de Piero Ereno, que levou o troféu Cancheador como melhor arranjo instrumental: *Na luz do teu olhar*. O palmeirense Rômulo Chaves ariscou sua letra na Fase Geral e batalhou de igual para igual com os demais concorrentes, e foi feliz. A milonga fala de amor e de um peão que parece estar longe da prenda amada: “(...) Pois sei que preciso ganhar teu sorriso, por isso não minto/ Te digo que amo, em meu peito te chamo, vem ficar ao meu lado”.

Melhor arranjo vocal, troféu Soque de Erva-Mate, ficou com a música defendida por Juliano Javoski e Os Quatro Ventos, intitulada *Prova de Poço*. A milonga escrita por Adelmir Disconzi retrata uma “profissão” muito viva antigamente, principalmente por aqueles que gostariam de ter poço d’água em seu terreno. Foram profissionais de muita valia, que com o passar do tempo foram esquecido pela história pois não se precisou mais de seus trabalhos.

Forquilha de pessegueiro
 Colhida com muito jeito;
 Uma haste em cada mão
 E a ponta perto do peito.
 O proveiro se concentra
 Na busca de um manancial,

Empunha o tosco instrumento

E começa o seu ritual.

(...)

Pode dizer pro poceiro

Que essa prova é bem segura

Em menos de cinco braças

Vai ter água com fartura.

A natureza também é exaltada na música *De campo e rio*, defendida pela dupla: Leonardo Paim e Cristiano Quevedo. Com letra de Gujo Teixeira a música levou o primeiro lugar da edição. Aborda metaforicamente a vida do campo e a vida do rio, ambas com as suas tarefas, com suas dificuldades e conquistas. No refrão há um resumo de toda a bela letra musicada por Sabani Felipe de Souza:

Por isso que campo e rio

Que campeiro e pescador...

Sabem que a paz é o momento

Em que a vida na voz do vento

Leva a gente aonde for.

E assim acabamos a 22ª edição do Carijo, que contou com grandes shows que abrilhantaram muito mais o festival: Grupo Rodeio, Joca Martins, Nilton Ferreira, Dante Ramon Ledesma, Borghetinho, João Luiz Corrêa e Luiz Marengo.

Faltou palavra.

Verificando os tantos livretos que tenho em mãos, pude comprovar que certas edições faltaram as palavras tanto para o poder executivo quanto para a comissão organizadora em suas respectivas mensagens.

A Mensagem do Executivo Municipal das edições: 16ª (2001), 17ª (2002), 18ª (2003) e 19ª (2004) são exatamente iguais, quem sabe uma ou outra sem alguma vírgula, começando com “O histórico dos grandes e duradouros eventos (...)” e terminando com “(...) tertúlia e fandangos.”

Da mesma maneira que nos anos de 2005 (20ª), 2006 (21ª), 2007 (22ª) e 2008 (23ª) a Mensagem Inicial da Comissão Organizadora foi igual em todas as quatro

edições. Iniciando com “A Administração Municipal, através (...)” e terminando, além das assinaturas, com “(...) das tertúlias, dos fandangos e das rondas crioulas.”.

Como podemos notar, ambas mensagens acabam com as mesmas palavras. Mas isso não foi a única “mera coincidência”. Podemos fazer a leitura da Mensagem da Comissão Organizadora do 20º Carijo e ler a Mensagem do Executivo Municipal do 17º Carijo e encontraremos muitas frases iguais.

Concluimos que: faltaram as palavras.

Os sucessos⁵.

No ano de 1990, uma das vozes mais respeitadas do Rio Grande, com inúmeros álbuns gravados, que na época ainda não era bem conhecido, subia ao palco do Festival para defender a música intitulada “*Volta de tropa*”. A chamarrita que foi a décima música da primeira ronda, tem letra de Eliezer Tadeu de Souza e Luíz Marengo, e traz em versos:

Que lindo ver a querência
Cada cerro, casa aguada
Prá quem cruzou madrugadas
Nas rondas, sonhando vê-las
Vem uma lágrima sinuela
Ponteando a felicidade
De quem viveu na saudade
Entre o pampa e as estrelas.

Essa mesma música foi regravada em 1993 do mesmo artista no álbum intitulado “*Filosofia de andejo*” e recentemente gravada novamente no álbum “*Meu rastro - I*” do ano de 2012.

Outros sucessos foram:

NOME DA MÚSICA	LETRA	EDIÇÃO
Zaino Negro	Dorval Dias e Charrua	9º Carijo
Nazarenas	Luiz Bastos	3º Carijo

⁵ Baseado na coletânea *As melhores canções gaúchas* – Usa Discos, composta por 15 volumes.

De manhã cedo	Rogério Ávila	6º Carijo
O mate do norte	Vaine Darde	7º Carijo
Coplas de um Índio Xucro	Rogério Ávila/ Edegar Ocana	7º Carijo
Desalentos	Mauro Marques	11º Carijo
Pra meu consumo	Gujo Teixeira	12º Carijo
Milonga do campo largo	Gujo Teixeira	13º Carijo
De boas vindas	Gujo Teixeira	14º Carijo
Alpargatiando	Davi Teixeira	18º Carijo
Moura Negra	Aléx Silveira	18º Carijo

Na edição número dezoito, a música mais popular da edição foi *Roçando as "viria"*, interpretada por César Oliveira e Rogério Melo, que também levou o troféu de melhor instrumentista.

- Tocando com a dupla César Oliveira e Rogério Melo a gente participou com um tema, que inclusive ficou bem conhecido na voz deles, que é aquela....aquela da "Tita Beijuda", uma rancheira, que conta uma história do baile, e tal...tinha um solo de violão muito legal, e eu acabei ganhando o troféu de 'melhor instrumentista' com essa música. – MARCELO CAMINHA, um dos tocadores.

(...)

À oito soco gemia e roncava

Se chamarreava na rancheira potra

Saltava fogo e um clarão se abria

Quando eu tinha uma espora na outra

Mas de repente "tropiquei" de fato

Assim relato o fato "assucedido"

Foi sem querer, mas ninguém acredita

Me firmei na Tita e rasguei-lhe o vestido.

(...)

O intérprete Pirisca Grecco não fazia ideia de que a música *Jogando Truco* se tornaria praticamente um manual de como jogar Truco.

- Eu acho que, em cada disco já de uma certa forma garante a imortalidade da música. Eu acho bacana. Não planejei muito ela ser um sucesso no festival ou coisas assim, sempre fui me levando, fazendo a leitura, conquistando espaço, tudo tranquilo. Nunca pensei: “campeão!”, nunca passou pela minha cabeça. E essa música é feita com muitas gírias do jogo do truco que é da gurizada, da bagacerada de Uruguaiana. Então, confesso que a recepção foi mais quente que no Carijo. – PIRISCA GRECCO, o jogador.

(...)

Os três e os dois em seguida, os guembe e o valente rei
 Pra esse nunca se mente, e isso no truco é lei
 Uma perninha é mutuca sempre tira boi do mato
 Com manilha meta truco, dispare do vale-quatro.

(...)

Fica o último recado deste gaúcho pajador
 Quem tiver azar no jogo está com sorte no amor
 Façam seu jogo senhores quem se arrisca aprende a manha
 Como é no truco é na vida quem não aposta não ganha!

E assim por diante, o Carijo tem colaborado com a Cultura Musical Gaúcha, timbrando sucessos ou apenas lembranças.

INFORMAÇÕES EXTRAS

As páginas “adiantes” fornecerão pequenas informações para o leitor ficar um pouco mais informado sobre o Festival Carijo da Canção Gaúcha. Nelas serão apresentadas fotos de jornais locais, fotos do acervo encontrado na Secretaria Municipal de Cultura e fotos dos moldes dos troféus, em papel manteiga, utilizados pelo artesão Júlio César da Rosa.

SUCESSO DO CARIJO FOI ABSOLUTO

O I CARJO DA CANÇÃO GAÚCHA, realizado em Palmeira das Missões de 22 a 25 de maio, constituiu-se sob todos os aspectos, no mais completo e absoluto êxito.

Um sucesso sem precedentes na história cultural de nosso município e região interior do Estado. Autoridades, participantes, visitantes, jurados, todos foram unânimes em afirmar, ter sido o I Carjo da Canção Gaúcha, o Festival dos Festivais - pela sua organização, infra-estrutura, júri de alta qualificação, músicas de alto nível. Tudo levou a soma de esforços da qualificada Comissão Central - desdobrando-se para dar atendimento a todos os setores do Carjo. A participação não foi apenas de gaúchos. Visitaram Palmeira das Missões, com o fim específico de assistir ao I Carjo, baianos, paranaenses e catarinenses.

O JURÍ

Professora Rose Marie Reis Garcia - etnomusicóloga, folclorista, chefe do Dep. de Música do Inst. de Artes da URS. Mestre em Educação do Inst. Gaúcho de

Tradição e Folclore. Integrante de Comissões julgadoras de numerosos festivais.

Milton Souza - radialista. Produtor de programas gaúchos em rádio e televisão há quase 25 anos. Um dos criadores da Colônia da Canção Nativa de Uruguiana. Estudioso dos usos e costumes dos gaúchos brasileiros, argentinos e uruguaios.

Honeyde Bertussi - acordeonista conhecido em todo o país. Em 31 anos de carreira artística gravou mais de 30 discos dos quais 21 de longa duração. Veterano de 31 Congressos tradicionalistas do RGS. Detentor de 103 troféus, inclusive o de Comendador, outorgado pelo Governo do Estado.

João Carlos Paixão Cortes - fundador do CIC 35, organizador de vários programas culturais em rádio e televisão sobre gauchismo. Pesquisador de nossas tradições e folclore, autor de numerosas obras do gênero. Ex-diretor do Inst. Gaúcho de Tradição e Folclore.

Prof. Mozart Pereira Soares - Gatedrático da URS. Membro da Estância da Pou-

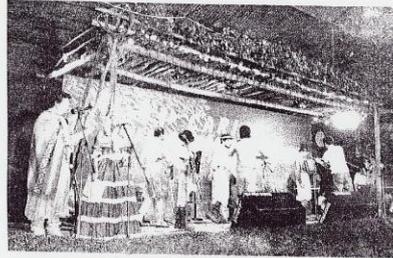
sia Crioula, da Academia Riograndense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico do RGS e do Conselho Estadual de Cultura. Jurado de vários festivais, inclusive da Califórnia da Canção Nativa. Edison Otto advogado, consagrado interprete da música regionalista, venceu em vários festivais, desde a Califórnia da Canção Nativa, em que já foi agraciado com a "Gallandra de Ouro". Jurado em numerosos festivais. E diretor do Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore.

Prof. José Roberto Diniz de Moraes - musicólogo, Professor de Folclore da Faculdade de Música Palestrina, da qual foi diretor; Coordenador do Curso de Folclore em nível de Pós-graduação da mesma faculdade. Curso superior de música em violino. Violino Spala da OSPA.

AS MÚSICAS.

Foram 251 peças musicais inscritas ao I Carjo. Destas foram selecionadas 36 que se apresentaram nas 3 primeiras noites do Carjo

Continuação na página 08



O vistoso e sugestivo palco armado dentro do Parque de Exposições, imitando uma réplica perfeita do carjo usados pelos ervateiros. A decoração do carjo foi muito comentada e aplaudida por quantos tiveram a oportunidade de ver e participar do evento.



A partir da direita, Aurelio Moraes intérprete da música vencedora do I Carjo da Canção Gaúcha - Avô Gaitero, com o seu compositor Angelino Carvalho, jovem palmeirense agora residindo em Cruz Alta. No centro, o pai de Angelino, que foi entusiasmado ovacionado pelo enorme público presente no Festival dos Festivais.

COLHEITADEIRA NEW HOLLAND 8.040-A MÁQUINA MUNDIAL

Jornal Tribuna da Produção, p. 03, 30/05/1986

DOCUMENTO DO 1º CARIJO

O documento do 1º Carjo da Canção Gaúcha de Palmeira das Missões redigido por seus jurados é algo para ficar e balizar daqui para frente os festivais de música gaúcha.

Trata-se de um documento corajoso e oportuno e deveria constar na divulgação de todos os festivais do gênero, razão pela qual transcrevemos na íntegra: "A Comissão do 1º Carjo da Canção Gaúcha de Palmeira das Missões realizado de 22 a 25 de maio de 1986 entendendo que se deve, cada vez mais valorizar, incentivar o diálogo entre as pessoas concorrentes a festivais e os que tem a missão de avaliar sua contribuição cultural, expressa por este instrumento, os seguintes considerandos, respeitando a liberdade criativa, desde que fundamentada na cultura sul-riograndense:

a) É de fundamental importância o respeito ao regulamento de qualquer festival, por constituir o código a ser reciprocamente obedecido;

b) Deve haver correspondência entre o material apresentado em palco e aquele entregue à pré-seleção especialmente no que concer-

ne a gênero e ritmo.

c) A criação musical em determinado gênero deve estar vinculada às características deste gênero no Rio Grande do Sul;

d) Deve-se evitar a inserção de gêneros e ritmos estranhos à música riograndense;

e) A apresentação sonora da música sul-riograndense deve ser reiterada nos festivais, através do instrumental mais característico;

f) O zelo para com a expressão vocal na interpretação da música é fundamental para que esta possa transmitir a mensagem musical regional gaúchesca;

g) As constantes transformações sócio culturais e econômicas do Rio Grande do Sul, diante do contexto universal, evidenciam a necessidade das letras e músicas registrarem, não só a temática da tradição, mas também as características evolutivas da atualidade e as perspectivas de transmissão destes valores às gerações futuras".

Assinaram o manifesto Rose Maria Reis Garcia, Edison Otto, Milton Souza, José Diniz de Moraes, Honeyde Bertussi, João Paixão Cortes e Mozart Pereira Soares, os jurados.

Documento intitulado "Documento do 1º Carjo" assinado pela comissão organizadora. Jornal Tribuna da Produção, p.05, 06/06/1986 [Não encontrado pela pesquisadora]

3º CARIJO EMPOLGOU, MAS JURI DESAGRADOU PÚBLICO

Tudo sobre o Carijo nas páginas 6 e 7.
À direita Gentil Nery, Davi Menezes Jr. e Jorge Costa Melo, os autores e intérprete da música **Centrouvante de Bigode**, escolhida a Mais Popular pelo público. Abaixo, o presidente da Comissão Central, Wilmar Winck de Souza, com o assessor de comunicação, Osvaldo dos Santos. À esquerda o prefeito Lourenço Ardenghi e Wilmar Winck de Souza.

DESFILE DE TRATORES DA RECOPAL

A RECOPAL - representante Massey Ferguson para P. das Missões e região, recebeu na manhã de ontem, 14 tratores dos modelos MF 292 Turbo 4x4, MF 296 4x4 e 290, transportados em três carretas diretamente da fábrica em Canoas-RS para a filial local. A foto mostra a chegada no trevo de acesso à cidade. Posteriormente, em caravana as carretas e autosoveias da Recopal fizeram um desfile nas principais ruas da cidade, que parou para olhar o inusitado desfile. Mario Yasper, gerente da RECOPAL, informou que os 14 tratores estão vendidos para agricultores de P. das Missões, Seberí e Erval Seco e serão entregues no decorrer das próximas semanas.

Jornal Tribuna da Produção, capa, 03/06/1988

MAIS UM CARIJO SUCESSO ABSOLUTO

O 4º Carijo da Canção Gaúcha realizado de 25 a 28 de maio, mais uma vez constitui-se em absoluto sucesso. Na página 04 e 05 tudo sobre o festival e as músicas vencedoras.

Na primeira foto os jurados que escolheram as 12 melhores músicas para constar do 4º disco. Em primeiro plano o palmeirense Sergio Danilo Aragonez.

Na segunda foto, a partir da esquerda, o agricultor Zanir Donatti, ex-deputado Aldo Pinto, empresário Darci Crestani e vereador Jesus Mayer, na última noite do festival, num papo animado.

COMUNICADO DE IMPACTO

O Bradesco torna público que está garantindo

o pagamento de todo e qualquer cheque
Bradesco no valor de até 50 cruzados novos,
de emissão de seus clientes.

Essa prática caracteriza um novo estágio
de desenvolvimento do Bradesco e, ao mesmo
tempo, inicia um processo para valorizar
e fortalecer a confiança na instituição
do cheque bancário.

BRADESCO

Jornal Tribuna da Produção, capa, 02/06/1989

...edição 18 páginas - R\$ 1,00

UMA GRANDE FESTA PARA UM POVO DE MUITAS TRADIÇÕES



No momento em que este Jornal estiver circulando, o 12º Carijo da Canção Gaúcha, de Palmeira das Missões, já estará em andamento, trazendo a pura poesia da gente rio-grandense.

Foram centenas de peças avaliadas por todo o Rio Grande do Sul, mas apenas duas dezenas, pela beleza de suas letras, estarão desfilando nestas quatro noites de enlevo e emoção.

Os Carijos sempre despertaram no povo palmeirense um orgulho exemplar, não apenas pela produção cultural que aqui se faz, mas principalmen-

te pela capacidade que possui de aglutinar multidões em torno de um momento histórico que, a cada ano, se firma ainda mais no cenário artístico-cultural do Rio Grande do Sul. O Jornal da Cidade homenageia nesta edição todas as pessoas que desde o primeiro Carijo doaram-se para que esse evento chegasse na sua décima-segunda edição de forma brilhante e transformadora. Nas páginas internas circula o encarte comemorativo num trabalho de equipe do JC, que há um mês vem selecionando imagens e textos para esta edição histórica.

Jornal Cidade Regional, capa, 29/05/1997



13º Carijo da Canção Gaúcha. Jornal Cidade Regional, capa, 26/05/2000

PREMIAÇÕES

FASE LOCAL
Troféu Jorge Deroci Soares
Troféu Alvorino Cavalheiro
Troféu Matheus Bitencourt
Troféu Luis Presotto

GRANDE FINAL	
TROFÉU	“FUNÇÃO”
Troféu Pé-no-Chão	1º Lugar
Troféu Tarefaíro	2º Lugar
Troféu Erva-Mate	3º Lugar
Troféu Mozart Pereira Soares	Melhor trabalho sobre a história do município
Troféu Carijo	Melhor trabalho poético
Troféu Cancheador	Melhor arranjo instrumental
Troféu Chimarrão	Melhor intérprete
Troféu Sapegador	Melhor instrumentista
Troféu Palmeira das Missões	Melhor tema ecológico
Troféu Soque de Erva-Mate	Melhor arranjo vocal

Lembro que o Festival já contou com mais as seguintes premiações:

- Melhor indumentária coletiva
- Música mais popular
- Melhor tema campeiro
- Melhor intérprete masculino
- Melhor intérprete feminino
- Melhor tema contemporâneo
- Trabalho musical que melhor representa a música regional rio-grandense



Molde para execução do *Troféu Chimarrão*



Molde para execução do *Troféu Sapegador*



Molde para execução do *Troféu Cancheador*



Molde para execução do *Troféu Pé-no-Chão* [e] e *Troféu Tarefaíro* [d]



Troféu Carijo



Troféu Pé-no-Chão [e] e Troféu Erva-Mate [d]



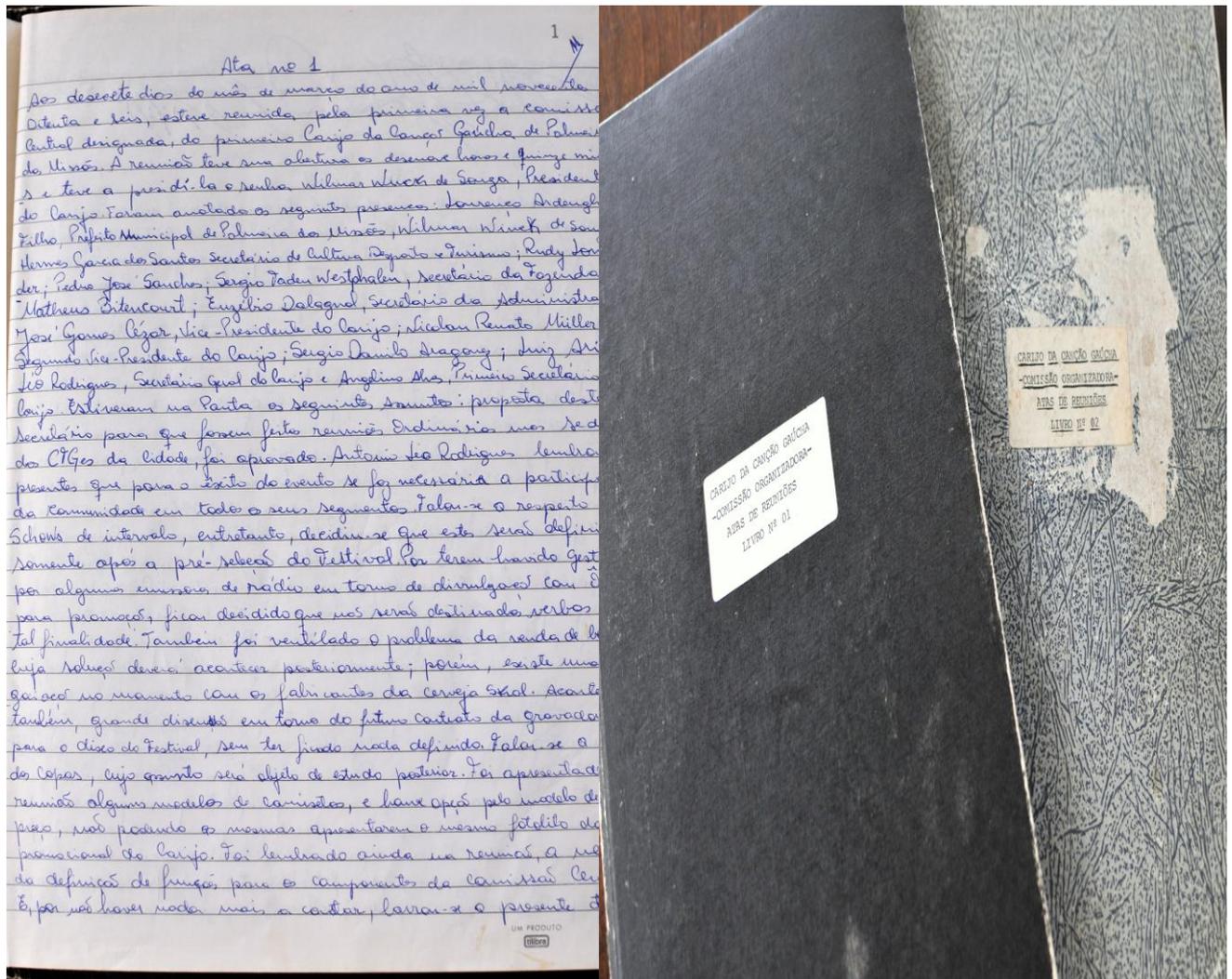
Fita Cassete do 1º Carijo da Canção Gaúcha



Jurados do 1º Carijo: Rose M. R. Garcia, Milton Souza, Honeide Bertussi, João Carlos P. Cortes, Mozart P. Soares, Edison Otto, José Roberto D. Moraes. [Acervo Municipal]



Apresentadores do 1º Carijo. Nico Fagundes e Vera Armando [Acervo Municipal]



Uma das poucas atas encontradas referentes ao Carijo. Livro 1 e 2.



Local onde ficam guardado as Fitas Cassetes enviados para comissão.

Lista dos presidentes de cada edição do festival Carijo da Canção Gaúcha

EDIÇÃO	PRESIDENTE
I Carijo	Wilmar Winck de Souza
II Carijo	Wilmar Winck de Souza
III Carijo	Wilmar Winck de Souza
IV Carijo	Bel. Odone Burtet Ghisleni
V Carijo	Bel. Odone Burtet Ghisleni
VI Carijo	José Carlos Vedana
VII Carijo	José Carlos Vedana
VIII Carijo	Celso Augustinho Valduga
IX Carijo	Érico Veríssimo de Almeida
X Carijo	Érico Veríssimo de Almeida
XI Carijo	Darci Crestani
XII Carijo	Antônio Leo Rodrigues
XIII Carijo	Clarice Aparecida dos Santos
XIV Carijo	Antônio Leo Rodrigues
XV Carijo	Antônio Leo Rodrigues
XVI Carijo	Hermes Garcia dos Santos
XVII Carijo	Hermes Garcia dos Santos
XVIII Carijo	Hermes Garcia dos Santos
XIX Carijo	João Tadeu Soares da Silva
XX Carijo	Sérgio Danilo Aragonez
XXI Carijo	Lair Antônio Vieira
XXII Carijo	Lair Antônio Vieira
XXIII Carijo	Lair Antônio Vieira
XXIV Carijo	Antônio Leo Rodrigues
XXV Carijo	Antônio Leo Rodrigues

Tabela das pessoas que mais exerceram o cargo de presidente do Festival

NÚMERO DE VEZES	NOME DO PRESIDENTE
5	Antônio Leo Rodrigues
3	Wilmar Winck de Souza
3	Lair Antônio Vieira
3	Hermes Garcia dos Santos

Tabela de relação ritmo musical e principais premiações do Festival

EDIÇÃO	1º LUGAR	2º LUGAR	3º LUGAR
I Carijo	Vaneirão	Toada	Bugio
II Carijo	Milonga	Vaneira	Toada/Rancheira
III Carijo	Toada	Vaneirão	Galopa Estilo
IV Carijo	Toada/Milonga	Milonga	Milonga
V Carijo	Chamamé	Milonga	Rancheira
VI Carijo	Chamamé	Canção	Milonga
VII Carijo	Milonga	Chamamé	Toada
VIII Carijo	Chamamé	Milonga	Milonga
IX Carijo	Toada Campeira	Chamamé	Milonga
X Carijo	Milonga	Chamamé	Toada
XI Carijo	Milonga	Milonga	Vaneirão
XII Carijo	Milonga	Milonga	Chamamé
XIII Carijo	Milonga	Milonga	Canção
XIV Carijo	Milonga	Chamamé	Milonga
XV Carijo	Milonga	Milonga	Chamamé
XVI Carijo	Chamara	Milonga	Mazurca
XVII Carijo	Milonga	Chamarrita	Milonga
XVIII Carijo	Rasguido Doble	Chamarra	Chamarra
XIX Carijo	Chamarrita	Chamarrita	Canção
XX Carijo	Milonga	Rasguido Doble	Milonga
XXI Carijo	Chamarra	Canção	Milonga
XXII Carijo	Milonga	Milonga	Rasguido Doble
XXIII Carijo	Chamarra	Polca	Milonga
XXIV Carijo	Milonga	Chamamé	Milonga
XXV Carijo	Chamarra	Milonga	Chamamé

Ritmos mais premiados

	1º lugar	2º lugar	3º lugar
“TOTAL”	Milonga	Chamamé	Chamarra

CONCLUSÃO

Ao término desta dissertação, conseguimos observar que a visibilidade da cidade de Palmeira das Missões em relação ao Estado cresceu depois da idealização do festival, auxiliando assim na economia interna do município.

Transforma uma atividade já esquecida do beneficiamento da erva-mate, o carijo, presente no cotidiano da cidade, fazendo que a cada mês de maio a população relembre a atividade executada por antigos munícipes e que agora é feita por máquinas, para “alimentar” nosso costume das rodas de chimarrão.

Da mesma maneira que o festival tem uma utilidade social e histórica, compartilhando assim informações e conhecimento cultural aos participantes do festival.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARDENGHI, L. G. Paróquia de Santo Antônio: criação e contexto histórico. IN **Paróquia Santo Antônio: 150 anos de vida e evangelização**. Paróquia Santo Antônio de Palmeira das Missões. Coordenação: Pe. Guilherme Maria van Rooden, Pe. Leocides Dalla Nora. 1ª Ed. Palmeira das Missões: Gráfica Ingrapal, 2007.

AZEVEDO, F. P. Mostra do redescobrimento: cultura brasileira ou culturas brasileiras? **Revista Princípios** – revista teórica, política e de informação. nº 59. nov. e dez.2000/jan.2001. p.67-74.

BRITO, A. P. **Arquivo do Dops: patrimônio cidadão**. XI Encontro de Extensão. 2009. Universidade Federal da Paraíba. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/anais/XIenexXIIenid/enex/XIENEX003c.html> Acesso em: 15.mai.2012.

CHARTIER, R. “Cultura Popular”: revisando um conceito historiográfico. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 8, nº 16, 1995, p. 179-192.

CRIADO, A. **Falares: a oralidade como elemento construtor da grande-reportagem**. 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27142/tde-04082009-212731/pt-br.php> Acesso em 05.dez.2012.

DIAS, V. N. C. O consumo de música regional como mediador da identidade. **Revista ponto-e-vírgula**. nº 4 p.344 – 357, 2008.

FREGA, A. La Construcción Monumental de un Héroe. In **Humanas**, Porto Alegre. v. 19. n. 1/2. P 121-149. Jan/dez,1995.

FITZ, R. A. Os jesuítas no território gaúcho IN **Releituras da História do Rio Grande do Sul**. Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore. Organizadores: Sandra da Silva Careli, Luiz Claudio Knierim. Porto Alegre, CORAG, 2011.

GALEANO, E. **De pernas pro ar: a escola do mundo ao avesso**. Porto Alegre: L&PM Editores, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HARTOG, F. A testemunha e o historiador. In **Fronteiras do milênio**. Organizado por Sandra Jatahy Pesavento. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS,2001.

LAGE, N. **A reportagem: teoria e técnica da entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LAGO, C. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Cláudia Lago, Marcia Benetti (orgs) – 2ª Edição. Rio de Janeiro:Vozes,2008.

LARAIA, R. B. **Cultura: um conceito antropológico**. 24ª edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

LESSA, L. C. B. **Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo**: como surgiu o Rio Grande. 4ª edição. Porto Alegre: AGE, 2002.

LUVIZOTTO, C. K. **Cultura gaúcha e separatismo no Rio Grande do Sul** – Como surgiu o Rio Grande. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

LYRA, R. M. S. A cultura sob a ótica de Canclini. **Cerberlegenda**. nº 7. 2002. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/renata3.htm> Acesso em: 25.out.2010.

MIRANDA, M.A.; TOLEDO, N.A. **O processo de adoção de crianças em Maringá**. 2007. Disponível em: http://www.cesumar.br/comunicacao/arquivos/tccjor2007/tccjor2007_marcela_nadila.pdf Acesso em 07.dez.2012.

NARLOCH, L. **Guia politicamente incorreto da história do Brasil**. São Paulo: Leya, 2011.

PESAVENTO, S. J. Uma certa Revolução Farroupilha. In **O Brasil Imperial**. Organização Keila Grinberg e Ricardo Salles. Vol. II. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p.256.

PRUX, P. R. **Guardiões de memória**: uma análise da relação entre patrimônio edificado e mídia impressa. Monografia de conclusão. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Comunicação Social – Hab. Jornalismo. 2005 Disponível em: [http://www.ram2009.unsam.edu.ar/GT/GT%2072%20-%20M%C3%BAsica,%20convivialidade,%20afetividade%20e%20C3%A9tica/GT%2072%20-%20Ponencia\[Marcon\].pdf](http://www.ram2009.unsam.edu.ar/GT/GT%2072%20-%20M%C3%BAsica,%20convivialidade,%20afetividade%20e%20C3%A9tica/GT%2072%20-%20Ponencia[Marcon].pdf) Acesso em: 19.out.2010.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. Colaboradores José Augusto de Souza Peres (et al). São Paulo: Atlas, 1985.

ROHTER, L. **Deu no New York Times**: o Brasil segundo a ótica de um repórter do jornal mais influente do mundo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

SANTI, A. **Do Partenon à Califórnia** – O nativismo gaúcho e suas origens. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

SILVA, S. B. Questões de método: Aspectos da prática de pesquisa em internet. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 22, p. 286-291, dez. 2011.

SINDIMATE. **Sindicato da Indústria do Mate do Estado do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <http://www.sindimaters.com.br/> Acesso em: 12.nov.2012.

SOARES, M. P. **Santo Antônio da Palmeira**: apontamentos para a história de Palmeira das Missões, comemorativos do Primeiro Centenário de sua Emancipação Política. 2ª Edição. Porto Alegre: AGE. 2004.

MARTIÍN-BARBERO, Jesús. Sujeito, comunicação e cultura. **Revista Comunicação & Educação**. São Paulo: Moderna / ECA-USP, n. 15, maio/ago. 1999. Entrevista concedida a Roseli Fígaro e Maria Aparecida Baccega. Disponível em:

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comeduc/article/view/4089/3841>
Acesso em: 24.out.2010.

BERKAI, D.; BRAGA, C.A. **500 anos de história da erva-mate**. 1ª ed. Editora Cone Sul: Canoas, RS.2000.

FAGUNDES, G. **Cevando mate**. 7ª ed. Porto Alegre, Habitasul,1984.

Periódicos

REVISTA GLOBO RURAL. São Paulo: Editora Globo, n 123, ano 11, jan/1996.

JORNAL CIDADE REGIONAL. Palmeira das Missões. Reportagens de 29/05/1997 (nº 20) até 2/06/2006 (nº 468).

JORNAL TRIBUNA DA PRODUÇÃO. Palmeira das Missões. Reportagens de 23/05/1986 até 9/06/1995.

Coletânea

AS MELHORES CANÇÕES GAÚCHAS. Usa Discos.

Acervo

Acervo da Secretaria Municipal de Palmeira das Missões

Livretos do festival do Carijo da Canção Gaúcha [acervo particular]

ANEXOS

ANEXO A – PROJETO DE LEI N° 100/2005**PROJETO DE LEI N° 100/2005**

Declara o Carijo da Canção Gaúcha integrante do patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul.

Art. 1º - Fica declarado como integrante do patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul, nos termos e para os fins dos arts. 221, 222 e 223 da Constituição do Estado, o CARIJO DA CANÇÃO GAÚCHA, realizado anualmente na cidade de Palmeira das Missões.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Sala das Sessões, em

Deputado(a) Jerônimo Goergen

JUSTIFICATIVA

O festival “ Carijo da Canção Gaúcha”, foi criado no ano de 1986, ano em que teve a sua primeira edição realizada, nos dias 22 á 25/86 de maio, na gestão do então prefeito Lourenço Ardenghi Filho, instituído através do decreto executivo n.º 22/86 e cuja organização sempre esteve a cargo da secretária municipal de cultura, desporto e turismo, sob a coordenação de uma comissão organizadora nomeada pelo executivo palmeirense com o apoio da chamadas “ forças vivas da comunidade”.

O evento, de inspiração nativista, visa resgatar e valorizar os costumes e as tradiçõesdo povo do Rio Grande do Sul, através da música gaúcha primando pelo enfoque da linha campeira nas composições que desde dos primórdios caracterizou – se como a sua referência fundamental, o quelhe conferiu a credibilidade quanto a fidelidade as origens e a preservação da sua essência.

Neste ano de 2005, o festival estará completando 20 anos de edições ininterruptas, consagrado pelo público e pela crítica como um dos maiores acontecimentos culturais do gênero no Estado. Palmeira das Missões orgulha – se de receber todos os anos no último final de semana do mês de maio, os artistas, entre compositores, músicos e intérpretes provenientes de todos os recantos do Rio Grande do Sul e também de outros estados do Brasil, numa grande festa de celebração aos valores da nossa terra. Para cá ocorre um imenso público, numa grande confraternização, em que são cultuados os valores terrenos, a hospitalidade que é uma marca indelével da gente palmeirense e as manifestações artístico culturais, que resumem a razão da existência do festival.

Reconhecido pela crítica especializada, pela imprensa, pelos artistas, e por toda a comunidade riograndense, o Carijo a tempos já ultrapassou as fronteiras do nosso estado, tendo recebido inscrições inclusive de alguns países da América do Sul.

No ano de 2004, o festival recebeu o maior e mais significativo destaque, tendo sido agraciado pelo governo do estado, através da Secretaria de Estado da Cultura, com o “Troféu Cultura Gaúcha”, prêmio que foi entregue em Porto Alegre junto com outros renomados eventos do Rio Grande do Sul.

Com o Carijo da Canção Gaúcha, Palmeira das Missões inscreveu uma página de destaque no calendário nos grandes festivais nativistas que hoje cobrem o mapa do Rio Grande com sucesso incomum. Talvez seu êxito não se deva apenas ao sentido de puro divertimento, ainda que consagrado pelo prestígio da arte. Antes disso essa espécie de regresso às origens significa uma redescoberta das fontes de nossos mais genuínos valores espirituais, que devemos manter e aprimorar, como nossa melhor contribuição para o progresso cultural do grande todo que é a Nação.

Outro dos fascínios dessas promoções vitoriosas em quase todas as faixas etárias, esta em sua esplêndida saúde moral, uma das mais belas conquistas do Movimento Tradicionalista Gaúcho, através incontáveis CTGs, que ora se expandem por todo o Brasil, a partir do Rio Grande do Sul.

Em seu sentido mais profundo, ele se traduz como a concretização de um novo diálogo entre a cidade e o campo, uma expressão singular de rurbanismo, em que o galpão antes rude abrigo de servidores rurais, assumiu a condição de espaço humanizado para encontro entre todas as classes, no ritual fraterno do chimarrão e na fusão afetiva de tertúlias e fandangos.

O título “Carijo”, além de expressivo é muito feliz para Palmeira das Missões que é filha da erva – mate. Ela começou no início do século XIX como “Vilinha do Erval”, um rancheiro de capim localizado na mesma coxilha onde se realiza esse festival em que as caravanas vindas de Cruz Alta se abasteciam do “Ouro Verde das Matas”, a primeira das riquezas que os jesuítas nos legaram.

Tal era a quantidade e principalmente a qualidade da “*ilexparaguariensis*”, aqui existente, que o primeiro acampamento cresceu tanto, como reza um relato da época, que em breve passou a Sede de um Distrito, com cerca de quinze mil quilômetros quadrados, entre Santa Barbara do Sul e Irai, por um lado e Passo Fundo e Santo Ângelo por outro.

Verdadeiro salão social dos ervateiros, o Carijo desde de suas origens, foi um ritual festivo e competitivo, em que as noites de ronda se incurtavam com anedotas, chistes, causos, assombrações, os desafios rimados e os descantes ao som do violão ou da cordeona, animados a tragos de canha. Tudo isso agora revive simbolicamente no Carijo da Canção Gaúcha, com o concerto de artistas de todo o Brasil.

Sala das Sessões, em

Deputado(a) Jerônimo Goergen

ANEXO B - LEI Nº 12.282**ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL**
ASSEMBLÉIA LEGISLATIVA
Gabinete de Consultoria Legislativa**LEI Nº 12.282, DE 01 DE JUNHO DE 2005.**

(publicada no DOE nº 104, de 06 de junho de 2005)

Declara o Carijo da Canção Gaúcha integrante do patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul.

O GOVERNADOR DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL.

Faço saber, em cumprimento ao disposto no artigo 82, inciso IV, da Constituição do Estado, que a Assembléia Legislativa aprovou e eu sanciono e promulgo a Lei seguinte:

Art. 1º - Fica declarado como integrante do patrimônio cultural do Estado do Rio Grande do Sul, nos termos e para os fins dos artigos 221, 222 e 223 da Constituição do Estado, o Carijo da Canção Gaúcha, realizado anualmente na cidade de Palmeira das Missões.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO PIRATINI, em Porto Alegre, 01 de junho de 2005.

FIM DO DOCUMENTO

APÊNDICE

APÊNDICE A – IDEIA DE DIAGRAMAÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM



1986 - O ano.

O Parque de Exposição Tealmo José Schardong acolheu entre os dias 9 a 12 de janeiro de 1986 cerca de mil tradicionalistas no 31º Congresso Tradicionalista Gaúcho. Sabe-se bem que naquela data, estavam reunidos os mais importantes do Movimento, como Mozart Pereira Soares e Antônio Augusto Fagundes. O Tradicionalismo Gaúcho estava brilhando naqueles dias, e o que viesse para acrescentar seria bem-vindo.

*Nesses tempos,
a música
gaúcha estava
precisando se
"reinventar" e
se firmar como
cultura. E por
isso os festivais
cresceram e
ainda crescem
muito em nosso
Estado.*

Nessa época, tanto Palmeira das Missões quanto o estado do Rio Grande do Sul estava se estabilizando na economia e a estabilizar-se como sociedade, visto que a Ditadura Militar ainda estava "fresca no ar". Palmeira das Missões já tinha sido "sede" da soja, do milho, da erva-mate, dos tropeiros. Apesar de não se ter muitas bibliografias sobre isso, Palmeira já teve em sua história grandes nomes "trepereados" por aí, principalmente guerreiros nas lutas travadas em São Paulo conhecidos como "Pé-no-chão". Conta-se também que na sombra da velha e robusta Timbaúva no caminho para o cemitério, foi aconchego para muitos tropeiros que vinham de São Paulo, Belo Horizonte, Paraná com rumo a outras fronteiras ou para o Uruguai, ou vice-versa. Aconchego também para lindos romances entre donas prendadas e tropeiros em busca de aventuras.

No meio de uma discussão e outra, Antônio A. Fagundes, ou "Nico", acaba comentando que Palmeira das Missões tinha uma estrutura maravilhosa no parque e uma região abençoada para abraçar um festival de música gaúcha.

3 CARIJO: A CRIA DOS FESTIVAIS

Isso era janeiro. E as pessoas que escutaram isso, resolveram levar fê na ideia. No mesmo instante começaram a matutar, planejar e comprar carne. Sim, foi em uma janta na propriedade do então prefeito da cidade, Lourenço Ardenghi Filho, que pessoas ligadas ao Tradicionalismo e a Cultura Gaúcha se reuniram para começar a debater essa possibilidade. Nessa reunião estavam presentes apenas pessoas convidadas, pessoas de confiança, pessoas que dariam “vida” ao projeto, este mal planejado ainda, pois antes dele pouca coisa se tinha para se embasar.

- Não houve ata da primeira reunião, pois foi uma coisa muito espontânea. O Lourenço que era prefeito na época pretendeu criar o festival, e também estava na Palmeira o Antonio Augusto Fagundes, e aí nos reunimos lá na casa dele, juntamente com o Dr. Mozart Perreira Soares. E o Dr Mozart logo já foi dizendo: “- Bom, se nós vamos criar um festival, ele deve se chamar Carijo da Canção. Pois a Palmeira é filha da erva-mate, porque tudo aconteceu aqui, na presença daqueles homens que chegaram para buscar erva!” O “ritual” do Carijo era muito comum de ser encontrado antigamente em solo palmeirense, pois, conta-nos Wilmar, era a única maneira que se tinha de secagem da erva, para depois levar a erva pro soque. – WILMAR WINK DE SOUZA, O Provisória.

Por isso muita coisa foi discutida, arquitetada, montada. Os participantes não sabiam por onde começar, confessam, mas isso não tirava a vontade de Palmeira das Missões ter um festival para abrilhantar o Estado e encher de orgulho seus munícipes. Muitos modelos foram pensados, mas uma coisa era certa: seria música nativista, que tratasse sobre o campo, a lida, a vida campeira. Essa linha temática segue-se até hoje, sem mudanças ou modificações.

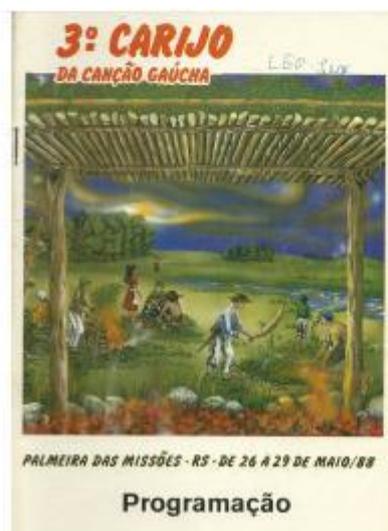
Juntamente com a linha temática, foi pensado os ritmos que seriam aprovados neste festival. Esses foram escolhidos de acordo com as normas já estabelecidas pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho, que seriam o guia-mestre para as músicas nativistas: Canção, Bugio, Vaneira, Milonga, Chote, Valsa, Chamamé, Vaneirão, Rancheira, Marcha, Chamarrita, Rasguido Doble, Zamba, Mazurca, Toada e Chamarra. Todo o evento recebe um nome, algo que o represente em si, que expresse muitas coisas ao dizer. E com o Festival não poderia ser diferente: tinha que ter um nome representativo que ao mesmo tempo pudesse lembrar a Cultura Gaúcha. O Sr. "Doutor" Mozart Perreira Soares, com toda a sua inteligência, explicou que o nome que o festival deveria ser batizado é: Carijo. Não é qualquer nome ou qualquer parte da Cultura Gaúcha. Mozart afirmava que o nome era significativo tanto para a cidade quanto para o Estado, visto que o Carijo fazia parte do processo de beneficiamento da erva-mate, e como a erva-mate já tinha feito história na velha Palmeira, nada mais justo do que agradecer por tanto prestígio.

Carijo.

Carjo é um aramado feito de madeira que está dentro do processo de beneficiamento da erva-mate como um todo. A utilização do jirau, seguindo a ordem do beneficiamento é a terceira: posterior pelo corte da erva, o sapeco, e anterior ao cancheir, ao soque e ao acondicionamento. Esse aramado era geralmente montado perto de um riacho ou córrego,

5 CARIJO: A CRIA DOS FESTIVAIS

para que caso acontecesse alguma coisa, haveria água por perto. A estrutura deveria ficar a um metro e meio ou mais do solo, em forma de cumeeira rasa, cercado de pedras grandes para quando a brasa saltar não saísse do cercado. Dentro desse cercado a brasa deveria ser controlada pela água do riacho para não subir muito, não atingido os feixes de erva. O braseiro era abastecido muitas vezes de plantas aromáticas como Cabreúva, pitangueira ou guabiroba, em que o aroma fosse transferido à erva. O Carijo também teve seus romances, há algo lindo nas rondas de Carijo. Como esse trabalho deveria ser com cautela, e isso levaria dias para estar completamente seca os feixes de erva, essa tarefa recebeu o nome de 'ronda', e rondar é vigiar. E nessa vigília, muitos romances se aqueceram, muitos gaiteiros e violeiros se consagraram entre os trabalhadores. Sem dúvida as rondas de Carijo foram lindos encontros musicais em que a música embalava amores, trabalho e erva-mate da boa.



Decido esses três quesitos, que eram os mais importantes para se ter um norte, a data de quando este festival iria acontecer foi o item complicado. Estávamos em janeiro, e pela euforia dos participantes/organizadores esse festival teria que ser no mesmo ano. E assim se fez. Planejam para que o festival acontecesse em maio, Maio? Sim. Para isso acontecer mesmo, de acordo com o plano, a divulgação deveria ser séria e objetiva. Findado essa etapa primeira, um grupo saiu pela região e pelo estado divulgando o Festival Carijó da Canção Gaúcha. Conversaram com representantes da administração estadual, foram em eventos ligados ao tradicionalismo, falaram com pessoas ligadas a música e até mesmo que pessoas que participaram do primeiro festival do Estado, Califórnia da Canção Nativa.

Os troféus.

Enquanto o grupo saía para divulgação, Mozart via a necessidade de também ter troféus personalizados ao Festival. Chamou Hermes Garcia do Santos para juntos pensarem em algo. Hermes lembrou de um artesão que trabalhava com madeira, que poderia quem sabe dar vida as ideias. Procuraram Júlio César da Rosa e expuseram as necessidades. Prontamente, Mozart fez questão de dar aulas de história e cultura para o bom artesão como forma de justificar e transmitir as ideias dos troféus. Dessa forma simples e objetiva, Júlio conta que Mozart nunca se incomodou de explicar e dividir sua inteligência e conhecimento com outras pessoas, principalmente quando se tratava para um bem coletivo. Dessa maneira, Júlio ouviu como era o processo de

7 CARIJO: A CRIA DOS FESTIVAIS

beneficiamento da erva-mate e em cima disso criou um a um os troféus que iriam premiar as primeiras vozes do Festival.

- Como eu trabalhava com o Jaime Ghelen, daí ele sabia que eu fazia camas entalhadas, móveis trabalhados naquela época. Daí ele foi lá e me disse: "Eu vejo você entalhando várias coisas, tu não queria fazer uns troféus pra um festival? Eu não queria comprar troféu pronto, eu queria uma coisa de Palmeira, uma coisa característica daqui, eu já tenho até os motivos. Como vai ser Carijo o nome, eu tenho até os motivos". E assim fomos pensando. JULIO CÉSAR DA ROSA, O artesão.

Portanto temos os seguintes troféus:

1º lugar temos o troféu **Pé-no-Chão**,

2º lugar recebeu o troféu **Tarefaíro**,

3º lugar o troféu **Erva-Mate**

- O troféu do pé-no-chão, ele surgiu depois de uns dias que ele estava pensando em fazer o primeiro lugar, não seria o troféu pé-no-chão. Seria um outro. Mas daí o Hermes falou que Seu Mozart tinha comentado com ele sobre o pé-no-chão, que foi um soldado numa época lá, foi um cara que lutou. - JULIO CÉSAR ROSA, O artesão.



Da esquerda para direita: Troféu Pé-no-Chão, Troféu Erva-mate e Troféu Tarefaíro.

8

A esposa do artesão, a Sra Noeci Rosa, nos conta que para mostrar a ideia para Mozart e Hermes, ela ajudou o marido a fazer os protótipos de Durepoxi, que realmente foi um sacrifício, mas que no fim valeu a pena.

- Foram quase 40 pacotes do produto para poder fazer o troféu Pé-no-chão. Foi praticamente a madrugada inteira fazer e amassando a massa. NOECI ROSA.

As cifra\$.

Apesar de os troféus de madeira serem sempre os mesmos, os valores em dinheiro iam mudando. Atualmente ver cifras da época em que a espécie monetária que circulava no Brasil era o Cruzeiro ou o Novo Cruzeiro é uma maravilha, pois podemos observar muitos zeros, números extensos e valiosos.

Observe as cifras extraordinárias das premiações, abaixo:



4º Carijó - 1989



6º Carijó - 1991

9 CARIJO: A CRIA DOS FESTIVAIS

Lindos não?! Realmente, para os mais novos esse exagero de zero é uma maravilha, mas para época era um valor razoável. Atualmente, os zeros diminuíram assim como a espécie também. Das variações de Cruzeiro passamos para o Real e nessa mudança os valores a serem pagos no ano de 2005 [20ª edição] foi de: R\$ 2.500,00 para o primeiro lugar; R\$ 1.500,00 para o segundo; e R\$ 1.000,00, terceiro.

Os dias iam seguindo e se aproximava do mês de maio. O mesmo grupo que se reuniu no começo da história, monta a Comissão Organizadora, que na época foi chamada de Comissão Central. Da primeira edição à vigésima quinta, poucos cargos mudaram, na verdade o que aconteceu foi a evolução do festival e a adaptação de dificuldades encontradas.

Nessa Comissão podemos notar nomes que levam a abreviatura “Dr.”. Muitos deles não tinham o doutorado, mas é a forma culturalmente carinhosa de respeito para com as pessoas mais inteligentes e intelectuais. Seguindo a lista temos: Vice-presidente: José Gomes Cezar e Renato Nicolau Müller; Coordenação Artística Cultural: Dr. Mozart Pereira Soares e Dr. Antonio Augusto Fagundes; Prefeito da Cidade de Lona Sr. Ademar Canavezzi; Tesoureiro: Sérgio Tadeu Westphalen; Secretário Geral: Sr. Antonio Léo Rodrigues; 1º Secretário: Sr. Angelino Alves; Coordenador de Infraestrutura do parque: Dr. Euzébio Dalagnol; Coordenação de divulgação e artes gráficas: Hermes Garcia dos Santos; Recepção: Grupo de Escoteiros “Cacique Sepé Tiarajú” e Coordenadoria da 17ª Região Tradicionalista; Copa e Bolicho: Veríssimo Santos Cavalheiro Ávila; Hospedagem: Odone Burtet Ghisleni.

Como o planejado, o novo Festival teve bom mercado e recebeu

muito mais inscrições do que a própria comissão esperava. Ao total foram 251 canções inscritas, com nomes de grande prestígio como João Chagas Leite, Adão Quintana, Juliano Javoski, Sérgio Napp, Jaime Caetano Braun, Apparício Silva Rillo, Luiz Carlos Borges, José Ataíde Sarturi, o Nenito Sarturi, pessoas que colocaram fé no novo projeto. Realmente era para ser um evento que iria marcar.

- Na época, não me lembro o número exato, mas perto de 217 inscrições. Mas para a época era um grande número de inscritos até porque nós lançamos um festival no final de janeiro e ele já aconteceu em início de maio. Então ele foi criado e divulgado e concluído em noventa dias. O impacto do festival causou no RS no mundo cultural, envolvendo os artistas mais importantes do nativismo, do tradicionalismo foi muito grande. – ANTONIO LEO RODRIGUES, o maior presidente.

Sabe-se que desde a primeira edição, criou-se padrões que deveriam ser seguidos. Alguns se modificaram, como a divisão dos ingressos dentro do pavilhão, mas outras continuaram intactas: desde a primeira edição há um acampamento de lona nas dependências do parque, a linha musical e temática não mudou, a roupa padrão para estar no palco deveria ser a pilcha gaúcha instituída pelo Movimento e que dentre o corpo de jurados sempre deveria conter um membro da sociedade palmeirense que entendesse de música e/ou cultura musical gaúcha.

